DUAS EPOCHAS DA VIDA

POR

Camillo Castello-Branco.

PORTO

TYPOGRAPHIA DE A. DA S. SANTOS

Rua de Santa Catharina n.º 13 a 15.

1854.

DUAS EPOCHAS NA VIDA

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

PORTO
TYPOGRAPHIA DE A. DA S. SANTOS.
Rua de St.ª Catharina n.º 13 a 15.
1854.

PRECEITOS DO CORAÇÃO.

Quand je reçus la vie au milieu des alarmes ,
Et qu'aux cris maternels répondant par mes larmes ,
J'entrai dans l'univers , escorté de douleurs ,
J'y vins pour y marcher de malheurs en malheurs.

Racine.

O HOMEM !

Insondavel mysterio , mixto informe
De crenças , de vontades , e de acções !
Cháos confuso de revoltos seres ,
De encontradas paixões !

Comprehêndes-te ? não ! Estuda , oh homem ,
Esse abismo , que tens fechado em ti !..
Ah ! mostra-me a verdade , aponta-a , e diz-me :
« Se a buscas , eil-a aqui ! »

MINHA MÃE.

Ma mére ! .. Oh ! laisse-moi le prononcer encore
Ce nom que avec amour...
J'ai voulu couronner de poetiques fleurs !

Violeau.

Oh meu anjo d'amor, que me deixaste
No meu berço a chorar!
Vigia-me do ceo, já que na terra,
Não pude os teus conselhos escutar.

Eu sei que foste martyr d'agonias
Muito antes de mim:
Herança d'amarguras me legaste,
Recebo-a, que a soffrer ao mundo vim.

Abrindo os olhos para ver o mundo
Oh mãe, não te encontrei!
Mostraram-me o sepulcro de teus ossos,
E, junto d'elle, erguendo as mãos sem mancha,
Creança, ajoelhei.

Resára um « padre nosso » fervoroso
Por tua salvação;
Creança, eu não sabia que as torturas,
E as lagrimas da dôr purificaram
Teu grande coração.

Depois as minhas preces afflictivas
Em horas de terror,
Pediam-te no Ceo as tuas preces,
Por mim, triste ludibrio d'infortunios,
Sem ti, anjo d'amor!

Sem ti, sem pai, deixado aos meus instinctos,
Esqueci-me de ti!
Cuidei que fôras astro passageiro,
E desceras do nada ao seio escuro,
Quando, oh mãe, te perdi!

Suppuz que um somno eterno era o teu somno
No leito sepulcral,
Em quanto, eu, velador d'incriveis maguas,
No teu sepulcro via extincto o facho
Do affecto maternal.

Hoje, não! Hoje, oh mãe, as mãos erguendo
Com lagrimas e fé,
Resisto á desventura irman da vossa,
E suporto os tufoens da tempestade,
Como o cedro de pé.

Não sei que o mundo possa dar á alma
Alentos quaes os meus.
Aos lances, que não tem nome na terra

Era força ceder, se a mão d'um anjo
Não deseesse dos Ceus!

E' a vossa! Sois vós ... que eu entre os vivos
Não importo a ninguem ...
Embora seja muda a sepultura,
Onde um filho se prostra, ninguem diga,
Que perdeu sua mãe.

SAUDADE.

Douce ou grave, tendre ou sévère,
L'amitié fut mon premièr bien,
Quelque soit la main qui me serre
C'est un coeur qui rèpond au mien.
De Lamartine.

Quem já teve os bellos dias
D'um primeiro e sancto amor,
Quem sentiu as alegrias
Misturadas com a dôr ...
Quem na face enxuga o pranto,
Quem saudades vivas tem,
Não rirá do pobre canto
D'um cantor novo, que vem.

Cantor novo... sim, no mundo,
Onde os hymnos tem um som;
Mas ha outro maís profundo,
Que é do poeta amargo dom.
N'esse, eu sou cantor antigo,
Como antiga é minha dôr...
Lá chorei a sós comigo,
E a saudade, irman do amor.

O meu passado foi lindo
Como a singeleza o é;
Vi brilhar-me um astro infindo
Pelo meu prisma de fé.
Era á luz, que derramava
A mulher, astro dos céus,
Quanto eu via e meditava
Desde o homem até Deus.

Mal me lembro n'esta idade
Com que fogo amei então;
Se era amor, se era amizade
Não o sei... era paixão!
Se entre os anjos a ventura
E' do affecto o intenso ardor,
Era assim minha candura,
Era d'anjo o meu amor.

Nunca mais desfiz a imagem
Da mulher que então amei;
Jurei-lhe eterna homenagem....
Se faltou, eu não faltei!..
Tenho orgulho d'este preito
Que ninguem me avalia;
Na saudade me deleito,
Não tenho outra poesia.

Vejo-a sempre, e sempre bella
Qual a vi, sendo eu feliz!
Se ninguem me falla d'ella,
Tudo o seu nome me diz.
No fragor da tempestade,
No soprar da viração,

Ouço-a sempre! ... é a *saudade*
Minha eterna inspiração.

Já busquei na vida inquieta
Deslembral-a ... em vão tentei ...
Eu por ella fui poeta,
Os meus dons não aviltei.
Este espirito elevado
Fôra ella quem m'o deu:
Devo dar-lh'o não manchado,
Aqui não; mas lá no ceu.

Quando ao homem lhe não resta
Do que foi uma affeição,
Vida amarga será esta
Que não tem uma illusão!
Eu perdi da mocidade
Essa *esp'rança*, que extasia ...
Se não fosse uma *saudade*,
Eu no mundo o que seria!?

AMAS-ME?

Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornára um corpo humano.

Camões.

Olha, Dulce, as tuas crenças
São profundas como a dôr,
Que se inspira da saudade,
Quando a punge um casto amor?

Comprehendes minha alma?
Por ventura vês, escripta,
Na paixão que os labios callam,
Uma paixão infinita?

. . . .

Se o Senhor, um dos seus anjos
Enviasse a ti dos ceus,
Amarias com ternura
Esse emissario de Deus?

. . . .

Se teus olhos penetrassem
Segredos do coração,
Chorarias, vendo a magua,
Que envenena uma paixão?

QUERES A FLOR?

Tive flores, vivi d'ellas,
Seu aroma respirei;
Desfolhaste-m'as!.. agora
De que vida viverei?

P. C.

Em má hora, amiga intima,
Me pediste alguma flor!..
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*,
Que da seiva exhauriu
O coração generoso
Onde, viçosa, floriu.

A segunda é um *martyrio*,
Que me deram, quando amei...
Foi-me caro!.... é um thesburo,
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulcros...
E' um *goivo*... não t'o dou...
Fui colhêl-o no cemyterio
Entre mortos vegetou.

A quarta...sim, dou-te a quarta;
E' uma *roza*, mas olha,
Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha.

NÃO CHORES.

Dans sa vague tristesse on la
voit tout le jour.

Desbordes-Valmon.

Teus olhos beberam nos seios da aurora
As lagrimas d'anjo, que alindam teu rosto?
Caprichos de Virgem, tão bella se chora!
Se não são caprichos terás um desgosto?

Já sentes no peito vagar-te um desejo
Nas azas douradas d'um terno gemido?
Sonhaste que, a furto, n'um callido bejo
Sorvêra teus labios fantasma atrevido?

Não sabes que os anjos, embora na terra
Descessem seu vôo, não devem chorar?
Que o riso d'um anjo mil hymnos encerra,
Que vão entre incensos o ETERNO exaltar?

Esqueces que um throno de virgem te exalça
Assima da angustia, que a vida amargura?
Não vês ficar muda uma lingua, que é falsa,
Se estuda a mentira que infama a candura?

Estanca o teu pranto!.. e só quando a tristeza
A alma, sem esp'rança, d'um homem calcar,
Lamenta-lhe a vida, que tanto lhe pêza,
Verás como é nobre um sentido chorar.

CHORA! CHORA!

Ses larmes aujourd'hui
la soulagent du moins.
Mde. Tastu.

Tão longe vives dos anjos!
Este mundo é-te um deserto,
E, tão perto,
Quando cantas,
Sons divinos,
Sons do ceo ouço em teus hymnos!

Eu não sei, virgem, que mágoas
Podem ser, tão cêdo, as tuas!...
Já fluctuas
Sobre a onda
Inclemente
Da paixão, que turva a mente?!

Por ventura já sentiste,
Ao colher singelas flores,
Essas dores,
Que torturam,
Com violencia,
Uma esp'rança, uma existencia!?

Oh! quem sabe os teus segredos!...
Ninguem diz, ao vêr tão bella
Uma estrella,
Se, bem cedo,
Nevoa densa
Vem toldar-lhe a luz intensa!...

Ninguem diz o preço amargo
D'uma lagrima vertida,
Quando a vida
Tanto engana
Quem te diz
Que ser bella é ser feliz!

Ai! se ao brilho de teus olhos,
Se a teus labios, se á lindeza
Viesse prêsa
A boa sorte...
Que ventura
Te não déra a formosura!...

Se aos teus dons de singeleza,
Que a virtude em ti excita,
Feliz dita
Se ligasse...
Não terias,
Não, rival nas alegrias.

Se a fortuna cá na terra
Se comprasse com thesouro,
Fado d'ouro,
Bem podéras
Tudo vêr
Pelo prisma do prazer.

Mas tu choras, insensivel
Aos consolos, que te dei!...
Ah! já sei
O mysterio
D'essa dôr...
Chorar tanto... *só d'amor!*

PRIMEIROS AFFECTOS.

Oui, je veux; à l'oubli condamnant ma tristesse,
Retrouver les transports de ma fraiche jeunesse.
Jules Lefevre.

Eu fiz versos, que esta alma inspirava
Quando em somno de esp'ranças dormia
Nesse berço, que o amor embalava
Em mil sonhos de grata poesia.

Uma estrella, em alta noute,
Pela solidão dos ceus,
Qual, suspensa em mãos d'um anjo
Luz perpetua aos pés de Deus...
Inspirava-me um divino,
Innocente e casto hymno
De espontanea devoção.

Nem eu sei que tenha a estrella,
Ou que fé teria eu n'ella,
Para tanta inspiração!

Se, no ceo, ligeira nuvem
Pelas brizas balouçada
Perpassando, se detinha
Nessa estrella enamorada....
Se, depois, torva e sombria
Pela face lhe estendia
Assombrado veo de dó...
Não sei eu porque delirio
Me julgava, em meu martyrio,
Isolado, triste, e só.

D'uma flor, êrma na encosta
Lá na aldeia onde eu vivi...
Nessa aldeia.; — oh! ninguem sabe,
Em perdêl-a, o que eu perdí! —
D'uma flor, só co'a belleza,
Qual lh'a dera a natureza,
Me inspirei d'um mago amor!
Aspirava então a vida
Bella, immensa, indefinida,
Na fragancia d'esta flor!

Se da crista das montanhas
Vinha abaixo impetuosa
A soberba ventania
Desfolhar-me a minha roza...
Se acurvada a florinha,
Tão depressa, por ser minha
Se mirrava em tenue pó,

Não sei eu porque delirio
Me julgava, em meu martyrio,
Isolado, triste, e só!

E' que os versos que esta alma inspirava
Quando em somno de esperanças dormia,
Eram sonhos, que o amor embalava,
No meu berço de grata poesia.

VEM!

Une surtout — un ange...
Victor Hugo.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!...
Vem, meu anjo, se não vôas,
Cuidarei que te perdi.

Tu já sabes quantas magoas
Uma saudade contém...
Ah! são muitas... sinto-as todas..
Vem, meu anjo, corre... vem!

Aqui nesta soledade
Cada flor é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem!

Vejo em tudo a tua sombra...
Nas mudas sombras me fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Que estas flores são tuas galas.

Vem, rainha d'estes prados,
Que o teu throno tens aqui!
Deixa as turbas d'esse mundo...
Não é mundo para ti...

Tens um êrmo aonde a vida
É tranquilla em singeleza,
Onde o Eterno ostenta as pompas
Da formosa natureza.

Tens no alvor da madrugada
As canções do rouxinol,
Que festeja os froixos raios,
Que lhe dá benigno sól.

Tens, á tarde, os horisontes
Purpurinos d'alêm-mar,
Que nos fazem sentir n'alma
Sensações d'um vago amar.

Tens, á noite, este silencio
De saudade e de tristeza,
Quando a alma vela tanto,
E adormece a natureza.

Tens, a cada instante, um ente,
Que te diz, em voz da terra,
Mil celestes pensamentos
Que no coração encerra.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este êrmo sem ti!
Vem, meu anjo; se não vôas,
Pensarei que te perdi...

VERDADES.

Alors j'ai bien compris par quel divin mystère
Un seul cœur encarnait tous les maux de la terre.

De La Martine.

I

Anjo, donzella, és divina
Do diadema virginal;
Tens na face purpurina
Um corar tão natural!

Candida pomba, não creias
Nas caricias da paixão:
Peito de virgem, que anceias
Pelo amor, teme a traição.

Nesse teu berço infantil
E' tão puro o teu sonhar!
Tão singelo o rir subtil
Que em teus labios vem brincar!

Se mão de homem não se atreve
Nesse teu sonho do ceo,
Ir, se quer, muito ao de leve
Da innocencia erguêr-te o veo...

Infeliz! teu mago sonho
É de curta duração...
Ha-de o instincto lá risonho
Despertar-te o coração...

II.

Eu vi gemer, sosinha em desabrigo,
No êrmo da saudade, uma innocente.
Innocente, que crêra amor de homem,
Que ardêra na paixão, que amára quanto
Em peito virginal póde a ternura.

Quem viu carpir-se a rôla em soledade,
Perdida na soidão de alpestres cêrros,
A quem do fragil ninho os tenros filhos
A impia mão do homem desnudára...
— Quem viu mãe carinhosa, á luz funerea
Da tocha sepulcral, buscar no esquife
As gélidas feições d'um filho d'alma...
Beijar-lhe os labios roixos, impassiveis
Ao beijo maternal, convulso, ardente...
— Quem viu rojar no chão do cemiterio
A face da mulher, que pede á campa,
No delirio da dôr, do morto amante
Ao menos um gemido... uma saudade?..
Quem viu que não soffreu?
A dôr de um anjo,
Que eu vi, em pranto vão, banhar-lhe as faces,
Pungia como a dôr da mãe afflicta,
Vibrava as cordas intimas do seio
Como o beijo da amante em muda campa,
Como a angustia da mãe que chama o filho,
Qual da rôla o gemer, orfan, sozinha.

III.

Era n'um baile... Ondulava
De ouro e sedas o salão;

O ar, que ali se aspirava,
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo de amor, de vertigem,
Desse que inflama o pudor;
Tinha a mulher, anjo ou fada,
Uma existencia encantada,
Um condão fascinador!

Que linda noute, que vida
No salão se não viveu!
Que existencia tão florida
Nessa quadra rescendeu!
Que sorrisos tão mimosos
Se trocaram carinhosos
Nesse angelico festim!
Um galanteio era um hymno,
Que soava um som divino
Nos labios d'um cherubim.

Era um folgar incessante;
Era um delirio febril!
Cada qual cinge da amante
Breve cintura gentil;
Vôa com ella, embebido
No lindo collo pendido,
No eburneo peito ao desdem...
Sente arfar tão junto d'ella
O coração que revela
Ventura... e magoas?... tambem!

E, depois, lá murmuravam
Brandas, doces expressões...

Cada palavra que davam
Resumia mil paixões....
Uma só, um só sorriso,
Um olhar terno, indeciso,
Uma supplica .. talvez !..
E, no fim do baile, a pena...
A saudade... ai! tão pequena
Foi a noute desta vez!

....

IV.

O genio do martyrio, entre os folgares,
Erguera o throno seu de pranto e espinhos
N'um pobre coração, em debil peito,
D'uma fraca mulher. Equilibrada
A dôr desta infeliz era que farte
Co'o intenso prazer da leda turba.

Chorava; e, se dos labios desprendia
Um forçado sorrir, quanta amargura
Não tinha essa expressão mal contrafeita!
Em vão tentavas, anjo da agonia,
Um gemido prender, sevar d'angustias
Na taça do teu fel, vasado n'alma,
O grito de mulher, que foi trahida
Mal a coroa de virgem renuncia!
Que o deadema virginal, lançado
Aos pés do que o pisou, aos pés do homem
Ovante da traição, quem pôde erguêl-o
Na fronte da mulher? Ninguem! que as rosas
Dispersas ahi estão, e, descoradas
Na face as do pudor, fallam d'um crime!

E esse crime qual é?....................
Maldito o mundo,
Que o instincto santifica dos prazeres!,
Que alastra de flores a estrada ao vicio,
E lá, quando o pudor succumbe ao instincto,
Crimina-lhe os tremendos sacrificios
E, rasgando-lhe o veo, mostra-lhe as nódoas!
....

V.

E as turbas, que folgam, se enlaçam na salla,
Expandem-se alegres... que vida ahi vai!
Ninguem vê a martyr... sosinha, não falla;
Ninguem vê da virgem a c'rôa, que cahe.

As vozes celestes, que afina a ternura,
Accendem no peito fremente paixão;
O riso dos anjos doudeja em ventura,
Dos impios o riso promette a *trai*ção.

Retinem dos copos os sons excitantes,
Saudes occultas lá fazem, talvez;
Nas faces ressaltam desejos d'amantes
Que a facil promessa de um anjo lhes fez.

E as turbas, que folgam, se enlaçam na salla,
Expandem-se alegres... que vida ahi vai!
Ninguem vê a martir... sosinha, não falla;
Ninguem vê da virgem a corôa, que cahe!

VI.

Tu soffrias, mulher! e eu, que era o impio,
O sceptico do amor,

Fui eu talvez o só que vi descer-te
A lagrima da dôr!

Ha lagrimas de sangue; essas aos olhos
Não manda o coração;
Chorei-as eu por ti, anjo cahido,
Por ti, que por mim... não!

Lembra-me um tempo, e esse é um martyrio
Irmão do teu soffrer!..
Amei... — se não trahido — exhausta a crença,
Que mais tenho a perder?

Um cadaver, que vai passando mudo,
Sem uma aspiração:
A vergontea myrrada, esteril, secca,
Pendida para o chão!

VII.

Amára-te, ainda assim, flor desfolhada
Entre espinhos de dôr calcada aos pés!
Amára-te, se aqui, na alma cançada
Te abrigasses qual és!

Pedir a labios mortos um sorriso
E' ao cynico dizer: « vive do amor! »
Que importa o anjo vir do paraizo,
Amal-o com fervor?

Que importa á rosa murcha e descahida
Da tige onde floriu já tão lougan,
Que um beijo matinal lhe imprima a vida
Na briza da manhã!

Que importa o pranto amargo em vão chorado
Na lousa sepulcral, que é muda e fria?
Que filho viu seu pai erguer-se ao brado
Da intima agonia!
....

A UMA ROZA BRANCA.

Muere, infeliz!....
Esproncceda.

Era candida e mimosa
A, que eu vi, magica rosa
Em mãos impias maltractada!
Tive dó desta florinha
Ao seu vergel arrancada!
A profana mão, que a tinha,
Não amava essa mesquinha
Como symbolo d'amor!..
Ai! se a rosa fosse minha,
Como premio á minha dôr,
Dera-lhe o meu coração
Por christalina redoma;
Dera-lhe em beijos de fogo
Mais valor ao seu aroma...

Pensava n'ella de dia;
Sempre de noute a sonhava...
Se com ella despertava
Longa noute de insomnia
Meu amor acrisolava.
Namorei-me desta rosa,
Qual mãe terna e carinhosa
Ao beijar filha mimosa

Que afagada em grato enleio
Lhe bebe a vida no seio!
Não a tinha junto a mim,
Mas então? tal como a aragem
Ama o calix do jasmim
Eu amava a sua imagem.
Era uma vez, e sosinha
Vi a rosa abandonada,
Entre christaes malguardada,
Mas, entre as flores, rainha.
E eu lhe disse: «vem ser minha!
Em meu peito vem florir;
Teu aroma faz subir
Com meus prantos ao teu Ceo;
Por condão que Deus te deu,
Faz-me uma esp'rança sentir!»
D'entre o lindo ramilhete,
A tremer, toquei na rosa;
Mal lhe toco, perde a flor
Uma petala mimosa!

Quiz depôl-a... mas em vão.
Instinctos do coração
Nem o dever os venceu!
Vi ali no chão cahida
Uma petala perdida.
Por minha causa! fui eu!
Não importa... affago a flor,
Faço-a corar aos meus bejos.
Eram de fogo os desejos
De lhe dar novo verdor...
Foram vãos! tinha seccado,
Murchas petalas cahido...

E eu, d'um goso fementido,
Colhi... o que? a tristeza
Que em mil outras emprezas
Tenho aqui sempre colhido.

NO ALBUM DA EXM.ª SNR.ª D. ANNA DE [illegible]

Sei que existe a Divindade
Atravez d'um denso veu;
Sei que escondem mil segredos
Esta abobada do ceu.

Sei que rolam muitos mundos
Neste horisonte infinito
Onde leio, e tremo ao lêl-o,
Um perpetuo «hosanna» escripto.

Sei que brilha um astro eterno
A que os homens chamam «lua»
Vejo um prestito de estrellas
Que no ceo d'anil fluctua.

Mas não sei d'esses mysterios
Levantar mystico veu;
Nem conheço a Divindade
Sobre o seu throno do ceu.

Nem direi que são os mundos
Que fulguram sobre mim;
Nem pergunto á razão debil
Se as estrellas tem um fim.

E, comtudo, adoro o enygma
Que me diz «existe Deus!»
Adoro os astros, que passam
Na profundeza dos ceus.

Mais fervente culto eu presto
No altar da fantasia:
Ha segredos que me inspiram
Uma cega idolatria.

Assim, posso amar a imagem
Da mulher, que nunca vira,
Posso mesmo dar-lhe um nome,
Seja anjo ... ou seja ELVIRA....

O MEU SEGREDO.

Tout fuit,
Tout passe.
V. H.

Mimosa filha dos astros,
Magica, doce illusão,
Fada sancta, que desceste
A accender-me a inspiração...

Que mago enlêvo me déste,
A que ceos tu me subiste...
Não, tu não eras mentira...
Se eu descri... tu não mentiste!

Que importa se te não ouço
Como inda hontem te ouvi...
Anjo! vieste, e fallavas
Quando Deos chamou por ti!...

E subiste ao astro aereo
Onde o espirito se esconde
Aos olhos do homem, vérme
Que de rojo vai... aonde?

« Aonde vai? » esta pergunta,
Estas ancias d'um destino,
Dão ao homem vôos d'anjo,
Dão-lhe um fôlego divino.

Dão-lhe estimulos!... Recordo
Que era mais que humano estimulo...
Oh! se o amor é fogo etherio,
Esse amor senti... sentimol-o.

Era um fervor de poetas,
Era anciar ventura e ceo,
Era a nossa mão ousada
Do porvir rasgando o veo!

Rasgando o véo... para que?
Ai! nós queriamos viver,
Sobre um astro d'estes astros
Que tu vês no espaço arder.

....

E quando a fada fallava
Como o coração tremia...

A respiração nos seios
Suffocada estremecia.

Era tão sancto o respeito
Com que a sentença lhe ouviamos;
E tão de dentro era a crença
Com que a esp'rança lhe pediamos!...

O que eu sentia!.. que vôos
Eu cortei na immensidade!...
Com que orgulho eu puz a vista
No throno da Divindade!...

Oh! Deos sabe que desejos
Fervorosos eram esses!...
Pedi mundos sobre mundos,
Mundos onde tu vivesses!...

Viver comtigo, meu astro,
Que na terra me alumias!
Viver comtigo onde esquecem
D'este mundo ás agonias!...

Fugiu a fada! A propheta
Levou comsigo o condão,
Que fizera arder delirios
No meu... no teu coração...

Deixal-a... Embora! Soubemos
Que existe um mundo além d'este...
Sim... existe... é a patria d'anjos,
D'onde tu, anjo, vieste!

DÓ

(Allusão intima.)

> Palidas sombras de ilusion perdida...
>
> *Bermudez de Castro.*

Não posso, por mais que eu queira,
Imaginal-o feliz!
Uma pena verdadeira
Me deixou no coração!
Eu sei que elle não póde
Illudir-se muitos dias!..
E depois... tudo agonias
Em troca d'uma illusão!

Lamentêmo'l-o! A desdita
Não tem balsamo!.. que dôr!
Depois da sêde, o fastio;
E o enfado, apoz o amor!
E então... que desventura,
Que longa noute é a vida,
Com que ardor a sepultura
Não deve então ser pedida!...

Ai! amigo, que deixaste
Atraz de tí a ventura!
Fechaste as portas da vida,
Tornaste-a pesada e escura;
Apagaste a luz brilhante
Da tão cara liberdade!
Lançaste algemas nos pulsos
Com suicida crueldade!..

UM ANJO

Elle parlait ainsi dans sa douleur mortelle.

Delfina Gay.

Que importa chamar um filho,
Que morto no berço está?
Quem usurpa ao ceo o brilho
De estrella, que era de lá?
....

« Ah! tu dormes, meu filho, descançás
Um momento dos trances da dôr!
Já não chóras, não gemes, meu filho?
Ah! tu dormes?... Bem-hajas; SENHOR!

« Sim, bem-hajas, meu DEUS, que eu só tinha
Neste mundo o meu filho ... este só!..
Já penseide o perder, mas o pranto,
Que eu desta alma chorei, fez-vos dó!

« O meu filho está vivo!!! Na febre
Não lhe sinto as entranhas arder...
Mas tão frias as mãos!...quem me dera
A meus peitos já vêr-lh'as erguer!

« Tão serenos os labios!... e as faces
Tão coadas que estão!!... este alvor
De saude é signal, mas eu quero
Nestes labios um riso d'amor.

« Accordar-te quizera ... e não posso;
Mas beijar-te, aquecer-te esta mão

Com meus bejos frementes de fogo,
E de vida, e de amor, e paixão...

« E estas faces, tão lindas, banhart'as
Deste pranto que vérte o prazer...
Vêr-te um raio de luz nestes olhos,
Que despertos cuidei mais não vêr...

« Dorme ainda!... Que somno profundo!...
Dos que morrem o somno é assim!...
Não despertas, meu filho? estes bejos
Não os sentes gravados por mim?

« Virgem Santa! meu filho não falla...
Não se move... meu Deus... que será?!...
Um gemido, sequer um gemido,
Este anjinho do ceo não me dá?!...

« Que — desgraça!... que medo..! piedade!
Compaixão!... que sou mãe, oh Senhor!
O meu filho não sente, não falla...
E não chora... está morto!... que horror!... »

....

Que importa chamar um filho,
Que morto no berço está!?
Quem usurpa ao ceo o brilho
De estrella, que era de lá!...

N'UM ALBUM.

Vainement il appela.. ,.
Le vent seul repondit à sa voix.

Alfred de Vigny.

Das margens do Douro, no livro d'um anjo
Envio um suspiro ás margens do Tejo.
Outr'ora, ditoso, corri essas margens
Apoz uma sombra, que em sonhos cá vejo.

Amei-a! perdi-me por ella, e não choro
A morte bem triste da minha illusão,
Nesta alma nascida, e morta tão cedo,
Por ella a quem dêra carinhos d'irmão!

Deixal-a! Ainda vivo talvez para vêl-a;
Um dia, entre espinhos colhêr essa palma,
Devida ao prejurio, e lançada em triumpho
Aos pés de uma virgem, não virgem na alma.

RESIGNA-TE.

Pourquoi pleurer ?... les pleurs n'effacent rien.
C. Delavigne.

Escreveste um canto triste,
Quando ao sol de amor te abriste,
Linda flor deste jardim!
Revelaste dissabores,
Nessa idade em que os amores
Tem horisontes sem fim.

Eu bem sei como se chora,
Mal da vida assoma a aurora
D'entre as trevas do porvir;
São tristezas com doçura,
São caprichos que a ternura,
E o desdem sabem fingir.

Vertes lagrimas mimosas
Orvalhando as frescas rosas
Do teu rosto juvenil;
Mas não choras pranto ardente,
Onde a morte está latente
Com seu veneno subtil.

Nessa idade é que arfa o seio
Em seus sonhos d'almo enleio,
Aspirando um ideal;
Nessa idade, oh linda virgem,
E' que o amor sente a vertigem
Da paixão crente, e immortal.

Ai d'aquelles que inda esperam
Vêr dos sonhos que tiveram
Raiar-lhe a bella estação!
Ai de todos, se é mentira
Este ceo, que a alma aspira,
Quando o amor é seu condão.

E's tão nova!.. não descreias
Dessa immensa fé, que anceias
Desse amor, que em vão retens.
E's rainha em throno d'ouro,
Quando ostentes o thesouro
Da alma nobre, que tens.

Quem podéra ter viçosa
Uma flor inda esp'rançosa,
No queimado coração!
Quem podéra, anjo celeste,
Dar-te um hymno, mas não este
Sem ornatos da paixão!..

AO MERITO.

Pour toi seul l'aimable muse
Qui t'amuse,
Réserve encore des chansons
Aux doux sons.
Charles Nodier.

Dera-te o genio uma lyra,
E ouviste um canto divino;

*

Afinaste-a pelo canto
Descantaste um mago hymno.

Cantaste sempre inspirada,
Sempre triste; mas a estrella,
Entre as sombras d'uma nuvem,
Quando brilha, vem tão bella! ...

Eu, de todos os teus cantos,
Uma harmonia compuz:
Cada nota era um suspiro,
Suspirado aos pés da cruz.

Não me ensinaste os perfumes,
Que embalsamam a poesia,
Pois não podem labios d'anjo
Verter n'outros a harmonia..

Mas sopraste a flamma ardente,
Que illumina o entendimento,
Para vêr, erguido aos astros,
O vôo d'um pensamento.

Sei que tens uma saudade,
Que, espontanea, se revela;
Mas, interpretes do mundo,
Dirão homens qual é ella?

Um anjo, neste desterro,
Para o ceo erguendo as mãos,
Não prantea, em suas preces,
Saudades de seus irmãos?

Sentir saudades da infancia,
Quando é sonho a existencia,
Não é sentir o desejo
De voltar á innocencia?

Tal é, cantora, a saudade,
Essa terna afinação
De teus versos, modelados
Pelo gemer da paixão.

Não te comprehende o mundo;
Chama-te escrava do amor;
Diz que a morte das chymeras
E' que inspira a tua dôr.

Mas não são do mundo os hymnos,
Onde o mysterio se calla...
Sei que a tua lyra é sancta,
Tanto basta... ei-de adoral-a.

A CLARA BELLONI.

(*Fallecida na Corunha em* 20 *de Novembro de* 1849)

Maintenant la jeune trépassée,
Sous le plomb du cercueil, livide, en proie au ver,
Dort...

Victor Hugo.

Vi pulsar no ardôr da gloria
Da cantora o coração;

E' que as lagrimas desciam
Nas faces da multidão
Vinha-lhe á fronte mimosa
Essa dôr mysteriosa
Que em seus cantos revellou ...
Fôra a desgraça imprevista .
Que, de nobre, a fez artista
Pelo pão que mendigou!

Quem lhe ouviu seus hymnos tristes
Que não visse uma infeliz ?
Quem não viu nas faces d'ella
O chorar de *Beatriz*! ... (*)
Suffocára uma agonia;
E a ficção lhe consentia
Livre, no palco, chorar...;
Só ahi gemeu, partido,
Em cada nota um gemido,
Seu peito ao vivo arfar!

Era um anjo, quando as maguas
Da sua vida contou...
Ouvil-a fallar da infancia
Que tão leda lhe passou...
Vêl-a chorar a mãi cara,
E seu pai, que tanto amára,
E suas crenças d'então...
Era um quadro tão pungente
Que no peito mais dormente
Despertava a compaixão...

(*) Opera em que *Belloni* fôra freneticamente applaudida.

E, depois... vê-la humilhada
Receber affrontas vís,
Como as recebe a virtude
Se é o patrimonio da actriz...
Era triste inda mais vê-la
A chorar-se, não por ella
Que foi martyr com vallor...
É que em seu regaço tinha
Mãi, esposo, que mantinha
Do seu pão... do seu suor!...

Desceu do leito onde a morte
Pelas faces lhe rossou (*)
No proscenio a voz d'um anjo
Dos febris labios soltou...
Hymno foi d'acerbo trance
Qual da luz extremo lance
No derradeiro clarão...
No pallor da face linda
Vi voar-lhe um riso ainda
De sentida gratidão.

Gratidão a quem lhe dera
Um soccorro d'infeliz;
Gratidão a quem de apupos
Não coroou a nobre actriz....
Nobre de louros honrosos
Quaes os tem os desditosos
Que soffrem sem maldizer;

(*) A cantora ergueu-se do leito da dôr para cantar no seu beneficio.

Nobre e grande dessa palma
Que ante Deus recebe a alma
Resignada em padecer!

Partida a roza na haste
Rijo norte lhe soprou;
Quasi pendida ao sepulcro,
Grato aroma inda exalou!...
— Foi esse *adeus* penetrante, (*)
Que, de longe, e agonisante,
Manda ao Porto onde viveu!
Foi nesse instante anciado,
Que, sorrindo ao seu passado,
Voou ao throno do ceu!

JURAMENTO.

Na ventura, os meus sorrisos,
Alma pura, serão teus;
Pois tu és a providencia,
Que vela a minha existencia
Por vontade do meu Deus.

Na tristeza, as minhas lagrimas
Hão-de sêr tuas tambem:

(*) Belloni, pouco antes do seu ultimo dia, escreveu uma lagrimosa carta á exm.ª condessa de Terena, onde vi os signaes das lagrimas, que acompanhavam aquelle afflictivo *adeus* a todas as pessoas que a protegeram no Porto.

Pois tu só tens o segredo,
De adoçar-me este degredo,
Como filha, e esposa, e mãe.

Serei teu, como não passo
Ser de alguem, ou ser de mim.
Meu condão, seja qual fôr,
Vivo ou morto, um nobre amor,
Filho d'alma, não tem fim.

Aqui tens um juramento!
Triste dia em que t'o fiz!...

....

Não te esqueça a hora e o dia;
Não dês preço á poesia,
Dá valor ao infeliz.

IRMAN NO SOFFRIMENTO.

A' EXM.ª SNR.ª D. MARIA CANDIDA P. VASCONCELLOS.

(Inspiração de uma excellente poesia sua) (*)

....Elle aussi, défaillante en son deuil,
Comme un roseau brisé sous le chêne qui tombe
Céde au poids qui l'accable....

Hippolyte Violeau.

Quem é que, altanoute, sosinha, n'um ermo,
Tristezas profundas revela a chorar?

(*) Veja o n.º 18 da *Miscelanea poetica*.

Que mão lhe desfere na harpa da alma
Um hymno dorido de intenso penar?

É alma que opprimem saudades amargas ?
Mysterios que o vulgo não sabe dizer?
Receios, temores, esp'ranças que morrem
No berço onde torvo se assenta o descrer ?

Bonina mimosa na encosta da serra
Em torno a tormenta lhe adeja a rugir;
Assim tu, donzella, sosinha, alta noute,
Não temes ao longe o trovão a bramir!

. . . .

As lagrimas, virgem, choradas de noute,
Se a lua saudosa no céo vês brilhar,
São ellas extremo recurso a quem soffre....
« Bemdito, meu Deus, que nos deste o chorar!»

Amante, ou traída na esp'rança, se o fôste,
Sepulta bem funda, no abismo da dôr,
A queixa saudosa, que póde um sorriso
Em vez de consolo, pedir ao traidor.

Quizeras que o pranto nas faces purpureas
Estranho carinho te fosse enchugar?
Não sentes, mais livre, gemer a tristeza
Nos ermos, nos bosques, nas praias do mar?

Eu sinto! .. e quizera, se choro de sangue
As lagrimas, filhas da intensa afflicção,
Quizera choral-as occultas, que eu temo
Bem mais que o rancor, inspirar compaixão.

ADEUS

Sou um martyr do amor
Sou um anjo soffredor
Nem um prazer me sorri!

Anjo! eu tenho um crime! — Ergui de ousado
Ao throno onde o Senhor te ha levantado,
Cá debaixo do chão, olhos mortaes!
Tão puro coração, qual te offertára,
Em peito de mortal nunca pulsára,
Nem pulsará por ti, anjo, já mais!

Eu li no teu semblante o gelo inerte
Do frio coração, que já não verte
A lagrima d'amor, que à face vem:
Eu li no teu sorriso contrafeito
Esse lento pulsar, que tem no peito,
Quem não póde no mundo amar alguem.

Julguei-te a mão de Deus sobre este abysmo,
Cavado pela mão do scepticismo,
Onde a crença d'amor expira a luz!
Julguei-te, em vulto humano, anjo celeste,
Que do seio de Deus aqui vieste
Mandar-me, em fim, pousar a minha cruz!

Bem hajas, luz do ceo, que me has fulgido,
Relampago d'amor, breve sumido
Na eterna escuridão do meu viver!
Fizes-te-me sentir que eu bem podia
Deixar a estrada acerba da agonia,
Ter um leito suave onde morrer!

Bem podéras, mulher, manter-me a vida,
Embora d'illusões, que, fementida,
Pagara-te com pranto uma traição!
Bem poderas dizer-me — *Eu posso amar-te!*
Eu não queria de ti mais que adorar-te,
Viver de ti... morrer nesta illusão!

Terrivel teu silencio... anniquilou-me
A triste convicção... precipitou-me
Deste crêr infantil onde subi!...
Sorri ao mar d'encantos que sonhava,
Pensei ver um farol, e naufragava
A crença, a vida, a paz tudo perdi!

Abri mui fundo o peito ao sentimento...
Não posso inda votar-te ao esquecimento,
Que o golpe da paixão rasgou sem dó!
Eu dei-te de minh'alma o que podia,
Sagrei-te a corda extrema que sentia...
Partida ella ahi está... desfeita em pó...

Da morte lenta a febre me devora!...
Cadaver tão depressa... quando a aurora
Da vida me raiou... foi triste fim!...
Ouvir-te — *nunca mais* — mas adorar-te...
Oh! sempre... até á morte!... ei-de obrigar-te
Nos olhos uma lagrima por mim!

O TEU LIVRO.

Chatterton

. . . .
La poesie ! . . . — elle m'a sauvé . . .
elle m'a perdu !

Quaker

Et à present que fais-tu donc ?

Chatterton

Que sais-je ? . . . j'ecri. — Pourquoi ?
Je n'en sais rien . . . Parce qu'il le faut . . .

CHATTERTON (*Alfred de Vigny.*)

Um livro, anjo do céo, quero offertar-t'o,
Não rico d'instrucção; pomposo e altivo
De sentimento, sim! — Filho dest'alma,
Nasceu-me entre gemidos, e martyrios
E lagrimas de fel...Mal sabes quanto
De profundo soffrer m'inspira os hymnos
Que ahi dispersos vês nas pobres paginas,
Tão pobres para ti, perola augusta
Da corôa do SENHOR! ...Mal avalias
O fel que ahi repassa as minhas trovas,
As tuas...minhas, não — que eu nada tenho
Além do teu amor!
Vivi, sósinho,
Muito longe de ti, entre as fraguras
Dessas serras d'além, onde a tristeza
Esmaga o coração, qual o rochedo,
Que lá nos calvos serros se debruça,
Pesando em peito de homem! ...Tristes versos
No ermo descantei! ...a dôr m'os dava,
A dôr m'os inspirou! Trovas descrentes,
Não luzem de prazer, não tem um nome
Perfumado no amor, rindo ao futuro!

Peregrino, sem fé, estranho ao mundo,
Busquei no meu deserto abrigo ao menos
Aonde repousar do afan da vida
Mentida d'illusões. Ancia de morte
Passou-me o coração...... — senti-me baldo
A todo o sentimento, a toda a crença
Na terra, onde viver tanto que eu tinha!
Affeito ao meu soffrer, achei um instante
De santo refrigerio. Circumscripto
Aos meus, tão meus amargos pensamentos,
Pedi á fantasia uma chymera,
Uma estrela, uma flor, um anjo, um sonho,
Que eu carecia d'amor, e exhaurido
Na ancia da paixão, não tinha um raio
De luz celestial nesta negrura
D'espirito sem fé, nem luz, nem vida!
Sonhei-te, errante sombra!—eu vi-te a imagem
Envôlta nos arminhos transparentes
D'um extasis do céo... Vi-te um sorriso
Pendente em labios virgens, onde o orvalho
Da candida innocencia rossiava
Um halito de vida! Cantos mysticos
Fervorosos d'amor, indifinidos
D'aspirações tão vãas, mas tão passadas
De ternura e de fé... sagrei-t'os, anjo,
No silencio da dôr, como um gemido
Soltado na soidão d'amplo deserto,
Gemido só p'ra Deus, defeso aos homens!

Não eras tu nesse tempo
Propheta de coração?
Não previas uma vida
A pedir-te animação?

Não sonhavas esta imagem
Como eu sonhei a tua ?
Não a buscaste de noite
Entre o cortejo da lua ?

Não escutaste uma estrella,
Que te fallava de mim ?
Aos teus sonhos d'innocencia
Não quizeste achar um fim ?

Não tinhas na harpa da alma
Vagos sons sem harmonia ?
Não sentiste um hymno dentro
Em vibrações de poesia ?

Uns olhos, que tinham fogo,
Não scintillaram nos teus ?
Tinhas sentido já d'outros
O que sentiste dos meus ?

Tinhas já visto uma lagrima
Em faces d'homem brilhar ?
Viste um gemido espontaneo
Gelidos labios queimar ?

Ouviste igual juramento
Dado em presença dos céos ?
Alguem, pedindo-te amor,
Jurára o nome de Deos ?

Quero dar-te o meu livro, embora o rasgues...
Se em tuas mãos viveu breves minutos
De mais foi venturoso ! ...Se d'entre ellas

Desfolhado cahiu...que importa ? ...o goivo
Colhido entre sepulchros não se mirra
Em dedos innocentes ? Pode o aroma
Da flôr, que emmurcheceu, valer um riso
Á pobre que não tem outra existencia,
Outro lindo verdor de primavera ?! ...

....

É este o meu thesouro d'amarguras ! ..
Das paginas, que tem, se alguma vires
Matisada d'amor ... crê que um delirio
D'est'alma, que repelle o desalento,
Ahi gravado foi...Se desditosa
A vida te correr...quem sabe...um dia...
Recorda-te da infancia, abre esse livro,
Um balsamo, um consolo acharás n'elle.

Mal sabes que prazer revive n'alma,
Embora angustiada na saudade,
Se das grandes paixões resta a memoria !

TRAIÇÃO E VINGANÇA

Anjo dos anjos,
Ai! quem te fez demonio? ...
Castilho. N. do Castello.

Sempre o crime e a vingança;
Mas as vinganças d'então
Eram terriveis! — as d'hoje
São do crime o galardão.

(A MINHA PRIMEIRA POESIA).

I.

Um cavalleiro partira
A batalhar por Jesus:
Negro era o manto, e a cota,
Era d'ouro a espada e cruz.

Se foi a amante, se Christo
Que nas luctas invocou,
Não n'o dizem — que não podem —
Os hereges que matou.

Entre as hordas agarenas.
Quem o viu — rei do terror —
Nuvem de pó, e de sangue
Entre arrancos d'estertor...

Quem o viu rasgar co' a lança
Um 'squadrão cerrado, inteiro,
Não nos conta se era raio,
Satanaz, ou cavalleiro!

A vizeira nunca erguêra,
Nem despregara o broquel...
Quem lhe visse a face torva
Vira-lhe um riso cruel...

Ao mal-f'rido contendor,
Quando aos pés lhe agonisava,
No extremo arfar da vida
Uma risada lhe dava.

Ninguem trava armas com elle
Que lhe ás mãos alfim não morra!
— Era a colera do Eterno...
Era o anjo de Gomorra!

Se dormiu, foi entre mortos,
Que, fer iz, acutilou...
Respira sangue, e extermínio
E carnagem, se accordou.

Um arranco d'agonia,
Mal no céo raiava a luz,
Encantava o cavalleiro,
Era o seu signal da cruz.

II.

Cavalleiro! a tua hora
De morrer chega tambem!...
Olha... aqui... um filho chora...
Tinha um pai... mataste-o agora...
Não lhe deixaste ninguem!
Olha a espoza abandonada

N'um cadaver abraçada
N'aquelle cerro d'além!

Cavâlleiro! o frio norte
Vem murchar o teu laurel!
O fatal sopro de morte
Não recua á malha forte
De teu ferrado broquel!
Por que dama batalhaste?
Por que Deus acutilaste?
Quem te fez assim cruel?
....
....

III.

Que lindas, custosas festas,
Vão lá no paço real!
Que ricas bodas são estas?
— Caza o rei de Portugal?

O rei, não, mas D. Fernando,
Seu irmão, vai-se a cazar
Das erdeiras co'a mais rica
Virgem, formosa Guiomar.

Vêde-lhe as faces tão lindas
D'innocencia e candidez!
Vêde ali se pode um crime
Revellar aquella tez!

Não lhe punge inda o remorso
No seu virgem coração;

Ella é candida florinha,
O amor é viração.

Viração, que as lindas faces
Lhe faz de pejo córar!
Inda não sabe ... não sente ...
Que amarguras tem o amar! ...

Menestreis! tangei um hymno
A' formosa Guiomar!
D'uma corôa, vinde, ó virgens,
A formosa engrinaldar

....
....

IV.

A' porta do salão um vulto assoma...
Traz negra a fronte, negra a vestidura;
De sangue salpicada a ferrea cota
Estatua ensanguentada se figura!

Quem é? Ninguem o sabe! Um rito ardido...
A estatua sepulcral mostra que falla!...
O ecco, ao longe, repetiu — *perjura* —
Terror de morte se incutiu na salla!

Vede a face da donzella
Vede-lhe a mimosa tez...
A *perjura* será ella?!
Vede aquella palidez! ...

A poucos passos, magestosos, lentos,
Bem perto de Guiomar, turba d'assombro,
O vulto pára, e a viseira erguendo,
A ferrea mão lhe põe no debil hombro...

« Conheces-me, Guiomar ? Não te recordas
« D'um tempo que já foi tão prazenteiro !...
« Recordas ter amado, e ter trahido
« A fé que te empenhara um cavalleiro ?

Vede a face da donzella,
Vede-lhe o pranto a correr !
A *perjura* será ella ? !
Que triste sorte vai ter !

« Nos combates, mulher, vendi minh'alma
« Ao Rei do inferno, ao Satanaz das iras ;
« Com meus guantes esmaguei mil peitos
« Innocentes... sem crime...e tu respiras ! ...

« Não sabes a que eu vim ?—Venho a pedir-te
« As crenças infantis que me mataste ! ...
« Confiei-te esta existencia...dá-me a vida...
« Dá-me a esp'rança do céo, que me roubaste !

Vêde a face da donzella
Roxa, livida, mortal ...
Adevinha ella que morre...
Certo é... ninguem lhe val !

V.

Tinha o olhar do cavalleiro.
Um fitar fascinador ...

Ninguem quer fallar primeiro ...
Temem todos seu furor !

Quem o viu no arraial
Rojar a morte , inclemente ,
Teme-lhe agora o punhal
Sobre a víctima pendente !

Um corpo debíl cahiu
Mal do guante foi tocado ...
Ai ! Guiomar .. ! pede perdão ...
Que o punhal scintilla irado !

Pede perdão ao trahido ...
Dá lhe as crenças ... dá-lhe o amor ...
Já no ar vibrando o golpe
O punhal lampeja..................
.... Horror !

Morreu ao despontar-lhe o sol da vida :
Em tão ledo festim ! ..
Foi-lhe cara a traição á fementida ...
Bem triste foi seu fim ! ...

*

Mulher ! se te contei desta perjura
As contas que ella deu ...
Não temas .... vingador de mão segura,
É o remorso ... que é teu ! ...

A UNS ANNOS.

Oh ! toujours ,n'est-ce pas ? vous garderez ......
Pieusement cachés , comme um tresor, dans l'ame,
Les souvenirs sacrés des jours qui ne sont plus.
Tournefort.

Não é marcada aos anjos duração ;
Se na terra poisaram leve instante ,
Prestai-lhe adoração.
Depressa o vôo seu vai arrogante ,
Das miserias da terra triumphante ,
Ao seio do Senhor ;
Depressa o rijo sopro da desgraça
A alma , que é do céo , cá despedaça
Nas angustias da dôr.

Estende os olhos teus por toda a face
Da terra aonde estás — mostra-me ahi
Um anjo qual tu és ! ...
Que riso de mulher que não matasse ?
Qual é que uma traição não guarda em si ?
Quem é que um tenro amor não calca aos pés?
Muitos anjos eu vi
Na cega adòração ;
Mas eu , sem crer no amor , só foi em ti
Que achei um coração.

És um anjo , mulher , que a tua sina
Foi no mundo soffrer desde menina ...
Escrava d'uma lei...
Não viveste p'ra ti ; — douraste a vida

A quem t'a não dourou ! ... éras nascida
P'ra mim ... que te adorei.
Divina , sem rival , alma grandiosa ,
Devêras ter calcado , de orgulhosa ,
As offertas d'um rei !

Crês tu que já viveste ? oh ! crê que não ...
De lagrimas aqui foi teu viver ...
Mas choradas em vão ! ...
Nasceras para amar — e encontraste
A perola que a mão de Deus engaste
Nesse teu coração ?
As pulsações da alma ennobrecida
Foi tarde que as senti, já quando a vida
Não pôde , para o tumulo pendida ,
Pagar-te uma affeição ! ..

Não tens tempo marcado ... O soffrimento
Travou d'uma existencia , e só na morte
Lhe marca o nascimento.
— O morrer é nascer , se a desventura ,
Qual a soffri por ti , persegue e dura
Em quanto se viveu ! ...
Teus annos conto-os só pelo tormento ,
E , quando vem co'a morte o esquecimento ,
E' feliz quem morreu !

DESALENTO.

Souffrir ! pleurer ! mourir ! voilá ma destinée ;
Le malheur m'a bercé : qu'il creuse mon tombeau !
Devoille.

Deus permitte que eu na terra
Possua immensa riqueza
D'amarguras sem refugio,
De inconsolavel tristeza.

Quiz que, a par destes martyrios,
Viesse um anjo d'amor;
Mas não ouço a voz do anjo,
Quando grita a minha dôr.

Nesses momentos terriveis
De insondavel amargura,
Quando o calix não supporto,
Peço a Deus a sepultura.

Tirem-me hoje a cara esperança
De ámanhã cadaver ser;
Que eu maldigo a Providencia
Que impõe, á força, o viver!

FRAGMENTOS DO LIVRO DE

***

....

....

Silence, esprit de feu!

De La Martine.

VIII.

Foi grande esta paixão!—grande, insondavel
Como os antros do mar, — como os abysmos
Na alma da mulher! ... Amei p'ra sempre!

Tinha uma vida dormente,
Gelada em frio torpor ...
Que mal te fez esta vida
Na solidão consumida,
Algemada á sua dôr?

Quem te trouxe ao meu desterro,
Que vieste em mim buscar?
Quizeste vêr quasi morto,
Nos trances do desconforto,
Um coração expirar?

Sondaste o peito que arfava
As pulsações do morrer;
Tua mão aqui pousava,
E a morte a respeitava
Porque eu senti-me viver.

Era forçoso adorar-te...
Muito da alma te quiz ! ...
Uma cegueira... um delirio...
Amor ... não ! ..foi um martyrio...
Foi quanto ha d'infeliz !

Uma lagrima não tinhas
Quando o que fui te contei...
E, com tudo... todo o sangue
Deste coração exangue
No sudario te mostrei !..

Foi grande, esta paixão!...grande insondavel
Como os antros do mar, — como os abysmos
Na alma da mulher ! ... Amei p'ra sempre !

IX.

Sobre a livida fronte desse homem,
Que na terra uma esp'rança não tem,
Cingireis um diadema radiante,
Mas gravar-lhe uma crença... ninguem !

Dae-lhe um throno, e de escravos e flores
Alastrae-lhe o caminho até lá...
Que essa fronte, baixada p'ra sempre
Sobre o throno jámais se erguerá !

Esse brilho, que ostenta na face,
Quem de trevas a alma tem só;
E' qual brilho sinistro dos tumulos
Que da lampada expira no pó.

Quem percebe o sorrir da desgraça.
Vae sonda-lo no abysmo da dôr;
Há sorrisos que escaldam nos labios
Qual na ancia da febre o estertor!...

E eu senti vir um sopro de morte
Quando a vida aspirava do céo;
A mortalha desceu-me na fronte,
Quando esp'rava enlaçar-lhe um troféo.

Eras tu... sombra vã! ... que és agora?
D'entre campas te vejo acenar...
Vaes, rainha da morte, entre tumulos
Sobre ossadas um throno fundar?

Inda bem! errarei pelas vallas...
E p'ra ver-te a mortalha erguerei...
Se na terra fui 'scravo de vivos
Entre o pó de esqueletos sou rei!

....

....

X.

Anjo de santa magia,
Filha de Deus, ó poesia,
Que, nos trances da agonia,
Meu consolo foste já...
Libra as tuas azas d'ouro,
Sóbe ao céo, que o teu thesouro
Não é aqui... é nesse côro
Que cantam anjos de lá.

Se inda em mim resta escondida
Uma crença indefinida,
Que s'inspira d'outra vida,
Onde não mata a paixão...
O' meu anjo! ... este sagrado...
Este espolio não manchado,
Salva, salva ao naufragado
No seu mar de corrupção!

....

....

Se lagrimas tivesses..., chorarias...
Que acerbo o *livro* é! ...
E' um canto de morto em seu sudario
Na campa erguido em pé!

E' um grito, mulher, do que succumbe
Varado por punhal...
Depois... a morte vem... cerram-se os labios...
Silencio sepulchral! ...

NÃO ME CHORES.

Peut-être des cœurs généreux seront attendris á ce recit, et repandront des larmes ...»

P. Javanoise. vers. de Marchal.

Alma pura! não me chores,
Quando ao mundo eu der o adeus!
Minha fé, anceando o êrmo,
E' d'um crente a fé nos ceus.

Ergo a fronte, aqui vergada
No altar da vil mentira;
Fito-a em Deus; e o ceo, e os anjos,
Com que ardor esta alma aspira!..

Lacerada sobre espinhos,
Ai! que vida aqui perdi!..
Era immensa, era infinita
Uma esp'rança que nutri!..

Illusões, affectos nobres,
Desalento e desconforto,
São a mortalha... o sepulcro
Deste coração já morto!

N'UM ALBUM.

E' de poeta o lindo album,
Cujas paginas douradas,
Ao capricho d'escriptores
Por seu dono são votadas?

Se é de poeta o lindo album,
Não o sacrifique a alguem:
Nunca os outros dizem tanto
Como o poeta n'alma tem.

Cada pagina consagre-a
A gravar, em cada dia,
O pensamento inconstante
Em que a alma desvaria.

Que o poeta é um mysterio,
Que ninguem sabe o que é:
Hoje crê; ámanhã nega....
Nem em si proprio tem fé.

Isso mesmo é bello e grande,
Quando a consciencia o diz,
E n'um album escreve a historia
Do poeta, anjo infeliz!

E mais bello e grande ainda
E', nos transes da velhice,
O poeta abrir o album,
E dizer: « Olha o que eu disse!

« Vejam tanta vida e fogo!
« Vejam tanta alma aqui!
« Que amargoso desengano! ...
« Foi mentira o que eu senti! ...

« Inda bem-que o desengano
« Me rasgou mentidos veus! ...
« Fui um prodigo no affecto,
« Que hoje restituo a Deus! ... »

Eis-aqui de que servira
Um tal album para mim;
Mas em tudo n'este mundo,
Cada qual tem o seu fim.

Eu não sou rebelde á moda
Que triumpha em nossos dias,

Se tambem na moda entra
Archivar semsaborias.

NO ALBUM DO SNR. REZENDE, PINTOR DESTINCTO.

.... une mére chrétienne
A prépáré votre âme en vous ouvrant la sienne.
Violeau.

Sáis da patria, illustre genio,
Mas da patria pobre vais!
Nada tens, tudo perdeste...
Mãe, irman... que importa o mais?

Quando o coração trasborda
D'amargos dons da poesia,
E' mister um mundo grande
Onde illudir a agonia.

Volta, um dia, á pobre patria,
Paga-lhe um feudo tambem,
Vem depôr o teu deadema
Na campa de tua mãe.

INNOCENCIA.

N'as-tu pas, me dis-tu, dans ton cœur, jeune encore,
Quelque chose . . ?

V. Hug.

Serrana ! tão lindos olhos
E cabellos Deus te deu !
Que altivez, e que donaire
Seductor é esse teu !

Tu de certo que não sabes
O valor grande que tens !
Se soubesses, valerias
Hoje amor, manhã desdens.

Tão pasmada me contemplas ! ...
Não me entendes, bem o sei...
Serrana ! se tu me entendes,
Ai de ti, que me enganei !

Ai de ti... se tua alma
Festejasse este elogio ! ...
O pudôr não tinge as faces,
Quando n'alma exulta o *brio*...

Tu que vens buscar á selva,
Quando mal desponta o sol ?
Harmonias afinadas
Nas canções do rouxinol ?

Vens , e sentes , mas não sabes
O que sentes exprimir...

Ah ! serrana ! .. se soubesses .. .
Tambem sabias mentir...

Quando , á noite , á sombra amena
Do pomar sentada estás,
Não me dizes as tristezas
Dos suspiros que tu dás ?

E não fallas ! ... Teu silencio
Que mysterios annuncia !
Ah ! serrana... se fallasses ,
Nunca eu mais te fallaria !

VICTIMA !

.... Laches ! que lui reprochez-vous ?
D'un courage inspiré la brulante énergie...
C. Delavigne.

Filha da dor , calcaram-te os cobardes ,
Que comtigo ao ceo dos sonhos teus
Não poderam subir , nem viram Deus ,
O Deus da luz , do fogo , em que tu ardes.

Resuscita , mulher ! surge ! não tardes
Em vir mostrar á terra esses trofeus ,
Colhidos entre os anjos lá nos ceus ,
Embora o teu mysterio aos homens guardes.
....

E eu vejo o scintillar d'aureo deadema !
E's tu , mystica pomba , o nume sancto
Que vens aqui mostrar a luz suprema ?

Salve, filha do céo, anjo do pranto!
Se vens arrebatar-me á dôr extrema,
Oh! leva-me no teu lucido manto!

PERDIDA!...

Já não brilhas, minha aurora!
Foi tão rapido o meu dia
De repouso e d'alegria!
Tão depressa vem a hora,
Da tristeza, e da agonia!
Já não brilhas, minha aurora!

Minha estrella que luziste
Neste meu torvo viver,
Melhor fôra não nascer
Se tão depressa fugiste!
Porque has-de escurecer
Minha estrella, que luziste!?

Dessa fronte radiosa
Dá-me ainda um raio teu...
Seja um só, filha do céo,
Casta pomba luminosa!
Seja um só raio sem veo
Dessa fronte radiosa.

Sobre a minha sepultura,
Venha o raio scintillar...
Sentirei meu peito arfar,
Verei luz na campa escura:
Vem, meu anjo, ajoelhar
Sobre a minha sepultura.

*

INDIGNAÇÃO.

Malheur á vous qui sur la terre
Glanez le poete et la fleur,
Et dont le pied sur la poussiere
Brise les perles en passant!
Tourneftor.

Tu da morte anjo invisivel,
Que devassas os mysterios
Lá no seio dos sepulcros,
No pavor dos cemiterios...

Vem comigo! ... A hora é triste,
Não respira a natureza...
Tudo é trevas, mas os mortos
Lá terão lampada accesa.

Vem comigo! .. Eu quero vêr-te
Ao clarão da torva luz...
Quero ver-te entre os vallados,
Onde alvejam ossos nus.

E's o archanjo! Evoca os mortos,
Da trombeta o brado espalha!
Faz que um morto além resurja,
Tincta em sangue inda a mortalha...

Lá surgiu! ... foi poeta! ... vês-lhe
Sobre a fronte algum laurel?
Vês-lhe o genio arder nos olhos?
Vês de vermes negro annel! ..

Podes, anjo, um ar de vida
Nos seus labios bafejar?

Dá-lhe um alento! ... eu quero ouvir-lhe :
« Se ha na campa o repousar!

« Se dos labios d'um perverso
« Atravez irá da lousa
« Inda o fel da injuria infame
« Purturbar quem lá repousa.

« Ou se o infame, a horas mortas,
« Do remorso é arrastado
« Junto á campa, e pede ao morto,
« O perdão de o ter matado! »
....
....

Ouve agora : se um perverso
Tem repouso, quando expira,
Honra e crime é tudo o mesmo,
A Providencia é mentira!

NÃO DESPERTES.

Viens-tu devoiler l'avenir
Au cœur fatigué que l'implore?
Rayon divin, es-tu l'aurore
Du jour qui ne doit pas finir?
De Lamartine.

Não vives triste? não sentes
Cálida sêde d'amor?
Não dás os voos vehementes
Das aspirações ferventes
Por outro mundo melhor?

Como vives? no que pensas?
O teu destino qual é?
Por ventura, inda tens crenças
Sanctas, intimas, intensas.
Quaes te deu no berço a fé?

Tão sosinha!... se és ditosa;
Oh! que bens deves a Deus!
Não saber o mal profundo,
Que se passa neste mundo,
E' na terra achar os ceus.

Se soubesses, virgem, crê-me...
As angustias que lá vão,
A paz, que tens, não terias;
No banquete d'agonias
Fôra-te dado um quinhão.

E, depois.... que outro remedio
Senão a taça esgotar!
Das paixões, primeiro, o assedio,
E, depois, da vida o tedio,
E, por fim... Deus renegar!...

Ha quem diga que a virtude
Póde sem mancha viver...
E' mentira! Eu nunca pude,
Por mais que este mundo estude,
Combinar *honra* e *prazer*.

O *prazer* exprime agora
A *deshonra* d'outros dias.
Uma nobre acção outr'ora
Era sempre a precursora
De singelas alegrias.

Hoje, não! Chama-se goso
« Vida fertil d'emoções » :
— Quem na paz busca repôso
Diz o mundo, é desditoso...
Só ha vida nas paixões! —

E as paixões, anjo do ermo,
São do crime o ouropel;
São do espirito enfermo,
Quando o estrago chega ao termo,
Dourado calix de fel.

Essa palavra maldita
Todo o prestigio perdeu,
Quando, despida de encanto,
Se tornou idolo sancto
Do corrupto e do atheu.

Embalde tenta a poesia
Dar-lhe um matiz ideal.
A fogosa fantasia
Tem *nadas* d'alta valia,
Mas perde-os na vida real.

Bello foi, mas não é hoje,
O suave e brando amor;
Embora a alma se arroje
Nas paixões, tanto mais foge
A's leis d'um sancto pudor.

Flor, escondida entre flores,
Nova aurora do meu ceo!
Não queiras outros amores.

Pois bem vês do mundo as dôres,
A travez d'um facil véo.

Não queiras tu vêl-o erguido,
Não, não manches tua mão ...
Que, se o vês ... verás perdido
Esse thesouro escondido
Que tens no teu coração.

Vi-te .. ! e queira o ceo piedoso
Que eu não torne a vêr-te aqui!
Pódes tu, astro formoso,
Ser, no ceo, penhor d'um goso,
Que eu gosei, scismando em ti?

PAIXÃO UNICA.

Aquella em cuja vida já vivi.
Camões.

Quem me déra poder ver-te!
Ai! quem me déra dizer-te,
Que pude amar-te, e perder-te,
Mas olvidar-te ... isso não!
Que no ardor d'outros amores,
Atravez mil dissabores,
Senti vivas sempre as dôres
D'uma remota paixão.

Com que dorida saudade
Penso n'essa mocidade,
N'essa vaga anciedade,

Que soubeste comprehender!
E tu só, só tu soubeste;
Que, n'um mundo, como este,
Qual florinha em penha agreste,
Póde a flôr d'alma morrer...!

Orvalhaste-a, quando ainda,
Ao nascer, singela e linda,
Respirava a esp'rança infinda,
Que comsigo a infancia tem.
Amparaste-a, quando o norte
Das paixões, soprando forte,
Lhe quiz dar rapida morte
Como á candida cecem!

E, depois, nuvem escura
Lá no ceu d'esta ventura
Enluctou-me a aurora pura
De meus annos infantis.
N'esta vida houve um espaço,
Onde nunca dei um passo,
Em que não deixasse um traço
De paixões torpes e vis!

E não tenho outra memoria
Que me inspire altiva gloria,
Nem outro nome na historia
De meus delirios fataes.
Se percorro a longa escala
De paixões que a honra cala,
Quem d'um nobre amor me falla
És só tu ... e ninguem mais! ...

És só tu! De resto; apenas
N'estas variadas scenas
De illusões, e inglorias penas,
Nada sinto o que perdi!
Sinto bem esse desdouro;
Que comprei com falso ouro,
Em desprêso d'um thesouro
Que só pude achar em ti!

FEBRE.

— FRAGMENTO DO LIVRO DE *** —

III.

Oh! revenez encore, mes douces visions,
Réves de mon bonheur; saintés émotions,
Passez encore, passez toujours devant més yeux,
Comme á l'ange exilé les visions des cieux!

Jules T.

Nuvem, que passas ligeira
Além, nas orlas do céo,
Serás tu a mensageira
D'uma virgem, que morreu?
Virás tu do paraizo,
Encantada n'um sorriso,
Qual te vi nos sonhos meus?
Vens ao martyr dos tormentos
Trazer-lhe sanctos alentos
Em nome d'ELLA e de DEUS?

Pára !... vê que neste rosto
Fogo d'alma não transluz !...
Olha o profundo desgosto
Que me verga á minha cruz !
Soffro muito !... ninguem pensa
A dôr que estala de intensa
Neste coração, que foi
Nas paixões sempre delirio,
Na recompensa martyrio
E no martyrio um heroi !...

Soffro muito ! E nenhum laço
Me tem hoje ao mundo preso ;
Os que tive eu despedaço
Quando eu proprio me despreso !
Soffro muito, e ninguem sabe
Quanto fel aqui me cabe
Nos seios do coração !
Soffro, calado, maldito
Qual o judeu, que, proscripto,
Vê perpetua a maldição !.......

IV.

Fizeram-me infeliz ! Nasci sem culpas,
Um berço tambem tive d'innocencia,
Fallei com labios puros, virgem d'alma,
Fôra um anjo dos céos !

Fizeram-me infeliz ! Entrei no mundo
Com este coração rico de alentos ;
Abrazado no amor, ardente em crenças,
Vehementes em Deus !

Fizeram-me infeliz! Vêde-me apênas
No começo da vida, e tenho a face
Myrrada pela dôr, e a luz dos olhos
Vacillante a morrer!
Se apalpo o coração, não acho vida,
Nem lagrimas ao menos que me prestem
Na hora do trespasse inda o desejo
D'um dia mais viver!

Foi a Filha do céo, a Providencia,
Que ao *nada* quiz descer do throno augusto,
Do *nada* me tirou, e as portas amplas
Do mundo abrir-me quiz.
Maldigo a Providen... perdão, oh Christo!
Os homens, sim, maldigo-os... foram elles
Que em paga d'illusões que me mataram,
Fizeram-me infeliz!

V.

....

....

Ao nada! — grita-me um brado
Que a consciencia me dá:
Ao nada! — diz-me o cadaver,
Que n'aquella campa está!

Desgraçado! eu nada tenho!
Quero crêr... não tenho fé!
Erguei-vos, mortos, dizei-me:
« *Eternidade*... o que é? »

....

....

VI.

Roprobo, blasfemei, quando este inferno,
Que me abraza por dentro, é em meus labios
Um sinistro clarão!
O impio é desgraçado; e quantas vezes
A livida desgraça faz o impio
Sem fé, sem contricção?

Eu contricto, prestrado, ei-de ter lagrimas
Nas torvas horas do morrer afflicto
Contorcido na dôr!
Choral-as-hei então... Talvez que o *crime*,
Assim chamado aqui, sejam *virtudes*
No céo, ante o SENHOR!

....

NO ALBUM DE LUIZ CANDIDO CORDEIRO PIHEIRO FURTADO COELHO.

Chama-te o mundo poeta...
Não sabe o mundo o que diz...
O teu nome é outro, amigo,
Devem chamar-te infeliz.

Porque o és, porque tens sonhos
Que são mentiras aqui,
Porque aspiras e vês mortas
As aspirações em ti.

Por que sentes sacro fogo
Escaldar-te o pensamento,
Por que te batem na fronte
As pulsações do talento.

Porque vês um grande mundo
Pelo prisma da poesia,
Porque vês em cada homem
Um algoz da fantasia,

Porque sonhas bellos anjos
E no mundo vêl-os queres;
E, se accordas, só deparas
Como eu, sempre mulheres.

E's feliz? não és por certo...
E's poeta? Oxalá não!
Ser poeta é ter na fronte
Um signal de maldição.

VIVIA!

Lembra-te tu, que só de ti esperava
Remedio aos males meus, e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.
Camões.

Quando li, anjo, os teus versos
Tive orgulho e fui feliz!
Senti muito... quiz contar-t'o,
Mas não posso revelar-t'o
Como o coração m'o diz.

Tens talento, sentes muito,
Comprehendes quanto queres...
E's distincta quando fallas,
Quando sentes, quando callas,
Quando és anjo entre mulheres.

Tens desprezo pelo mundo?...
Ah! não tens... não podes ter...
Corações taes como o teu,
Podem, sim, prender-se ao ceo,
Mas tem fogo até morrer.

Existencias ha na terra,
Que ninguem comprehendeu;
Ha mysterios escondidos,
Ha segredos não sabidos,
Oh! ... se os ha... que os sinto eu...

Adevinhas, por ventura,
Se no mundo existe alguem,
Que não falla, e só comprime
A paixão, que nem exprime
Pelo amor que em si contém?

Adevinhas se é poeta
Que te adora e não te vê!..
Que se impõe cruel preceito
De sentir morrer-lhe o peito,
Antes que um suspiro dê?...

Adevinhas se nos sonhos
Desse escravo, que te adora,
Vem fulgir-lhe de passagem,
O clarão da tua imagem,
Como á flor lhe fulge a aurora?

Tu sorris!... Eu adevinho
Que sorris dos pobres versos,
Onde não achas bellesa,

Mas só vês de quem te presa
Vagos sons d'alma dispersos.

Tu sorris!.. talvez sentisses
Uma outra inspiração,
Se pensasses que ha mysterios,
Que não dizem cemiterios,
Nem mudas campas no chão.

Chorarás?... talvez! ... quem sabe
O que tu sentes por mim?
Compaixão, ou desconceito,
Indifferença, ou um despeito,
Tudo sentes, não é assim?

Podes ser gêlo na alma,
Podes não ter coração;
Mas privar que eu por ti sinta
Affeição, já mais extincta,
Tu... poder... não podes, não!...

Vi-te!... e a causa?... ha um destino,
Em que eu creio, e não m'o diz!...
A razão porque te amei,
Essa, sim, sou eu que a sei...
— E' por ser muito infeliz!

Ha paixões, anjo do céo,
Que, embaladas na ventura,
Nem o mundo as envenena,
Nem a critica as condemna,
Nem lhes cava a sepultura.

Mas eu., filho da desgraça ,
Que amo só para soffrer ,
Já prevejo o meu martyrio.....
Muito amor , muito delirio ,
Para em fim tudo perder !........

Não irei a paz dos anjos
Em teu seio perturbar....
Dorme o teu somno de virgem ,
Que eu , no ardor desta vertigem ,
Não te irei lá despertar ! ....

DA-ME UM ANNEL.

Era de ferro... quebrei-o ! ...
Hoje sim , que sou feliz ! ..,
As torturas dessa algema
Ninguem sabe , ninguem diz ! ..

Do A. (um anno depois.)

Dá-me um annel ; mas que seja
Como o annel em que cingida
Tem gemido a minha vida.
Dá-me um annel ; mas de ferro ,
Negro , bem negro , da côr
Desta minha acerba dôr ,
Deste meu negro desterro !

Dá-me um annel ; mas de ferro...
Sempre comigo hei-de têl-o ;
Ha-de ser o negro elo ,
Que me prenda á sepultura ,

Quero-o negro... seja o estigma,
Que decifre o escuro enigma
D'uma grande desventura.

Da-me um annel; mas de ferro,
Que resista mais que os ossos
D'um cadaver aos destroços
Do roaz verme do pó.
Entre as cinzas alvacentas,
Como espolio das tormentas,
Appareça o ferro só.

E o teu nome, impresso n'elle,
Fallará d'um grande amor,
Nutrido, em ancias de dôr,
Pelo fel da sociedade...
Que teu nome n'elle escripto,
Nesse padrão infinito,
Vá comigo á Eternidade.

N'UM ALBUM.

Donzella! não queiras versos
De quem lagrimas só tem.
Uma flor, junta ao cipreste,
E' triste, não fica bem.

O teu album quer sorrisos,
Quer esp'ranças, quer amor;
A candura não concebe
Uma lagrima de dôr.

Se eu te désse, anjo, os meus versos,
Que importava dar-t'os eu?
Deste inferno a linguagem
Não se entende no teu céo!

Folga, e ri, ave cantora
Em teus hymnos matinaes;
Foge os sons do campanario,
Foge as nenias funeraes.

Uma tarja côr da morte
Nesta pagina verias...
Para que? de que te serve
Uma historia d'agonias?!

O ORPHÃO.

Mais qu'importe un soupir? Sans l'entendre, la foule
.... á flots bruyants s'ecoule....
Moi seule je demeure, et consacre tout bas
Les sons d'un luth obscur à cet obscur trépas.
Madame Tastu.

Vêde-lhe as faces palidas de fome,
E os olhos torvos d'um chorar sem fructo!
Dentre andrajos fétidos e palha,
Ergueu, ha pouco, os franzininhos membros,
E ei-lo, vindo a vós, medroso e timido
Uma esmola pedir por caridade.

Ao orphão desvalido, que humedece
De lagrimas o pão, que lh'esmolardes,
As costas não volteis.

Arrastado no mundo sobre espinhos,
Não vos pede caricias... só implora
Que a fome lhe mateis.

Quando o frio da noite lhe apavora
Das palpebras o somno, que é refugio,
Derradeiro, talvez, ao desgraçado...
O orphão, que não tem porvir ou esp'rança,
Transporta-se ao que foi, e a vaga imagem
Da mãe, que lhe sorri, dá-lhe um conforto.

Ledas recordações, se póde tê-las
Um filho, que perdeu meigos afagos...
E' o orphão feliz...
Recorda-se que uns labios lhe tocaram
Seus labios, não eivados pela fome,
Nas faxas infantis.

Ledas consolações em largas noites
São essas, que lhe presta á fantazia,
Liberta das algemas da miseria.
O orphão embalado por chimeras
Da mente a recordar gosos perdidos,
Dorme, e sonha depois mentidos sonhos.

No céo desponta a luz... Desperta o triste,
Olha em torno de si... não vê um escaço
Bocadinho de pão!..
O filho da amargura, as mãos mirradas
Erguendo para Deus, pede-lhe a morte
Em férvida oração.

E' surda a Providencia... Eccos doridos

Do martyr da penuria não commovem
A compaixão do Eterno ! .. Elle , mendigo ,
O orphão vae á porta do abastado ,
Supplíca , e a chorar , espera... espera...
Do gélido cynismo um *não* tardio.

Exhausto de vigor , lasso de fome ,
De lagrimas , e supplicas cançado ,
    Não póde já rogar.
No portico de marmore d'um rico ,
Sentára-se o infeliz , e o rico , ao vê-lo ,
    Mandára-o *caminhar*.

« *Caminha* , que é teu crime esse ferrête
« De mendigo , que tens na magra face ,
« E nos trapos nojentos que te vestem...
« *Caminha* , que é vedado ao verme ascôso ,
« De rojos pela esqualida miseria ,
« Roçar-se vil nos pórfidos do rico. »

E o orphão caminhou... Rodavam seges ,
Cruzavam-se librés faustosas , ricas
    De nobre corrupção...
As faces salpicaram-lh'as de lama ,
E á mão , que elle estendêra supplicante ,
    Foi cega a compaixão !

A' tarde , quando o sol dourava as orlas
Do magestoso céo nos horisontes ,
O orphão mendigava um gazalhado ,
Um eido onde morrer ! ... A fome acerba
Minára-lhe as entranhas , lacerando-as
Nesse agro espicaçar d'intimas dôres.

Ouviram-o gemer a horas mortas,
E d'entre os labios, que sellára a fome,
Soltára uma expressão...
Não pedira comer, nem gota d'agua,
Nem vestes que a nudez lhe agasalhassem ...
Pedira a confissão.

No mesmo alvergue, alli, em pôdre esteira
Velava angustias, como elle, um velho
De faces cadavericas, sulcadas
Por fomes, e trabalhos, e tristezas,
Que não sabem chorar, os que vão indo
Do berço á sepultura em chão de flores.

Erguêra-se o ancião, e junto do orphão
Soluçante joelhou, e com seus braços
O corpo lhe cingiu...
« Pediste a confissão — diz-lhe o mendigo —
« Aqui vim p'ra te ouvir... nesta hora extrema,
Irmão, Jesus te ouviu...

Que culpas confessára o agonisante
Não disse o confessor...Diz que em seus braços
Expirára de fome um desgraçado,
Quaes outros que, vergados á penuria,
Salvára muitas vezes n'um mosteiro,
Onde, antes de mendigo, fôra monge.

....

A VIUVA.

Le sainte vérité, qui m'échauffe et m'inspire,
Ecarte et foule aux pieds les voiles imposteurs :
Ma muse de nos maux fletrirá les auteurs,
Dussé-je voir briser ma lyre
Par le glaive insolent de nos libérateurs.
C. Delavigne.

I.

A Donzella, gentil de seus encantos,
Em casa de seus páes, farta, mimosa,
Vivera virgem casta d'innocencia.
Anhelante de crenças, vê delicias
Nos quadros, que lhe alindam aureos sonhos
Embalados por mão da virgindade.

Melindrosa, córava quando ouvia
Estranhos galanteios, que não eram
As frazes de seu pae, não perfumadas
D'um eter seductor, que a perturbava.
Quizera ella, outra vez não mais ouvil-as;
E nesse esforço vão luctava, e, debil,
Deixava-se prender nos laços meigos
Das caricias d'amor, ebrio d'incensos.

Amou. Viva paixão ella inspirara
Em mancebo formoso de virtudes.
De genio, de feições, d'altos alentos.
Foi delle ante o altar. Alli, tão linda,
Curvada aos pés da cruz, arfa-lhe o seio,
As faces virginaes são côr dos labios,
E a mão, que aperta a mão feliz do esposo,
Estremece... porque? ....
.... Mysterios d'alma!......

II.

Tão felíz, nos braços delle,
Aquella meiga consorte
Scismava tanto na vida
Tão longe estava da morte !.....
Não lhe pungia a saudade
De singela mocidade
Nem dos carinhos da mãe...
Seu coração não podia
Tanto amor, tanta poesia,
Repartir por mais alguem.

As frescas rosas da face
Não lh'as murchára o tufão
Da tempestade que passa
E desfolha uma illusão.
Dera-lhe o céo piedoso,
D'entre os seus anjos, o esposo
Para todo o seu viver ! ...
Só pedia a Deus — na morte
Lhe coubesse a ella em sorte,
Primeiro que elle, morrer.

Que importava o laço augusto,
Que a cingira ante o altar
Ao mais leal dos maridos,
Que lhe não déra um pesar ?
Desgraçada ! .... ella só tinha
Seu dominio de rainha
Sobre um nobre coração :
Mas, se o *alarma* das batalhas
Rugir ao trom das metralhas,
Quem lhe respeita a paixão ?

Seu marido... esse não pode
Que jurou bandeiras já :
Pela honra d'um partido
Em que *crê* á guerra irá.
Irá no campo onde a lucta
E' d'irmãos feroz disputa
Ser um cadaver , talvez....
Mas ceder aos prantos della...
Trepidar ante a procella...
Isso não — que é portuguez.

Nem dos tenros dois filhinhos
Podem lagrimas valer :
Diz que o nobre amor da patria
Não permitte filhos ter.
Diz que a patria-géme escrava ,
E que o solo , onde ella crava
Da *liberdade* o pendão ,
Deve ser honrosa lousa
Onde vá carpir-se a esposa ,
Livre já da escravidão.

E partira. Nesse dia
De dorido e acerbo adeus ,
Joelhara a mãe e os filhos
De mãos erguidas aos céos.
Pelo páe mais carinhoso ,
Pelo mais amado esposo
Choravam juntos da cruz :
Pranto de sangue chorava
A mãe , que os filhos mostrava
A' VIRGEM , mãe de JESUS.

III.

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil !...
Accêsos se abrazam nos seios da patria
Os odios malditos da guerra civil !

Dos braços da esposa, que o susto apavora,
O pae de seus filhos a guerra uzurpou;
Dos braços maternos a mão da desgraça
O filho, que extremo lhe resta, arrancou.

Intrigas perversas de *nobres* traidores
No sangue se nutrem da patria commum:
Que mostrem nas faces o sangue que vertem
Os grandes, que os odios inflamam?--nenhum!

Quem pende a cabeça no chão mutilada,
Quem sente no peito uma bala a ferver,
— E' esse que a *lei* roja em nome da patria,
Qual rez no açougue da patria a morrer.

E' esse, que arbitrio não teve — o *soldado* —
Se a voz prepotente d'um grande bradou !
E' esse que um *soldo* escravisa a caprichos,
E em nome da patria bastarda expirou.

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil...
Accêsos se abrazam nos seios da patría
Os odios malditos da guerra civil..

IV.

Desfraldam-se estandartes salpicados
De sangue fratricida!
No campo frente a frente, pavorosos,
Dois bandos vão travar, vertiginosos,
Questão de morte ou vida!

D'um lado é portuguez quem brande a espada
Em nome do seu REI.
Ali, não vêdes só rojar-se o escravo
Aos pés de seu senhor... vêdes um bravo
Que morre pela LEI.

Tambem é portuguez quem vibra o ferro,
A' voz de LIBERDADE!
Mentidas illusões, mentida palma,
Freneticas paixões lhe accendem n'alma
Baldada heroicidade! ....

Cruzam-se as balas... estridor confuso
Retumba o arraial...
Fremente escarva o andaluz irado
O fosso onde seu dono ensanguentado
O ai soltou final!

Além, naquelle cêrro, o peito aperta,
Nas contorsões da dôr,
Um mancebo gentil, que vê, na morte,
Myrrados labios d'infeliz consorte
Dar-lhe um beijo d'amor...

No collo della, dois filhinhos caros
Banhados de chorar..

Dois orphãos desvalidos, miserandos,
Que irão pedir esmola a um dos bandos
Que um dia triumphar.

Mil turbidos fantasmas lhe revoltam
A mente allucinada...
Em seus labios febrís um nome esvoaça,
Um beijo... extremo adeus do que trespassa,
A' esposa angustiada!...

Lá tem na fronte a c'rôa do guerreiro...
— E' do sangue d'irmãos! —
E a fronte vacillou! ...já sente o forte
Geladas bagas do suor da morte
Nas já convulsas mãos.

E as mãos convulsas levantando a CHRISTO,
Em segredo rezou...
— Legára os filhos seus á Providencia?
— Pedíra para a esposa a Deus clemencia?
Quem sabe?... Elle expirou!

V.

Orgulhosos castellos ostentam
As bandeiras do seu vencedor:
Borrifadas as faces de sangue
Vem na paz pedir premio ao valor.

Foram fartos os premios que deram
As mãos largas de quem triumphou...
E dos mortos que os vermes roeram...
Eram mortos... — ninguem se lembrou!

Vão nos campos heroicos da guerra,
Onde jazem as cinzas do heroi,
Vão seus filhos ás urzes da terra
Perguntar — o seu leito onde foi?!

Nem um pobre vestigio de lousa,
Nem nas trevas do olvido uma luz,
Nem legenda que diga — *repousa*
Um christão ao sopé desta cruz!

Ai dos vivos, que os mortos não erguem
Mais a fronte que a espada rasgou;
Nem infamias de vivos perseguem
Quem na morte heroismos legou!

Ai da esposa, dos filhos, que vagam
Dando um nome, que grande já foi...
Mas que importa, se insultos lhes pagam
Do soldado as façanhas de heroi!

VI.

Depois do anoitecer, envergonhada,
Vos pede a parca esmola a mãe d'uns filhos,
Que perderam seu páe.
Erguei-lhe o véo de dó... vêde-lhe o rosto
Lacerado da fome, e o pranto amargo
Que nas faces lhe cáe!...

Viuva... sem recursos... sem parentes,
Um amparo, que tinha... o seu marido,
Nas batalhas morreu!...
Passageiro, que vaes, não tens que dar-lhe,

Não tens um só ceitil ?... mas dê-lhe a esmola
Essa mão que venceu.

Vós, grandes, que subistes á grandeza
Por cima do cadaver do soldado,
Vergae á compaixão !
As migalhas da mesa, os vossos restos,
Lançae-os a dois orphãos que mendigam
Da fome o negro pão...

Manhã... morta, talvez, a mãe que os chora,
Ingratos, que fareis dos pobres filhos
D'um nobre militar ! ?
Deixa-los-heis passar, lividos, rotos,
Descrentes, sem pudôr, mortos d'esp'rança
No roubo o pão buscar ?

Irão, irão, que a mãe na sepultura
Esquecida por vós, martyr d'affrontas,
Seus filhos não verá...
No tribunal de Deus... sois *vós* e *ella*...
Mas as contas que encerram crime e infamia,
Quem é que as saldará ? !

SE PODESSES.

Esta imaginação só me accrescenta
Mil magoas no sentido ....
Camoens.

Eu não sei se affectos podem
Galvanisar quem morreu !..
Tu, mulher, tão carinhosa,

Como a esperança presa ao ceo,
Queres, á luz da evidencia,
Levar a tua experiencia
Sobre um cadaver? Sou eu!

Fita bem teus olhos negros
Neste sorrir, que me vês..
Se m'o dissipas dos labios
Resuscitas-me talvez!..
— Um epytafio na lousa
De coração, que repousa
Neste sorriso não lês?

Dentro em mim é tudo abysmo,
Tudo gelo e escuridão!
Vem com a luz de teus olhos
Vêr o que é meu coração...
Vês uma harpa gelada?
Já foi fogo! ... se és fadada
Faz vibral-a á tua mão.

Tira-lhe um hymno chorado
Para ti ou para Deus;
Faz que a dôr, filha da terra,
Tenha um refugio nos ceos;
Que, depois, virgem chorosa,
Desta harpa suspirosa
Todos os hymnos são teus.

Alta noite o pensamento
Ha-de accordal-o a poesia;
Se na terra inda estiveres
Dou-te um hymno d'alegria...

Se te vir brilhar no céo ,
Deixarás um mausoleo ,
Chorarei lá noute e dia.

O CANTO DO SUICIDA.

Je meurs ! Avant le soir j'ai fini ma journée.
A peine ouverte au jour ma rose s'est fanée.
André Chénier.

Anjo , silencio ! ... não chores ...
Amei-te muito ... que importa ?
Vem beijar-me a face morta ,
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa
Nestes olhos já não brilhe ,
Não chores , anjo , não chores ...
Foi um destino ... cedi-lhe.

Escuta o hymno , que extremo
Sinto aqui no coração ...
Ouves gemer a paixão
Neste adeus ao mundo ingrato ?

Lucto ... mal sabes que lucta
Sinto aqui dentro ferver...
Nesta idade em que me mato
Oh ! tanto custa morrer !

Sempre a desgraça ! ... delicias
Nem uma tive em partilha ...

Vi-te, tarde, oh casta filha
De meus sonhos delirantes ...

Olha ... eu devo ter dos homens
Uma lousa ... pobre sim ...
Se m'a derem ... vae de lucto
Uma vez chorar por mim.

Uma só ... não te crimino,
Se depois o esquecimento
Fôr, no pobre monumento,
O epitafio que tive ...

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti ...
Extrema crença d'um vivo
Eras tu ... não te perdi! ...

Se tivesse est'alma um vôo,
Fôras comigo ... irias
Deste eculeo d'agonias
Onde vivi, e viveste! ...

Estas coroas borrifadas
Do sangue do coração,
Despe-as a fronte pendida ...
Deu-m'as o mundo ... ahi estão!

Venha o mundo, e deste sangue
Que innunda a face ao precito ...
Escreva, cuspa na campa,
Esta legenda — É MALDITO!

Anjo ! silencio ! não chores
Amei-te muito .... que importa ?
Vem beijar-me a face morta ,
Ouvirás sons do teu nome !

Á Illm.ª e Exm.ª Snr.ª

D. ANNA DELFINA D'ANDRADE.

ABBADESSA RE-ELEITA

— Improviso —

No Mosteiro de S. Bento da Ave Maria da Cidade do Porto , em Outubro de 1850.

Entre os vates , que vieram ,
E lindos versos fizeram ,
Sou humilde trovador.
Eu fiz canções de tristeza ,
Cedi á dôr que me pêza ,
Fallando em mágoas d'amor.

Raras vezes a alegria
Me sorriu na poezia
Sempre hervada d'agro fél ....
Raras vezes , que a desdita ,
Se ledos versos excita ,
São d'um sorriso cruel.

Mas não venho aqui contar-vos
Scenas, que não podem dar-vos
Um momento de prazer:
Venho buscar um ensejo
De contar-vos um desejo,
Que no peito sinto arder.

É um desejo sagrado,
Dito em verso não dourado,
Mas singello e franco sim:
É uma santa vontade,
Que não perde a magestade
Por ser sentida por mim.

Eu me prostro á clausura,
Onde vive a formosura
Em seu candor virginal:
Sinto amor, mas não da terra;
É sentimento que encerra
Vago celeste ideal.

Não tem voz a natureza,
Quando este amor de pureza
E todo filho do céo.
E' paixão que não insulta
O rubor na face occulta
Debaixo do casto véo...

Escutai a voz profana
Do que ousa ergue-la ufana
Ás Espozas do Senhor.
Quereis saber que deseja

Esta alma, que rasteja
Entre os espinhos da dor?

É que a vossa idolatrada,
Augusta, e nobre Prelada,
Tantos annos viva ahi,
Quantos anjos hão de um dia,
Com seus hymnos de alegria,
Voar com ella d'aqui!

MEDITAÇÃO.

Se amor determinasse
Que a troco d'esta vida,
De mim qualquer memoria
Ficasse como historia
Que de uns formosos olhos fosse lida,
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.
....
Camões.

Quando, sósinho, me escondo
Para pensar e soffrer;
Quando minhas mágoas sondo
Como quem sonda um prazer;
Vejo-te, oh sombra adorada,
Ouço-te, oh aura encantada,
Sinto-te, oh mystica fada...
E... feliz não posso ser!

Os meus sonhos são comtigo,
A velar comtigo estou;

Tua sombra vai comigo
A toda a parte que vou.
Não tenho um só pensamento
Que não seja um sentimento
D'esp'rançoso e grato alento ...
E, ainda assim, feliz não sou!

Que será? Este perfume,
Que sinto no coração,
Este meu sonhado nume
É mentida aspiração?
Tantas ancias esvaidas,
Tantas esp'ranças delidas,
Tantas flores pendidas
Na mais formosa estação!

Triste destino é o nosso!
E, se o não é, sou eu só,
Que n'este mundo não posso
Erguer a face do pò!
Ha tantos annos que vivo
D'uma chimera captivo,
E, n'este anhelo excessivo,
De mim proprio tenho dó!

Amor! tem sido o constante
Impulso do meu viver!
Apprendi na dôr do Dante
A sempre amar e soffrer!
Tive um prisma mentiroso,
Tudo o que vi, radioso
De celeste e infindo goso,
Inda hoje eu torno a vêr!

Sempre um anjo deslumbrante,
Sempre um futuro feliz!
Sempre a mulher anhelante
Das paixões de Beatriz!
Sempre os vultos grandiosos
Dos pinceis prodigiosos,
Que, em seus fastos dolorosos,
A historia hoje nos diz.

Camões julguei-o divino,
Chorei que fosse um mortal;
Mas não foi d'ouvir-lhe o hymno
Que cantou a Portugal.
É que o vi, farto de dores,
Varado o seio d'amores,
Terminar seus dissabores
Nas palhas d'um hospital!

Amou muito! É vasta gloria
Este martyrio, e não mais!
Que me importa a mim a historia,
Que engrandece os canibaes!
Detesto a gloria dos nossos,
N'esse padrão de destroços
Amassado sobre os ossos
Dos irmãos orientaes!

É no amor que estudo o poeta;
Quero vêl-o nas paixões,
Quando tem no peito a setta
Ervada de ingratidões...
Que levante a augusta fronte
Por cima d'este horisonte,

E que a sociedade o aponte
Como um Deus nas afflicções !

*

E bem longe vai já que eu fiz um voto
De perpetuo martyrio, e sei cumpril-o !
Eu nunca procurei á dôr asylo,
Nem alivios busquei !
Se existe em mim virtude, a minha é esta :
— Soffrer, sem me queixar — nem queixarei !

Por ti, luz que me cégas e me abrazas,
É ventura soffrer mil dissabores :
Eu tenho um coração maior que as dores,
Foi dadiva dos céos !
Corta mais fundo pelos seios d'alma,
Verás grato sorrir nos labios meus.

Adorar-te, beijar os teus vestigios
Seria um crime, se eu não fosse um homem !
Sou fraco, e ás paixões que me consomem
Resisto inda de pé ;
Nenhum homem vacilla, contra as dôres,
Se encara o céo do pedestal da fé.

A fé desceu-m'a um anjo d'entre os anjos
N'um momento d'incriveis agonias ;
Mostrou-me no final de breves dias
Outra vida a viver.
Embora ! quero a dôr !... em quanto vives ...
Eu não quero morrer !

O QUE E' UM BAILE.

(29 *de Maio de* 1853.)

Adieu ... mon ami ....
....
Souviens-toi
De moi ....
Millevoye.

O que é um baile? é um prado
Onde avultam poucas flores,
E essas poucas tem espinhos,
E esses espinhos são dores.

O que é um baile? é um riso
Precursor de amargo pranto;
E' illusão, que nos mente
Pelo prisma d'um encanto.

Esse encanto é sonho, é estrella;
Mas é sonho improvisado;
Mas é estrella, que só brilha
D'um fulgor imaginado.

E, por tanto, amigo Augusto,
Não te deixes fascinar ....
Cautella! .. astros são fogo,
E o fogo póde abrazar!

MARCOS DA VIDA.

3 de Julho.

Uma nuvem pavorosa
Envolve o sol deste dia ...
Succede ao riso do goso
O gemido da agonia ;
Mudam-se as galas em lucto
Em amargura a alegria.

4 de Julho.

E de novo o bello astro
No horisonte surgiu ...
A tristonha nuvem d'hontem
Espavorida fugiu ...
Veste galas a tristeza
A desventura sorriu.

Mas graças , oh senhor ! que a desventura
Se é lei perpetua neste exilio nosso ,
Nem sempre dura.
O mal de nós é filho — o bem é vosso.

AO CYSNE DO VOUGA.

(Francisco Joaquim Bingre).

....
Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá........
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Camões.

I.

Gemeu-te a lyra luctuosa e triste
Entre os dedos myrrados!
Que dorídas canções tu não carpiste!
Que profundo soffrer, bardo, exprimiste
Nos carmes pranteados!...

Vagavas solitario pelo mundo
Da accesa fantasia;
Na terra o teu gemer era infecundo,
Sem dó, sem compaixão, e tão profundo
O coração gemia!

Sobre o leito da dôr o corpo lasso
Morria-te, ancião!
Faltava-te do amigo o terno abraço,
Minguava-te da vida o pobre e escasso
Bocadinho de pão!

Tu que tinhas aqui alma abrazada
Por fogo juvenil ?!
Decrepito na vida extenuada,
Que importavam canções, se a mão myrrada
Não pedia um ceitil ?!

No leito do trespasse onde gemias
Abandonado e só,
Conversavas co' a morte, e lhe pedias
Mudasse a amarga taça d'agonias
Em urna do teu pó.

Pedias o morrer, que o desconforto
Na velhice é cruel ...
Não ouviras gemer na campa o morto,
E o tumulo sorrira-te qual porto
Ao perdido baixel.

Das miserias da terra a mente erguias
Ao throno de Jezus !
A elle, a elle só, teu peito abrias
Rasgado pelas roixas agonias
Da pobreza na cruz.

II.

E os homens passavam de perto ao teu leito
Que cercam fantasmas de palida fome;
Passavam..mas, surdo, ó martyrio em teu peito,
Não vaza uma gota do fel que o consome.

Archanjos celestes, cantando os teus hymnos,
Se os homens os vissem saudar-te ao morrer,

Diriam — lá gemem os sons tão divinos
Do cysne expirante, que vamos perder!..

Iriam, cantor, de grinaldas cingir-te
A fronte onde brilha fatidica luz;
Despiras andrajos, que eu vejo cobrir-te,
Subiras um throno, desceras da cruz.

--Que a cruz do poeta que a fome ha vergado,
Se altivo ergue a fronte á suprema desgraça,
Tem corôa d'espinhos, injurias, e o lado
A lança d'ingratos sem dó lh'o trespassa!

III.

A luz d'um raio divino
Te aqueceu no berço a fronte;
De lá viste immenso o orbe
D'esp'ranças sem horisonte!...
A travez do falso prisma
Da fantasia que scisma
Em dourados sonhos vãos,
Quantas vezes venturoso
Ergueste ao céo, fervoroso,
O pensamento e as mãos!

Poeta! diz como era lindo
Esse claro céo d'amor,
Não toldado pelas nuvens
D'um desengano traidor!
Que é dos hymnos que entoaste,
Que é dos anjos que exalçaste
Nos teus estos infantis?

Não tens paginas saudosas
Onde vêrtas copiosas
Bagas de pranto , infeliz ? !

Rasgaste-as , *Bingre* , essas folhas
Onde a mão da innocencia
Com lètras d'ouro escrevêra
Mais amor que sapiencia ?
Já não tens esses primôres
Onde eram fogo os amores ,
Onde era amor o existir ?
Não tens impressa na mente
Uma harmonia fervente
Das que inspirava um sorrir ?

Dá-nos as paginas d'ouro
Que te não pertencem só :
A tua alma está n'ellas ,
Que o teu cadaver é pó.
Imprime , *Bingre* , os teus versos
Onde transluzam dispersos
Os teus dias que lá vão :
Lega á patria , onde soffreste ,
Quantas lagrimas verteste
Victimado á ingratidão.

Torva sombra d'um cypreste ,
Enluctando a sepultura ,
Não são honras funerarias
Nem é premio á desventura !
Camões não tem uma louza ,
Bocage onde é que repousa !
Não tem *Filintho* um padrão !

Onde é que tu viste escripta
Legenda, que lembre *Quita*,
Ou memoria d'um *Garção?*

Cysne, que expiras, descanta,
Dá-nos a historia da morte;
Diz se a alma ao céo voando
Vae feliz em seu transporte.
Diz se contrista a saudade
D'illusoria mocidade
Com seus encantos, e dôr...
Diz se as crenças renascentes
N'alma irão dos mais descrentes
Inspirar fé no Senhor!

IV.

Eu li teus versos, e nos seios d'alma
Senti consolação;
Vi que o homem, pendido ao chão da morte,
Aguarda, sem pavor, o extremo corte,
E elleva até ao céo, em seu transporte,
Fervorosa oração.

Irei, poeta, irei no teu sepulcro
Uma rosa esfolhar...
Na campa, onde o dormir em somno infindo
E' repouso final ao que, carpindo
Esta vida viveu; e alfim, sorrindo,
No céo vai triumphar.

NO BENEFICIO DE FRANCISCO JOAQUIM BINGRE.

Não venho curvar-me ás potencias da terra ;
Por tanto meus hymnos algum preço tem :
Lisonjas vendidas , que a honra desterra ,
A mim não m'as peça no mundo ninguem.

Lisonjas vendidas despresa o talento !
Quem sabe o que vale, e no mundo o que é ,
Despresa da gloria o prazer d'um momento ,
Resiste á desgraça qual cedro de pé.

Quem sente no peito accendido esse lume ,
Que os homens na terra chamaram poesia ,
Nasceu p'ra sentir , quanto doe esse gume
Da negra indigencia ; que o genio angustía.

Cantor da desgraça , melhor avalio
As mágoas alheias ! ... prazer ... esse não.
Sei dar todo o preço ao pranto , que a fio
Goteja nas faces do poeta ancião.

D'aqui estou-o vendo prostrado nas palhas ,
Curtindo em segredo paixões , que não diz ;
Se o pão, que o sustenta, não fossem migalhas,
Talvez não podesse eu canta-lo feliz ! ...

Dizei-me, que o Bingre , n'um leito dourado ,
Est'hora repousa , sonhando o prazer ,
Vereis o meu canto depressa acabado ,
Que eu versos á gloria não posso fazer.

Nas palhas, na fome, no triste abandono,
Ahi, sim! ha lances grandiosos, que eu sei!
Um throno d'espinhos..que importa? é um throno!
Um rei na indigencia..que importa? é um rei!

Rei no genio! ... Eu não conheço
Mais altiva sob'rania!
Um sceptro lá tem um preço,
Um genio não se avalia.
Entrai na pobre morada
A cuja porta sentada
A indigencia encontrais.
Vêde a luz quasi sumida
Nessa fronte encanecida ...
Dizei-me — qual brilha mais? ...

— Um diadema borrifado
Pelo sangue precioso,
Ou esse brilho sagrado
Do talento desditoso?
Eu não sei ... mas eu trocára
Mil trofeus, que conquistára
Por bem pobre galardão.
Eu quizera amarga vida,
Mas dizer com voz tremida:
« Eu sou Bingre, e peço pão! »

Eu sou Bingre! E este nome
Fôra tudo para mim!
Se a penuria me consome,
Mylthon já morreu assim!
Homero, o farol da Grecia,
O amador de Natercia,

Me legaram seu condão.
O mais nobre dos amantes,
Tasso, e o misero Cervantes,
Como eu, pediram pão!

E, depois, viesse ás palhas...
Se as tivesse, onde morrer...
A mais pobre das mortalhas
Meu cadaver involver!
Que importava? O augusto alento
Que me déra o pensamento
Tornava ao seio de Deus!..
Crêde-o vós: não é mentira
O cantar que solta a lyra
Escutado só nos céos.

As imagens do poeta,
Que na terra nada são,
São quaes vozes de profeta
Mais sublimes que a rasão.
Bingre o cysne moribundo,
Ao sahir do ingrato mundo,
Já sauda um novo ser!...
E as imagens que elle traça
Sobre a tela da desgraça,
Póde alguem comprehender?

Não! a nós é dado apenas
Vêr no mundo o infeliz;
Adoçar-lhe as duras penas
Como o coração nos diz.
Ir-lhe junto do seu leito,
Onde a aspiração do peito

8

Quasi fria pulsará.
Erguer-lhe a fronte pendida,
Soprar-lhe um sopro de vida
Onde a morte impera já.

Mas que seja respeitosa
Esta dadiva d'amor...
Do poeta é melindrosa
A alma, que punge a dôr.
Não penseis que dais a esmolla,
Que qualquer pobre consola
Quando a fome o angustia...
Fazeis nobre a vossa historia
Pois que o BINGRE é nossa gloria
Nos annaes da poesia!

No futuro, quando a lousa
Do poeta fôr mostrada,
Ninguem diga: « aqui repousa,
« Uma gloria desprezada! »
Antes digam: « sua morte
« Foi suave! ... amiga sorte
« Déram-lh'a nossos avós!
« Qual gloria é mais honrosa, ».
« Geração nobre e briosa!
E esta geração — sois vós!

NÃO TENTES!

Déste-me impulso á existencia,
Déste-me vida ... um momento ...

Achei-te um anjo ... adorei-te
Com profundo sentimento

Invoquei os bellos sonhos,
Filhos da casta poesia
Sonhos que tive, e não tenho,
Na fecunda fantasia.

Invoquei-os, com orgulho
De pòder inda ser teu;
De poder chamar-te minha
Sobre a terra, ou lá no ceu.

Era muda a lyra d'alma,
Era morto o coração;
Sobre o escudo da desgraça
Resvalára a impressão.

Era tarde! A luz formosa
D'um amor cheio de fé,
Ao tocar o crepe negro,
Como as trevas, treva é.

Foi da vida o tédio escuro
Que lançou com mão fatal
Este crepe, esta mortalha,
Sobre um cadaver moral.

Se tentasses, anjo, erguêl-o,
Se mexesses este pó,
Recuáras, mas sentiras ...
Nauzea não— tristeza e dó!

*

Mas não tentes ! Ha mysterios
Que melhor é não saber ...
E' mui fundo o oceano,
Tentar sondal-o ... é morrer !

CONSCIENCIA.

Toi, qui sondes mon cœur et qui vois ma faiblesse
Je te livre, Seigneur, mes maux et mes besoins.
Devoille.

I.

Eu, homem, que descrê mentidos brilhos
De auroras, que o porvir me luz nos sonhos,
Tristes trovas farei, onde os relevos
D'entranhada descrença e desalento
Excitem compaixão nos que inda esperam
Sorrisos entre lagrimas na terra.

II.

Nas horas d'insondavel amargura,
Imagem de mulher, banhada em pranto,
Transluz d'entre o pallor das minhas trevas,
E suspenso me tem, horas que fogem,
Nos céos da fantasia allucinada ! ...
Na solidão da dôr, quando me acurvo
Ao idolo da morte, e peço a campa,
Sentada vejo ali junto da lousa
Imagem de mulher banhada em pranto,
Abrindo-me em seus braços um refugio.

Eu choro então por ella, e em seus olhos
Libando o pranto amargo, que lhe tiro
Do coração que estala, eu sinto a ancia,
A ancia de viver, viver por ella ...

III.

Ha dias de terror, que me torturam !
Eu tenho-os quaes ninguem talvez os sinta;
E peço ao Redemptor que os não inflija
Em dura punição aos que me offendem !
São dias que me custam muitos annos,
Que a morte intempestiva me arrebata !
Eu vou buscar então nos labios pallidos
D'um anjo de martyrio um rir esp'rançoso,
Um halito de vida, e sinto alentos ...
Alentos...para que ? — não sei, mas sinto-os,
....

IV.

Que vida hervada assim d'agros venenos ! ...
Que vida até morrer ! ... e tanto espinho
Do berço até á campa eu vou pisando ! ...
O homem, quando olhou seus proprios males
E pasma ante o sudario sanguinoso
Da sua vida incrivel de tormentos ...
Este homem é prodigio de desgraças!..
Chorai-o, porque a dôr solveu-lhe os crimes,
E o sangue que verteu dos seios d'alma
Lavou-lhe as nodoas da pendida fronte.

V.

A dôr envelheceu-me! Eu vivo ha muito
Sem fé, nem illusões ... — estas morreram,
E eu, qual sombra dellas, ei passado
Em frente dos que invejam meu destino.
Velho...eis-me ao nascer crenças a muitos! ...
Se instantes vagos a paixão me agita
O coração gelado, a alma esteril,
Eu sou qual fronde no carvalho annoso,
Que verga ao furacão, e range e estala,
Ou, pelas auras brandas bafejada,
Não tem goso nem dôr ... — vive e não sente!

VI.

Que é do teu fogo, coração que ardias
Em fogos de paixão, se te abrasavam
Os olhos de mulher — vista n'um sonho!
E os mundos meus tão magicos de crenças,
Quaes lucidas visões de accesa febre
Que é delles? — vi-os eu espavoridos
Passar, fugir, no resvallar dos annos,
E com elles sumirem-se nas trevas
Desse abysmo, chamado a consciencia!

VII.

Amei já este céo — amei-lhe os astros
Em consoladas noutes de tristeza
Suave ao coração! Na primavera
Pulava-me em verdor a vida alegre
Nos seios d'alma, qual no prado a rosa,
Que as azas do suão prestes desfolham.

Nas florestas d'aldeia eu tinha o estro,
Não de trovas rimadas, mas de vagos
Cantares deste amor, onde ressumam
Perfumes d'innocencia ingenua e crente:

Que amor eu tive ao sol que, á tarde, esplende
No rubido horisonte em céo d'estio!

Sentado sobre as fragas da montanha,
Sosinho, eu, scismador d'alvas esp'ranças,
Bemdísse a creação, vendo-me erguido
No throno, onde, immortal, me fôra dado
Um deadema augusto — o pensamento! —

Senti espontaneos hymnos ressoarem
Cá dentro, onde ha mysterios nubelosos
Nos transparentes veos d'alma, que vibram
Os magos dedos d'infantil poesia.

Poeta ... eu sei que o fui! ... Amei dos campos
A mais formosa flôr — a virgem rude
Que tem na tez morena a côr do pejo,
E nos queimados labios o sorriso
Da intima alegria ... Eu despertava
Dos meus primeiros sonhos namorados,
Naquelle madrugar tão bonançoso,
Com ella, ebrio d'amor, sempre na mente! ...
A mão trigueira pelos soes d'agosto
Beijei-lh'a com fervor! — mudo ao pé d'ella
Nas encostas do val, entre arvoredos,
As tardes me fugiram como sonhos
Do que sonha venturas instantaneas.
Ao vêr baixar o sól, senti descer-me

O veo de melancolica saudade
No ledo coração, puro de crimes.

VIII.

Que vida eu tive então ! ... sempre saudoso
D'indifiniveis gosos, sempre triste,
Mas triste sem remorsos, nem terrores ...
Que immensa aspiração me arfava o peito,
Que esp'ranças nevoentas no mysterio
Das illusões alvissimas d'um crente ! ...

Meu Deus ! que ingratas dôres tive em troca
Da singeleza d'innocentes risos !
....

IX.

Outra infancia não tive ! Aqui cerrou-se
O meu sacrario d'illusões e affectos !
Depois entrei no mundo, e ás portas delle
Senti d'um anjo a mão rasgar-me a venda ...
D'um *anjo* !·! —que as paixões então senti-as,
Paixões vertidas n'alma em fogo, e essas
Mentiu-mas esta fé nos dons astutos
Da tão linda *mulher*, que eu julguei *anjo.*

X.

Eu não penei atado ao poste acerbo
De traições de mulher ! ... ferrete ignobil
Nenhuma inda o cuspiu na minha fronte ...
Mas sinto o coração sem luz d'affectos ! ..

Não sei que sopro d'infernal mysterio
Passou dentro dest'alma, onde brilhara
D'immaculado amor vivido facho!
Causaram-me desgostos lentos, agros,
Tristes desillusões, vôos mentidos,
E esperanças delídas, descoradas,
E a *verdade*, em fim, a atroz *verdade*,
Positiva, carnal, inalteravel!

A crença, morta assim na madrugada
Do fugitivo dia das chymeras,
Não mais resurge d'entre os gêlos d'alma!
Depois, os annos vem um apoz outro,
Pallidos, assombrados como larvas,
Que desfillam sosinhas, taciturnas,
Nos aridos desertos desta vida,
Cujo oasis de paz é no sepulcro!

INVOCAÇÃO.

Oui, Seigneur, nous chantons ta divine puissance! ..
A toi retourne un jour notre esprit immortel!

S. Pord.

Astro de luz, que fulgiste
Nas trevas em que vivi ....
Que tão cedo me fugiste
Como eu cedo te perdi ....
Astro de luz, que fulgiste
Posso lembrar-me de ti?!

Um gemido suffocado
Nos seios do coração ....

Um pensamento encontrado
Nas ruinas da paixão ....
Um gemido suffocado
Poderá perder te ? Não !

Vem, imagem ondulante
D'esses mundos, que eu sonhei!
Vem, ó estrella radiante....
D'esses ceos, que imaginei!
Vem, imagem ondulante
Nunca mais te invocarei!

Piza a corôa de rainha,
Rasga a purpura real,
Que eu as algemas, que tinha,
Já estalei .... sou teu egual!
Piza a corôa de rainha
Neste estrado sepulchral!

Eu te invoco ao descampado,
Onde teu nome escrevi
Sobre um tumulo calado
Como a dôr, que então senti ....
Eu te invoco ao descampado
Onde « uma rosa » colhi.

Não recues espavorida
D'este padrão immortal ....
E' a cruz, que vês erguida
Qual vigia sepulchral ....
Não recues espavorida ....
Ouve o meu canto final:

*

Escuta .... O nosso passado
Foi acerbo d'amarguras ....
Eu fui açoute vibrado
Pelo braço descarnado
Do demonio das torturas ....
Fui á força o teu martyrio,
Fui a tua punição ....
Deus te impôz justo tormento,
E eu te fui duro instrumento
De cruel expiação !

Os teus dias são contados,
E contados são os meus ....
Eu .... Deus sabe o meu destino ....
Tu .... soffreste, e ante o divino
Tribunal irás dos ceus ....
Foste um anjo nos flagellos,
Vaes na gloria um anjo ser ....
Tens um dia .... anjo, ajoelha ....
Vês o raio ? .... uma centelha .
Vem p'ra ti ! ... Sabe morrer !

A HARPA DO SCEPTICO

Enfer ! ...
Devoille.

Poeta ! que és tu na terra
Sem o amor, sem a fé ?

Luctar, descrido, na guerra
Das paixões, que gloria é ? !
Vôas n'um vasto deserto,
Rasgas o peito, e, aberto,
Mostras um bom coração ..
Ninguem te crê na bondade,
Ninguem te quer a amisade,
Ninguem te affaga a paixão.

Alma ! esforça-te um instante,
Quebra as algemas da dôr !
Dá-me um hymno agonisante,
No teu extremo fulgor,
A este mundo, que deixas,
Não faças doridas queixas
De quem te fez succumbir ...
Coragem ! que a despedida
Deste tormento da vida
E' um *adeus* a sorrir !

A morte vejo-a de perto,
O sepulchro aberto está ;
Além da campa o que é certo
Ninguem o diz, nem dirá.
E' cruel esta incerteza ;
Mas eu morro na firmeza
De que tudo acaba alli ! ...
Já puz na campa o ouvido,
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi ...

Tive crenças. A desgraça
Fez-me bradar por Jesus ;

Pedi-lhe um raio de graça
Pelas chagas, pela cruz!
Não-lhe pedi mil venturas,
Pedi-lhe menos torturas,
E mais amor... se era pae;
Assim pede o homem perdido,
Se por Deus não é ouvido,
Perde a fé, a crença, e cahe.

Cahe no frio scepticismo,
Deixa a alma á podridão;
Vem-lhe o escarneo do cynismo
Dar uma nova feição.
Selvagem da natureza,
Deixa-se ir na correnteza
Do appetite brutal...
Tem um riso acerbo e rude,
Ri do crime e da virtude,
Folga no bem e no mal.

Vereis que o homem descrido
Não excita a compaixão,
E' que suffoca o gemido
Nas furias do coração!
Não diz a angustia que o mata
Nem a face lh'a relata,
Porque lagrimas não tem...
Atheu, nega a divindade,
Nega ao homem a amisade,
Á mulher nega-a tambem.

Este homem, se impellido
Foi do tufão da desgraça,

Cahiu por terra abatido.
Na campa se despedaça;
Não teve braços d'amante
A suste-lo agonisante
No seu estrebuchar feroz;
Não teme as iras do Eterno
Despresa o mytho do inferno,
Crê no seu braço d'algoz!

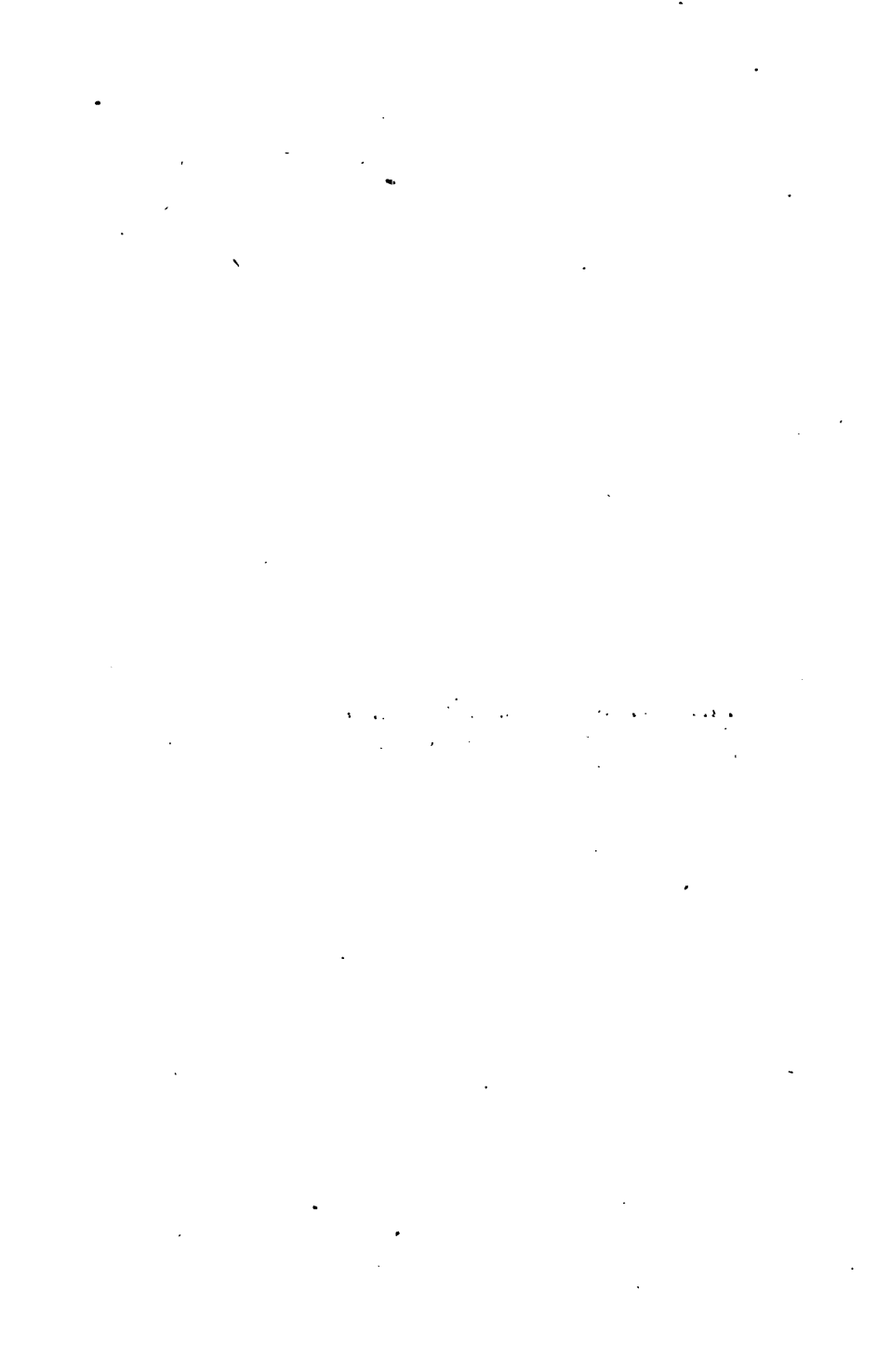
Vivêra só neste mundo,
Só, na campa, vae cahir;
O seu gemer moribundo
Ninguem lh'o ha-de carpir...
Nem um Christo allumiado
Pela tocha do finado
Terá no leito a morrer!...
Nas visões do paroxismo
Vê do *nada* o torvo abysmo
Sorver-lhe o impio viver!

Um cadaver insepulto
Ahi jaz do que morreu!
Deixae-o! — é a Deus um insulto
Dar sepultura ao atheu!
Deixae-o! — Ninguem o velle...
Que os corvos pairem sobre elle
Em voraz sofreguidão!
Não dobre funebre um sino!
Demonios! rugi-lhe um hymno
Ao morto sem contricção!

....
....

Nous vivons du mensonge, et le fruit de nos veilles
N'est que l'art d'amuser par de fausses merveilles ;
Mais á des faits divins mon eerit consacré,
Par ces vains ornemens serait déshonore.

Racine.

PRECEITOS DA CONSCIENCIA.

AMAI A DEUS.

Ó homem! reconhece a tua dignidade, e não te avilites por um comportamento, indigno da tua grandeza.

S. João Chrisostomo.

I.

Tive um sonho, ha muitos annos,
E muitos annos sonhei,
Creação d'um genio ardente,
Que perdi quando ... não sei.
Tive aqui n'alma escondida
Essa imagem toda a vida,
Essa luz desconhecida,
Esse segredo, só meu!
Bem segredo! eu não podia
Dizer quanto cá sentia
De perfume, e de magia,
De paixão, de ... que sei eu!

Mal entrei no mundo, e os homens
No meu sonho consultei,
Riram-me a crença, e de certo
Tinham rasão ... que hoje o sei! ...
Inda assim, antes quizera
Viver da minha chymera,
Pois mata-la a quem espera
Bem cruel devéras é!
Se na fé resta um remanço,
Em que a alma acha descanço,
Onde está o bem que alcanço
Em dizer — *mente-te a fé?*

Não descri de todo ainda,
Porque em fim sempre cuidei,
Que do céo descesse um facho
Dar-me luz ao que sonhei!
Se no espaço errante estrella
Vi fulgir de luz tão bella,
Innocente ... eu via nella
O meu astro salvador!
Não pensei eu que devia
Essa estrella, que descia,
Vir mostrar-me á terra, um dia,
A mulher do meu amor?

Comecei de achar no mundo
Um desconsolo sem fim;
Frio e triste desalento
Tanto nelle como em mim! ...
Olhei tudo com tristeza ...
Vi tão pobre a natureza,
E, inda assim, nessa pobreza,

Orgulhosa, louca, e vã ! ...
Para mim, alma descrida,
Sei que, em fim, não foi nascida,
Como todos tem na vida,
Uma estrella da manhã !

Nem me dá vontade agora
De pensar no que senti:
Posso eu ter saudades ? nunca ...
Nada amei, nada perdi ...
Nada amei ! ... mas esta chamma
Que nos seios d'alma inflamma
Ancia ardente d'homem, que ama,
Não aspira ao *summo bem ?*
Este fogo, por ventura,
Esta aspiração tão pura,
Vai gelar-se á sepultura
Com o cadaver tambem ?

I.

Deus ! Minha alma ahi tens, amplo horisonte,
Revôa na amplidão, aguia perdida,
Entre as urzes e o pó ! Ergue-te, aspira,
Nesse ambiente de luz, o amor e a crença,
A crença e o infinito, o amor e a esp'rança !

Humilde entre os reptis, roja-se o homem
Nos espinhos da terra, e dilacera
Um grande coração, que, apaixonado,
Anhelante d'amor, não acha vida !
Na estreitesa da terra as grandes almas,
Sedentas de poesia, em vão se acurvam

Á fonte do prazer. Ebrias de goso
Que importa o seu gosar, se elle é d'um dia!?
As delicias ephemeras da vida
Quem, soffrego, as bebeu por taça d'oiro,
No fundo as verterá da taça exhausta
Em lagrimas, depois! ....
Triste a existencia,
Que o homem antevê, quando lhe cançam
Os olhos, nos mesquinhos horisontes
Do mundo, a mendigar emoções novas!
O impio não as tem! — véo de mysterios
Para elle não ha. Quantos prodigios,
No mystico perfume do sublime,
Lhe borbulham dos pés; quantos scintillam
D'entre os fogos do céo; quantos ressaltam
Das aguas na amplidão ... quantos segredos
Desceram sobre o seio á natureza
Da mente do Senhor...—que são p'ra o verme
Orgulhoso de si, porque na fronte
Do rei da creação lhe fulge a c'rôa!?

E o rei da creação calca o diadema
Na rebelcia atroz. Legisla á alma;
Vae dentro resequir-lhe a flôr da crença,
E o balsamo da fé. Domina, e educa
Innocentes no berço; impio, despoja-os
Das candidas roupagens da pureza,
Essas que, em tempos de virtude, o homem
Pousava no cypreste, a cuja sombra
Suas cinzas carpidas descançavam.

Tuas faces, mancebo, amarellecem,
Retrahidas de dôr e desalento

Mal entras a viver ! Suão de morte
Myrrou teu coração ! Envelheceste
Na lucta do remorso , ou desesperas
De n'alma o suffocar ? não tem a terra
Uma orgia p'ra ti ? Não tem a orgia
Deleites , distrações ? Não póde um crime
Outro crime esquecer ? Não póde o tumulo ,
Com seus braços de marmore chumbados ,
Cingir bem ao seu *nada* um suicida ?

Ouvide-o ! Não lhe luz restea d'esp'rança !
É alma torva a transsudar o amargo
Profundissimo fél da impiedade :

III.

« Que farei desta existencia
« Que me resta inda a viver ?
« Que é do anjo d'innocencia
« A dourar-me inda um prazer ?
« Eu rasguei quantos mysterios
« Tinha a natureza em si !
« Quanto em si tinha d'ameno
« Este mundo tão pequeno ,
« Fiz curvar ao meu aceno
« E no goso esmoreci.
« Para mim , alma cançada ,
« Nada tens , oh terra , em ti ;
« Que eu rasguei quantos mysterios
« Tinha a natureza em si.

. . . .

« Busco distracções na guerra
« Das mais ousadas paixões ;

« Mesmo ahi acho na terra
« Ermo o crime d'illusões ...
« Na aridez deste deserto
« Não acho fonte d'amor !
« A fronte curvo abrazada
« Sobre a rocha calcinada ;
« E da sede angustiada
« Não mitigo o vivo ardor !
« Gota d'agua não deparo
« Orvalhada n'uma flôr !
« Na aridez deste deserto
« Não acho fonte d'amor !

« Não tem o mundo delicias
« Que eu aqui não pise aos pés ;
« A mulher não tem caricias ...
« Illusão ! tu nada és.
« A cabeça arfa-me ardente ;
« Mas é morto o coração !
« O cynismo ! este abhorrido
« Gelo d'alma convertido
« N'um sorriso desabrido,
« É minha eterna feição !
« Uma lagrima não tenho
« De sentida compaixão !
« A cabeça arfa-me ardente,
« Mas é morto o coração ! »

IV.

A impiedade fallou ! Dôr profundissima
Vibrára as cordas tetricas, sinistras
Da harpa do atheu !

Na acerba desesp'rança inda uma crença,
No canto lhe transluz — a morte, e o nada
O pó do mausoléu!

Oh Christo! a ti meus hymnos lacrimosos
De viva contrição, pois que na terra
Cantei-os, sem valor!
Aos pés do teu altar pobre alaúde,
Que a terra motejou, mas inda puro,
Eu trago aqui, Senhor!

ANGUSTIAS E CONSOLAÇÕES.

Eli! Eli! lamah sabacthani!
Meu Deus, meu Deus!
porque me desamparaste!..
(MATH., XXVII, 46).

Era nas horas do pavor, que a noute
Derrama em sombras, a tremer sinistras.
Silvavam euros, e o seu rijo açoute
Vergava as grimpas do carvalho ao chão...
Cavos gemidos de funereas aves
N'aquellas torres, que de negro estão,
Soturnos gemem nas profundas naves,
E nos sepulchros esvair-se vão...

*

D'aquella torre, que negreja, ha pouco,
Pedira o bronze as orações da tarde;
E agora o vortice um descante rouco,
Hymno de morte, em seu rugir, nos dá...

D'alli bem perto, á sombra d'ella erguida
D'um sacerdote a residencia está:
Vêde nas fisgas uma luz tremida....
Não dorme o padre, que o seu leito é lá.

*

Não dorme o padre! Quem dormiu no mundo,
Varado o peito com punhal de fogo!
Quem póde ás bordas d'alcantil profundo,
A face, um instante, reclinar... dormir!
Que inferno vai no coração do homem
A quem vedado foi paixões sentir!
Que desalentos, que vulcões consomem
A vida immensa, que não tem porvir!

*

Porvir! qual era o d'esse padre escravo
D'insanos votos, que jurou, tão novo!
Não pódem homens adoçar-lhe o travo
Do fel da taça, que elle proprio encheu!
Ouvi-lhe a prece, ouvil-o-heis, blasfemo,
Zombar dos votos, renegar do céo,
Erguer-se altivo contra o Ser Supremo,
Pedir ao crime a dôce paz do atheo!

*

« Prostrei-me, humilde, em vosso altar!.. despi-me
Das ricas pompas, que me déra o genio.
Por vós chamado, Senhor Deus, cingi-me
Ás leis austeras, que ao levita daes.
Scismei nas luctas, que a vencer teria,
Sanguineas luctas de paixões fataes.
Calei n'est'alma aspirações, que um dia,
Talvez quizesse, e não calasse mais!

*

« Não sei que esp'rança a minha fé me dava
Na vossa graça d'invencivel força !
Cuidei que um anjo animador baixava
Brandindo o gladio , que derrama a luz !
Em vós , Senhor , e não em mim , que alentos
De tanta gloria , e confiança eu puz !
Sósinho , agora , que infernaes tormentos
Meu premio são na abandonada cruz !

*

« Desamparado ! E eu não sei vencer-me !
A fé , que vence e dá fervor , perdi-a !
Perder-me , e *amal-a !*...é mister perder-me ,
Mas quero a vida , quero a luz do amor !
Não fiz escravos meus viris instinctos ,
Que eu não podia escravisar-me á dôr !
Da natureza jámais são extinctos
Alentos nobres d'immortal vigor !

*

« Quem foi de rastos mendigar algemas
Ao vão fantasma d'invenções dos homens ?
Fui eu , pensando que eram leis supremas
Matar-se um homem no altar da fé !
Quebrei os laços , que me déra a sorte
Cá n'este mundo , que tão bello é !
Quem póde um golpe dar em si de morte ,
Sorrir , depois , permanecer de pé !

*

« Cahi ! Venceste , natureza , o ingrato
Que impulsos nobres despresára insano !

Déste-me dotes, fiz um vil contracto,
Troquei por elles um prestigio vão!
Fui bem punido, quando um louco esforço
Fiz contra os elos d'este atroz grilhão!
Não parte ferros meu cruel remorso,
Não vence as trevas a fiel RAZÃO!»

*

Calara-se! Não póde, assim tão impio,
O grito da paixão por longo tempo
O grito do remorso comprimir!
O remorso fallára.
O padre sobre o seio os braços cruza;
A fronte, onde transpiram frias bagas
D'afflictivo suor, pende alquebrada
Como em transes de morte.
A tempestade freme. Ao longe rangem,
Vergadas pela mão de infrenes ventos,
As arvores da encosta, onde fulguram
As lampadas do raio.

*

Bateram no portal. Desperta o padre.
Caminha, qual somnambulo, erguido
D'um leito d'agonia; mas caminha
Pela mão do instincto.
—Quem é?—'Louvado seja Deus'—responde
A voz do que bateu — A que viestes? —
'Pedir os sacramentos: moribundo
'Meu pae, senhor, está.
'Um raio lhe desceu perto do leito...
'Seus labios nunca mais disseram «filho!»
'Não viveria já, se fosse um justo,
'Correi! Deus quer salval-o.'

*

E foi! Entre dous cyrios Jesus Christo,
E dos cyrios a luz descendo froixa
Na face macerada ao moribundo,
Eis o extremo da vida!
O padre ajoelhou: as mãos convulsas
Ergueu-as para a cruz: e ás faces torvas
Subiram-lhe do abysmo do remorso
As lagrimas da fé.
Ergueu-se, e as mãos ungiu ao que expirava;
Depois, trémulas preces murmurando,
Ouviu o som do *adeus* n'aquelles labios
Para sempre sellados.

*

Orou: pediu que orasse o filho afflicto;
Enxuga o pranto á consternada esposa;
Abraça os tenros netos, que se prostram
Em volta do cadaver.
Depois a vida estuda alli n'um morto,
Adora a mão de Deus, que forja o raio,
Vê que a luz das paixões alli se apaga,
Qual cyrio dos sepulchros.
« Perdão! oh Christo! » exclama; e quando em tôrno
Encára uma familia angustiada,
Pedindo o seu allivio, então conhece,
Que o padre é mais que um anjo!

ALEGRIA.

Un cri .... d'espérance
Vient se mêler au chant des morts !
Jules. T.

Eu sinto agitar-se no peito, em dilirio
D'um jubilo sancto d'estranho prazer,
Minh'alma, que, affeita ao pungir do martyrio,
Foi grande na esp'rança, maior no soffrer ...

Quem falla aqui dentro no peito opprimido,
Quem manda a meus labios festivo sorrir,
É voz d'um mysterio, que, apenas sentido,
Seu ecco não posso talvez repetir.

Pedissem-me um hymno dos hymnos que sinto,
Das notas só uma, que um hymno contem!...
Se fallo d'affectos ... por certo que minto ...
Affectos da terra!..e onde é que ella os tem!?.

Se fallo d'amores, sonhando acordado,
Um sonho d'instantes produz alegria?
Mentir a mim proprio não é mais pezado
Fazer este jugo, que Deus me confia!?

Alegre!.. E não sei que presagios são estes!
Eu, homem, consulto na terra o que sou ...
Responde a razão! Senhor! vós m'a déstes,
Calâl-a não posso ... da dôr se inspirou!

Acaso a partilha dos gosos mundanos
Um Deus, pae de todos, fez tão desigual?
De Deus tantos filhos não entram, profanos,
Na herança d'uns poucos!?.. Capricho fatal!

Achei, por ventura, no mundo algum dia
Mulher que sentisse !? amigo ... um, sequer !?
Não dizem que ha anjos, que são companhia
Ao homem na terra ? Por certo ... a mulher !

Lembranças bem tristes ! .. tomára eu não têl-as ..
Podésse eu calar este alento immortal ! ..
Lembranças amargas não póde esquecêl-as
Quem teve alma forte nas luctas do mal ...

Da terra estes dons, estes gosos fecundos,
Não são para mim bem amarga ironia !?
Será que eu prevejo outros dons, outros mundos,
Herança dos filhos da atroz bastardia ? !

Será ! Sinto n'alma os enlêvos do goso ...
Não scismo na terra, que a terra esqueci ;
Não scismo na campa d'infindo repouso ...
Em ti, PROVIDENCIA, alegro-me em ti !

Na terra os felizes não quebram algemas
Que arrastam contentes d'um ebrio prazer :
Não solvem do Eterno os augustos problemas,
Nem cuidam solvêl-os depois de morrer.

O tempo aos mimosos da vida não sobra ;
Gastâl-o não pódem, sondando a razão ;
Bem sabem que o mundo não é sua obra ...
Caminham, caminham..que importa onde vão?

Aquelles, que soffrem, meditam na morte,
Quem pensa na morte, medita n'um DEUS :
Estuda-se a vida nos transes da sorte,
Prevê-se uma palma na gloria dos céos !

Se a terra, em que vivo, resume um destino,
Que força é cumpril-o por lei do Senhor,
Maldito esse genio d'impulso divino,
Que deu *ser* ao *nada*, votando-me á dôr!

Mentira! O destino d'est'alma, em tortura,
Cingida entre espinhos d'um mundo cruel,
É vosso, oh meu Deus, que verteis a doçura
Nos labios, que exhaurem seu calix de fel.

Esp'rança, que és filha formosa do Eterno,
Esp'rança, que és filha da minha agonía,
Desceste, qual anjo, a tirar-me do inferno,
Ergueste-me em vôos d'estranha alegria!

MEDITAÇÃO.

Á Exm.ª Snr.ª D. Fanny Owen.

Econtez......
Devoile.

I.

Eu vejo a geração nova, que passa,
N'um profundo dormir;
Feliz, ri-se á ventura, e á desgraça
Com o mesmo sorrir!

A vida é-lhe um festim; se folga hoje,
Manhã... mais folgará.
O tempo entre as delicias não lhe foge....
Que importa o que será?!

A voz da natureza diz-me á alma
Profundezas dos céos :
Deparo escripto sobre o cedro e a palma
Os mysterios de Deus !

Mas não assim o ebrio das venturas
Do seculo traidor ...
É cego, e não contempla nas alturas
As glorias do Senhor !

Sósinho, junto ao mar, e sobre a fraga,
Que a celeuma affrontou,
Eu vejo vir partir-se a irada vaga
Onde Deus lhe apontou.

Mais dentro, nesse mar, a poucos passos,
Um perdido baixel
Relucta, e geme, e estala ... ei-lo pedaços,
N'uma angustia cruel ! ...

Meu Deus ! quem disse ao mar, que o rolo irado
Viesse aqui estalar ?
Quem é que ao mar, além, mais dentro, ha dado
O poder de matar ?

Nas poucas horas, em que vivo envolto
No manto seductor
Da tragedia do mundo, eu sinto solto
O genio pensador.

Vejo, em volta de mim, raiar o goso
Nos filhos do prazer :
E eu, forçado e triste e sem repouso,
Vivo alli ... sem viver !

Sempre o anjo da dôr ... sempre comigo
O meu anjo fiel !
É forçoso tomar das mãos do amigo
O meu calix de fél !

E sempre, além da vida, o pensamento
No austero tribunal,
Onde ha contas severas d'um momento,
Neste trance mortal !

Se eu tivesse um sorrir dos que a virtude
Aos seus amigos dá,
Não coroára de flores este alaúde,
Sagrado a Jehová ! ?

Não sorrira, mancebo, como tantos,
Que vivem no Senhor ?
Não gosára da vida os mil encantos,
Dourados pelo amor ? !

Não sei ! Essa alegria que fulgura
Tanto em volta de mim,
Tenho-a visto brilhar, sorrir, impura,
Em labios de Caim !

Mais d'um impio me diz que é venturoso,
E parece que o é !
Não sei mesmo se gosa esse repôso
D'um justo em sua fé !

Não sei se é de remorsos o seu leito,
Nem os sonhos, que tem ! ...
Se mão de larva atroz lhe esmaga o peito,
Não o diz a ninguem ! ...

E que importa, meu Deus, que elle o não diga?
Acaso a perversão
Suffoca do remorso a voz amiga,
Que falla ao coração?!

Não tenho eu dentro em mim dois sentimentos
Com bem distincto som?
O *mal*, com seu cortejo de tormentos,
Fará que eu seja *bom*?

E o *bem*, que já sentir uma vez pude,
Acaso é meu algoz?
Oh CHRISTO! o prazer santo da virtude
Não me falla de vós?

*

Donzella, em cuja face illuminada
Pelo brilho dos céos,
Eu leio um coração, onde florescem
Vivas crenças em Deus...

Não sei se comprehendeste a voz do homem,
Que não soube entoar
Por labios d'innocencia um hymno d'anjo
Para a anjos fallar.

Eu quiz mostrar-te o céo onde fluctua
O teu astro de luz,
E mostrar-te na terra quasi extincta
A lampada da Cruz.

Mostrar-te a geração onde se enrosca
A serpente do mal,
Que verte pelos labios da perfidia
Um veneno mortal.

Não sabes que uma flôr, que espinhos cercam
Depressa feneceu?!
Tal o bom coração, que os máos rodeiam,
Entre os máos se perdeu.

Ao throno, aonde estás, não chega o verme
Que roe o coração;
Mas, se desce a virtude, o verme sobe
No rasto da traição!...

A IRMAN DA CARIDADE.

Faz que os teus conhecimentos
sejam proveitosos ao proximo.
Eccles. Cap. 20.

Filhos do genio, que sentis na mente
Os calidos transportes da poesia,
Levantai-vos ao ceo, erguei um vôo,
Quaes anjos d'harmonia!

Ouço o vosso trovar em lyra esteril,
Cançada em sons carpidos de paixão!
Pedís, em cada trova, ao scepticismo
A morta inspiração!

E o genio, circumscripto aos poucos lances
D'esta vida terrena e vegetal,
Se pensa erguer-se aos céos, rasteja em baixo
N'um mundo sensual!

Tantas vezes sonhar formosas crenças...
Tantas vezes chorar as que perdeis!...

Hoje é anjo a mulher ; manhan ... demonio,
Que a bel-prazer fazeis !

Hoje, em nuvens do céo, d'alvas roupagens
Emissaria do céo, a mulher vem ...
Manhan, deserto o altar ; quebrado o idolo
Sacerdotes não tem !

Depois, funéreo canto em som de morte !
Depois, a perda atroz das illusões !
Depois, sinistros quadros d'esta era
De rapidas paixões !

Mentira ! Vós não creis na gasta rima,
Que, *sorrindo*, fazeis tanto *chorar !*
Eu sei, que immensa angustia, em horas placidas
Póde o genio inventar.

Não murmura o poeta, quando o travo
Do fel incomportavel da paixão
No peito lhe calcina quantas crenças
Emballa uma illusão.

A cabeça ... essa sim — ardendo em iras,
Que não queimam a alma ao trovador,
E' capaz d'evocar entre brinquedos
As larvas do terror !

E ha crentes, que meditam, condoidos,
Os tetricos libellos da poesia,
Que empraza as gerações para que vejam
O que é uma agonia !

E ha outros que sorriem ; mas lamentam
As horas consumidas n'esse vão
E forçado rimar, que inspira o tedio,
E abastarda a razão.

Cantores ! ha um nome cá na terra
Que o homem não creou, nem vol-o deu ;
Não póde elle usurpâl-o : o vosso nome
E' dadiva do céo !

Dai vós a recompensa ; é n'este mundo
Que a pede á intelligencia o REDEMPTOR :
Cantai, recompensando o desvalido ...
A CARIDADE, o amor !

Pedí ao coração idéas uteis,
Pedi-lhe o pensamento universal,
Que abrange a humanidade em suas dôres
N'um laço fraternal !

Buscai na CARIDADE os incentivos,
Que impellem, atravéz das gerações,
No verso o pensamento, que console
Algumas afflicções !

Creai imagens grandes de virtude,
Fallai d'essas, que a terra em si contém ...
Quereis o estro accender ? Vêde essa virgem...
Vêde o nome que tem !

*

IRMAN DA CARIDADE ! e a mente exalta-se
N'um tremulo fervor !

Subindo, vai no ceo buscar o typo;
Descendo, vem á terra vêr o archanjo
Dos prodigios d'amor!

E eu vejo nas delicias da riqueza
A donzella gentil.
Afagam-na carinhos de familia,
Perfumam-lhe lisonjas os mancebos...
E' rainha entre mil.

Nos labios lhe esvoaça, a cada instante,
O sorriso da fé;
Se o mundo adulador quer recompensa,
A virgem dá-lhe, em premio, o seu sorriso,
Que immenso premio é.

Ha no seu coração a voz d'um anjo,
Que a seu berço desceu:
Segreda-lhe os mysterios da desgraça
De muitos seus irmãos, que desalentam
Sem as crenças no ceu.

E a virgem despe a purpura faustosa
Que o culto lhe attrahiu:
De negro traja o manto da pobreza,
E o collo, desnudado das alfaias,
D'um rosario cingiu.

Depois nos hospitaes, onde a penuria
A doença abraçou...
Ahi, onde o fantasma da miseria,
E o fantasma da morte, ambos terriveis,
A desgraça ajuntou...

E' lá!... buscai-a ahi a debil virgem,
Tomando sobre o seio
O pobre, que, nos transes da agonia,
Revela em contracções a alma, que foge,
N'um fervido anceio.

Aos repulsivos carceres do crime
Essa virgem desceu;
O homem, morador d'aquelle inferno,
Ouviu recordações d'infantís crenças,
E, forçado, tremeu!

Ouviu dos labios d'ella sons que ouvira
Dos labios maternaes;
Viu-lhe um Christo nas mãos, qual vira outro,
Junto ao leito do pae, que se estorcia
Nas angustias mortaes.

E maldisse o momento em que arrastado
Cahiu na perdição;
Maldisse a sociedade, onde não tinha,
Sem preço de deshonra e cadafalso,
Um bocado de pão!

E a virgem lhe calou no labio irado
A doutrina do mal,
Não sua, mas ouvida n'estes dias,
Em que o crime é só crime, porque o ouro
E' um dom desigual.

Fallou-lhe em recompensas promettidas
Ao que roja, infeliz,
A vida atribulada sobre espinhos,

Que no reino do ceo produzem flores ,
Como CHRISTO lhes diz.

Poetas ! vêde a IRMAN DA CARIDADE :
Que immensa inspiração !
Cantai-a no fragôr da crua peleja ,
Em seus braços mimosos levantando
Um cadaver do chão.

Cantai a virgem no hospital de sangue
Onde mora o terror ,
Fallando em Deus , quando o demonio ruge
Raivosa imprecação contra o destino
Pela bôca da dôr.

Cantai-a n'esses mundos , onde a crença
Arvora a Sancta Cruz !
Adorai-as tambem , por que suspensas ,
Nas mãos do Eterno , sobre a humanidade ,
São lampadas de luz !

O MONGE.

Terreurs d'une ame timide qui manque de confiance dans ses propres forces ; expansion d'une ame ardente qui a besoin de s'isoler avec son createur; indignation d'une ame navrée qui ne croit plus au bonheur, activité d'une ame violente qui la persecution a aigrie ; affaissement d'une ame usée qui le desespoir a vaincue : quels especifiques opposent-ils à tant de calamités ? Demandez aux suicides.
Charles Nodier.

I.

Inflammado nos estos da infancia,
Um mancebo, abrazado em paixões,
Viu-se aqui neste mundo, onde, em ancia,
Arfa o peito anhelando illusões.

Em seus sonhos de crenças formosas,
A travez mago prisma d'amor,
Mil imagens previu vaporosas
Entre nuvens d'estranho fulgor.

E, com ellas gravadas na mente,
Mal do mundo os umbraes penetrou,
Víu n'uns olhos o brilho innocente
D'uma virgem das mil, que sonhou.

Que transportes ferventes lhe accendem
Castos hymnos d'um estro febril !
Mas que importa, se o não comprehendem
Lindos olhos em face infantil ! ?

Quando o mundo encontrou tão diverso
Das esp'ranças, que tinha aspirado,
Viu que a crença era um sonho disperso,
Mal entre homens havia accordado.

Viu na sombra da crença esvahida
Ir-se a luz do seu typo ideal;
— Que as delicias, previstas na vida,
Converteram-se em gôso carnal.

A mulher, sensação melindrosa,
Perfumada no seu coração,
Apagando-lhe a fé luminosa,
Perverteu-lhe o candor da paixão.

Pervertido o mancebo na alma,
Que tão casta esposára as paixões,
Foi com mão libertina uma palma
Na requesta colher das traições.

E colheu-a... Foi facil colhêl-a
Com destrezas gentís de devasso!
Se de crimes a gloria quiz têl-a,
Conseguiu-a, e alfim o cansasso...

O cansasso prostrou-lhe os sentidos
E gelou-lhe os desejos ferventes ...
Só tem n'alma a surdez dos gemidos,
Quando a ferem remorsos pungentes.

Não tem alma que aspire um desejo,
Nem desejo sagrado á virtude!..
Das donzelas o candido pejo
Enfastia-lhe o espirito rude.

A seus pés desfolhadas as flores
Das grinaldas de virgens trahidas,
São despojos calcados d'amores,
Cuja gloria são honras cuspidas.

Quando o crime irritado n'um sonho,
Alta noute, se encosta ao seu leito,
E lhe crava o remorso medonho
Nas entranhas do intimo peito,

O mancebo desperta aterrado...
Vem-lhe á mente os espectros sanguentos,
Que da campa do tempo passado
Ressurgiram terriveis, sedentos!..

Vem-lhe á face o terror do que sonha
Logo apoz um cruento homicidio!
Mas na alma lhe esvoaça risonha
Uma idéa... — a do atroz suicidio!

II.

As noutes pavorosas de remorso,
Velladas pelo filho da desgraça,
Só sabe o que ellas são homem, que esconde
Um crime atroz na escuridão da alma;
As grandes afflicções não se adevinham...
É precizo soffrer, chorar, e as lagrimas
Dessoral-as no sangue!
Este mancebo
Foi só no seu martyrio! As faces magras
Envelhecidas, humidas de pranto,
Ninguem lh'as enchugou!
Dóe o abandono

Bem mais que a desventura! O criminoso
Mui dura expiação gemeu na terra,
Se os homens com desprêso o viram ir-se
Na estrada larga da maldade impune.

Deixaram-no sosinho. O êrmo é triste,
A dôr lá não respira, e a angustia opprime
Cruenta, o coração, que é lacerado
Pelo cancro roedor da impiedade.

Sim! o êrmo tem consolações e mimos,
E o balsamo que cerra as chagas fundas
Da consciencia. Lá, há-de encontral-o,
Quem nas horas avessas d'infortunio,
E descrença nos homens, curva o joelho
Deante d'uma cruz, e pede, e chora.

Chorar deante de Deus chorára o triste
Com a face no chão... Dôr tão afflicta
Não houve alguma a orvalhar com lagrimas
A cruz deserta em solitaria encosta.

A esperança do ceo brilhou nas trevas
D'aquelle espirito a penar torturas
De duvida e descrença! Extremo affecto,
Espolio não manchado de torpezas,
E' esse extasis sancto, que reanima
O réo d'um crime, que repellem homens,
E Deus ampara, e perdôa, e salva.

Nos labios do mancebo, onde crestaram
Lascivos beijos a candura d'alma,
Murmura agora a fervorosa prece,

A supplica, o perdão, o amor divino,
A compaixão de Deus, e a caridade!

Foi esta a oração do que, vergado
Por desgraças da terra, exora a Christo
Um conforto do céo, a luz da esperança:

*

« As nodoas dos meus crimes são patentes
« Aos olhos do meu Deos!
« Eu venho aqui, Senhor, entre innocentes
« De crimes quaes os meus,
« Eu venho orar tambem preces ardentes...
« Serão d'um réo as supplicas ferventes
« Repellidas dos céos?

« Oh Christo! — a aspiração que eu julguei morta,
« No esteril coração,
« Anceia o vosso amor! Sou réo!..que importa?
« Olhai-me a contricção!
« Vêde a alma do réo que dôr supporta!
« A que infernos da terra ella o transporta!..
« Depois... dai-lhe o perdão!

« Fui grande nas paixões, meu Deos! ..perdi-me
« Desvairado no amor!..
« Despi-me d'illusões... trajei do crime
« D'ouro o manto traidor!

« Uma virgem chorou ...soffri...esqueci-me!
« Outra virgem chorou ...passei ... sorri-me
« D'escarneo aviltador!

« Depois, gelado n'alma o sentimento
« Amava as sensações,

« Pedidas, tanta vez, ao soffrimento
« D'estranhos corações !
« Achei-os tão sublimes no tormento,
« Tão sanctos no martyrio ! ... e o amor violento
« Paguei-lh'o com traições !

« Perverso, o meu cynismo depravado
« Tornou-se ultrajador !
« A honra escarneci no desgraçado
« Sem manchas de traidor ...
« Virtuosos... nenhum quiz a meu lado
« Ouvir-me o audaz sarcasmo empavonado
« D'um rir aviltador !

« Quando, mesmo no crime, o desconforto
« Para o crime senti,
« Chorei então, oh CHRISTO, o alento morto,
« Pois que tudo perdi ! ..
« *Morrer ! o nada !* ou na terra um horto
« D'eternas agonias sem conforto ....
« MEU DEUS ! muito soffri !

« SENHOR ! não mente o pranto que hei chorado !
« Vedes meu coração ! ..
« Abri braços de pai ao desgraçado
« Ludibrio da paixão !
« Que filho veio a vós, que haja voltado,
« Com o remorso n'alma atravessado,
« Ao mundo, á corrupção ! ? »
....
....
Esse homem, que chorou gotas de sangue,
Foi visto do SENHOR ! E' grande o ETERNO !

III.

Era no templo, e o orgão magestoso
Na amplidão das naves reboava
Accordes sons de musica divina.
O sol, no extremo céo, languente e froixo,
Chamejando nas ondas purpurinas,
Rúbidas resteas através coava
Da esguia fresta no portico do templo.

Severo e triste no assombrado aspecto,
Por entre as turbas, que bemdizem, crentes,
O Deus de seus avós, vêde um mancebo,
Que timido se prostra. Eil-o inspirado,
Erguendo as mãos, em oração piedosa,
Reverente, exemplar, como se um justo
De longa e sancta vida ali rezasse.

Do monge a voz soturna, e melancolica,
Dorída e cava, solta o hymno lugubre,
Profundo, da paixão de Jezus-Christo.
Era terrivel a magestade augusta
Das carpidas canções, que a voz do monge,
Por entre as ondas do sagrado incenso,
Erguia ao céo! Oh! dai-me um desses hymnos
De tão sancto terror, que o velipendio
Immudeceu, raivoso em suas iras
D'impiedade egoista e mal-feitôra!
Dai-me um dos hymnos funebres do templo,
Do templo do mosteiro, onde hora jazem
O monge e o verme no sepulcro aberto
Por mão profanadora do passado,
E opulenta de opprobrio ao que é cadaver!

....

....

Na alma do mancebo, rossiada
Pelo orvalho do céo, a essas horas
Passavam-se mysterios grandiosos
Entre elle e o mundo, entre a culpa e a prece,
Posera a mão de Deus a mão do archanjo
Que desde o berço ao tumulo vigia
A vida incerta desse fragil barro,
Que traz no coração o *crime de Adão!*

Se alli, aos pés do altar, foi provocal-o
Da tentação o seductor sorriso,
O peccador sentiu valer-lhe o anjo,
E as lagrimas contrictas do remorso
E o compassivo olhar d'um velho monge
Que vê, nas faces lividas d'um joven,
O sangue, que hão vertido ulceras d'alma,
Incuraveis no mundo!
Eis, de improviso,
Os olhos do mancebo amortecidos
Cravam-se fixos d'um fulgor estranho
Nas faces cadavericas do monge.
E o monge, ouvindo a inspiração celeste,
Nos labios macilentos abre um riso
D'esp'rança animadora ao penitente.

IV.

O templo era deserto, e o orgão mudo.
Silencio, e sombras, e a tristeza austera
Das naves solitarias, diffundiam
N'alma a poesia dos mysterios santos.
Da multidão, que foi d'alli tocada
Por mão da fé no fel da consciencia,
Ha delles um christão, que não desvia
Da cruz os olhos, e da lagem dura

Os joelhos não ergue. É lá, sosinho.
Extinctas são as luzes já nos cyrios,
Os gonzos rangem no portal da egreja;
Descem as trevas como em céo de bronze,
E o mancebo, estátua da tristeza,
Ou da alegria em fervoroso extasis,
Não respira, mas chora, e sente as lagrimas
Cahirem-lhe da face ás mãos erguidas...

A passos surdos, sobre as lages, vede-o
O monge d'alvas cans, symbolo sancto
De heroicos tempos de saudosas crenças!
A mão tremente e descarnada pousa
No hombro do mancebo.
« Irmão, — diz elle —
« O pranto derramado em seio alheio
« É menos amargoso a quem o verte.
« Se um seio peccador tu queres, filho,
« Eu dout'o... chorarás... Ergue-te, crente!
« Desgraçado na terra é só o impio! »

E ergueu-se o homem, cujos labios pousam
Na mão do monge o beijo estremecido
Por intimos tremores. Ambos tristes
E mudos atravessam as arcadas
Do taciturno claustro...
— Monge!... eu soffro...
— « Silencio! » — murmurou o monge — « Logo
« Mancebo, fallarás... Não podem vozes
« Quebrar esta mudez... O claustro é mudo
« Como os tumulos... »
Afim, na cela estreita
Entraram, e fechada, como a lousa

De dous corpos não mais vistos no mundo,
Sacrario foi de dores mysteriosas.

. . . .
. . . .

V.

Era no templo do mosteiro ainda,

Um monge triste, pallido, mas triste
De serenos pezares, inda môço,
Desprende a voz do ceu sobre os que o olham,
No pulpito, solemne e magestoso
Como enviado de Deus! A fronte cinge-lh'a
Uma aureola de luz! Dos olhos bassos
Desce-lhe o pranto, quando conta ás turbas
Os tormentos de Christo! Eil-o tão novo
Inspirado dos anjos! Eil-o erguido,
Suspenso sobre a terra, como o archanjo
Nos paroxismos da impia Babylonia!

. . . .

— Quem é? — murmura a multidão do templo!...

« Foi um raio de colera mundana!...
Solitario, gemeu... e é hoje a lampada
« Dessa luz immortal, que brilha intensa
« No caminho do ceo, na voz d'um monge!

VERSOS Á DESVENTURA.

Ao Exc.mo Snr: Conselheiro Alipio Anthero da Silveira Pinto. (*)

Versos á desventura? — Sim, que ha dôres
Que despertam na alma essa harmonia,
Accorde som d'angustias, que soluçam
No seio da poesia.

Embora orvalhe o pranto a mão que treme,
Sobre as cordas da harpa da paixão,
Pelo hymno, que, a gemer, ascende aos anjos,
Respira o coração.

(*) Perdêra elle um filho, e eu um amigo, no miserando naufragio do vapor Porto, na barra do Porto, em 29 de Março de 1852.

Neste instante de solemne agonia, e na presença d'aquelle quadro funebre, improvisei o seguinte soneto:

Senhor! Vós que sopraes a tempestade,
Cavando abysmos sobre o mar irado,
Ouvide os roucos sons do afogado,
Que geme nos umbraes da Eternidade!

Nesses trances crueis de anciedade,
Rolando contra a rocha espedaçado,
A prece, que murmura o desgraçado,
É grito de perdão!... meu Deus!... piedade!

Perdoai-lhe, oh Senhor, ouvi piedoso
O brado de afflicção, que manda aos céos,
O filho, o amigo, o irmão mais carinhoso!

Ouvi-lhe o seu clamor entre escarceus;
Pois, n'aquelle morrer angustioso,
Bradou-lhe o coração «Perdão! meu Deus!»

Ha tristezas no mundo inconsolaveis,
Que do mundo ninguem as avalia...
Allivios... só em Deus, que o homem busca
Nos vôos da poesia.

É linguagem da mágoa a voz dos carmes;
A dôr faz o poeta; é só a dôr,
Que faz subir ao céo cantos ferventes,
Em perfumes d'amor.

Amor! palavra sancta, que aprendemos
Dos anjos, quando ó beijo maternal,
Nos labios nos vertia esta palavra
D'uncção celestial!

Amor de Deus, amor da humanidade,
Que nos faz devorar do mesmo fel,
Que punge um nosso irmão, despedaçado
Por saudade cruel!

Amor de Deus, amor da humanidade,
Que espontaneo da alma aos olhos vem,
Quando descem no tumulo d'um filho
As lagrimas de mãe!

Amor de Deus, allivio á desventura,
Que precisa do céo consolações.
Oh harpa do amor, se comprehendêras
D'um pae as afflicções!

....
....

Em seu berço dorme um anjo ...
Que serêno é seu dormir!
Que sonhar será o d'elle ?!
Não n'o vêdes a sorrir?
Perguntai á mãe, que o vela ...
Saberá dizel-o ella,
Ella só, que é sua mãe! ..
Talvez um beijo paterno
Despertasse o riso terno,
Que do anjinho aos labios vem!

Junto ao berço de seu filho
Que ternuras sente um pai!
Que tremor lhe abala o seio
Se o filhinho solta um ai!
Com que afago o toma ao collo
Como exprime esse consolo,
Quasi delirio d'amor!
N'este affecto á innocencia
Não vos falla a Providencia
Pela voz do Creador!

Entre afagos e temores
Cresce a tenra criancinha ...
Qual dos paes mais pressuroso
A vontade lhe adevinha ...
O pae lhe escuta anhelante,
N'uma voz balbuciante,
O dôce nome de « pae. » ....
A mãe, ebria d'alegria, ...
Aos pés da Virgem Maria,
Com seu filho ao collo, vai.

Pede-lhe um bello destino
Cheia d'amor e de fé.
Bello futuro a seu filho
Que do mundo escravo é.
Ergue-se crente, e confia
Na protecção de Maria
Que foi mãe d'immenso amor.
Crê-se feliz, e seguro
Vendo, á sombra da ventura,
Ir-se abrindo aquella flôr.

Depois, a linda quadra dos brinquedos, (*)
Fechou-se para o filho estremecido,
E dos braços dos paes entra no mundo,
Na carreira das providas sciencias.
Do berço a innocencia o acompanha,
Convertida em bondade e singeleza.
E' velho entre mancebos, que desvairam
Pelas vias escuras, tortuosas,
Das dementes paixões da mocidade.

Orgulho de seus paes, anjo entre amigos,
Não sei, que luz celeste illuminava
Aquella fronte sempre pensativa!
Ás vezes esta luz mysteriosa
Brilhava-lhe nas lagrimas dos olhos,
E não fosse ninguem sondar-lhe o seio,
Pois calado segredo era o seu pranto.

Nos bailes, onde a vida se reveste
Das galas mentirosas da alegria

Quantas vezes o vi fugir ás turbas,
Vergar ao pensamento da tristeza
Buscar a solidão, buscar o amigo
Contar-lhe as pulsações de sua alma,
Sacrario de honradez, defêso ao crime (*)!
Amor de irmão, de filho... Mas na terra
Quem já visse no céo amarem anjos
Não peça um quadro, que não podem homens
Em pobre linguagem dar-lhe côres.

Se no seio do filho um pae reclina
A fronte, aonde alvejam longos annos

(*)
« Nesta noite nós, embraçados um no outro, tendo
« a um lado o redemoinho constante d'um baile,
« os sorrisos das damas, a affabilidade dos hos-
« pedes, o som estrepitoso da musica, o murmu-
« rio dos homens, o brilho das luzes reflectido nas
« brilhantes pedrarias, em uma palavra — a vida;
« — tendo do outro uma cidade taciturna e som-
« bria, alumiada á maneira d'ataúde de finado
« por baças e mortiças luzes; e tendo por cima
« de nós um céo carregado, sem brilho algum,
« porque passava a hora de transição da noite sem
« luar para o dia de claro sól: em uma palavra,
« o silencio e a solidão e as trévas: nós estavamos
« em circumstancias muito excepcionaes, não per-
« tenciamos nem ao baile e seus encantos, nem ás
« trevas e sua solidão, e ambos soffriamos, por
« que ambos temos — deixa-me dizêl-o — almas de
« poetas, corações sensiveis, sentimentos nobres,
« e desejos puros. Nesta noite, amigo, aperta-
« ram-se de todo os elos que nos devem prender
« d'ora avante....»

O leitor, estranho á saudade d'um homem tão chorado, não leria com frieza estas linhas de uma carta do meu amigo José Augusto da Silveira Pinto,
« impressa em 5 de Junho de 1849, no n.º 128
« do *Nacional*.

De virtudes, — irmãs do soffrimento
Se no seio da mãe repousa o filho
A face irradiando de alegria,
Perdida a illusão d'outros affectos,
Se nos braços d'irmã busca um refugio.......
Que terrenas paixões não pódem dar-lhe,
Depois que as sanctas crenças lhe roubaram ...
Quem é que póde ahi pintar o affecto
Que prende os corações de quatro anjos
Vivendo d'esse amor n'um só espirito
Na mesma aspiração, no mesmo enlêvo,
Mysterios do amor, vinculos sanctos,
Sellados pela mão da Providencia,
No coração d'um anjo!
E este era o anjo
Era teu filho, oh pae das amarguras!
Era aquelle innocente, em alvas faxas,
Que beijavas no berço, em quanto a alma,
Receios do porvir te palpitava!

Tinhas n'elle o thesouro de tão gratas
Esp'ranças, firme amparo d'outros filhos,
Dôces sonhos d'um pae, que, na velhice
Ás bordas do sepulchro lega um nome,
Com quantos fóros lhe engrandece a honra
Nas virtudes d'um filho digno d'elle

Desça em teu rosto consternado pranto!
Lamenta, oh pae, a perda inconsolavel!
Vai ás rochas do mar, chama teu filho,
Que, no rôlo das vagas espumantes,
Invocando o SENHOR, teu nome augusto
A morte lhe gelou, talvez, nos labios.
Não ouves este som cavo e profundo?

Que ruge na amplidão d'aquellas aguas?
É a voz do Senhor!... Curva o joelho
E pede, e clama, e chora pelo Eterno!
Do tumulo já fez surgir um Lazaro!
......

Curva, sim, o joelho; mas teus rogos
Sejam preces humildes de christão!
Não digas ao teu Deus: — «Dá-me o meu filho
«Que eu morro d'afflicção!»

Esta vida que é? astro d'um dia
Que, sobre espinhos crus d'intensa dôr,
Nossos passos dirige á eternidade
Da luz, ou do terror!

Quando em braços de pae um filho expira,
Chamando em seu auxilio o amor de Deus,
Seu Pae, seu Creador, não lhe deu morte:
Deu-lhe a vida dos ceus!

Ao homem, pó da terra, fragil barro,
Quebrado no seu throno d'illusão,
Que lhe resta? chorar!... mas seja o pranto
D'amor, e d'oração.

Tinhas um filho, herdeiro de virtudes,
Mas herdeiro tambem era dos ceus!
Tu, pae, lamentarias, se escutasses
Chamal-o a voz de Deus?

Humilde, no revez da desventura,
Levanta para Deus tremulas mãos;
Tens um filho no céo, pedindo do Eterno
Amparo á seus irmãos!

MEDITAÇÃO.

(Á MINHA IRMAN.)

Bem raro é n'este mundo um goso estavel!
Depressa as lindas flôres pendem murchas!
Apenas seu perfume deleitavel
Em avido aspirar se esvaeceu.
Nas ancias do prazer vem outras ancias,
No seio das paixões gera-se o enfado;
Na terra é tudo assim, se limitado,
O meu desejo a qui não busca o céo.

Gosar e entristecer! Eis o destino
De tantos, que tão caro o goso compram!
Já nos braços da mãe terno menino
A quem tudo sorri, vejo chorar!
Desejos ... quaes serão n'este innocente
Que não possa cumprir? Nos seus vagidos
Serão brados d'amor, não percebidos?
Serão ancias d'um céo, que vê brilhar?

Depois que o véo do mundo empana os olhos
Voltados para a terra, que fascina,
Não mais os banhará a luz divina
Que brilha na singela aspiração

Macula-se a candura dos desejos
A vista das paixões tem outro prisma,
A mente agrilhoada já não scisma
Nos mundos ideaes do coração.

Que saudades me vem d'uns bellos sonhos,
Que não pôde guardar minha lembrança!
Que desejos sem fim, que infinda esp'rança
Nutria o coração nos vôos seus!
Este vago pensar, que eu tenho hoje
Dos magestosos dons da Providencia,
Seria, n'esses dias d'innocencia,
De perto vêr a imagem do meu Deus!

Companheira d'infancia, se soubesses
Dos meus gosos d'então dizer-me o encanto,
O riso de meus sonhos se podesses
N'um canto harmonioso traduzir!
Vertêras-me no seio a singeleza,
Mostráras-me dos anjos o destino,
Erguêras-me n'um extasis divino,
Mandarás-me ao Senhor por ti pedir.

Meus labios já não tem essa candura,
Que, nas azas da fé, exalçava a prece;
Verteu n'elles o fel a desventura...
Que a dôce paz não deixa ao coração.
Tu, do mundo tão longe, anjo do ermo
Ditosa entre as ditosas d'esta vida,
Não perdeste o fervor na amarga lida,
Que mata as illusões no coração.

Correu-te a vida em rio bonançoso,
Teu pranto não vertêste em suas agoas

Ha lagrimas d'amor, mas não são mágoas,
Que nunca mais permittam ser feliz.
Ha na terra um prazer, que não expira,
Uma luz immortal d'eterno brilho,
Amar um caro esposo, um terno filho,
Sentir um sancto amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinhal-o, e comprimil-o
No seio delirante de alegria,
E ouvir-lhe a voz de mãe, que balbucia
Nos labios, que o prazer articulou.
Depois, tenra vergontea, vêr-lhe as flôres,
E os fructos saborosos da candura,
E um docil coração, e a crença pura,
Que o nome de Jesus lá fecundou!

E's mãe! que mais anceias cá na terra,
Quando afagas teu filho, estremecida?
As glorias e o prazer, que o mundo encerra,
Não valem um sorrir do filho teu!
Em quanto o vês, tenrinho, amar-te os beijos,
Repara n'essa fronte luminosa,
Exultará teu seio, mãe ditosa,
Pois n'ella o brilho vês da luz do céo!

Bem raro é n'este mundo um goso estavel!
Mas Deus t'o permittiu: curva o joelho!
De mãe o coração insaciavel,
Jámais chora perdida uma illusão.
São puros de teu filho os labios d'anjo,
Derrama-lhe dos teus um hymno terno,
Ensina-lhe o chorar aos pés do Eterno,
Ensina-lhe por mim uma oração.

O TEMPLO.

Na casa do Senhor já ouvi canticos
De mystica toada,
Que em ondas de harmonia melancolica
Alagavam a nave, hoje deserta!
Que é desses, que eu ouvi, saudosos hymnos
De Sancta inspiração?
Esses, que eu já senti n'alma infiltrar-me,
Em extasis do céo, fervidas crenças
Na intima oração?

O orgão tinha um som de magestade
Que não tem este d'hoje!
Dorido em seu carpir, vinha cá dentro
Brandamente vazar nos seios d'alma
Um dó e uma paixão... não sei que maguas
De viva e intensa fé!
Não sei que pungir vinha alli do canto,
Que esp'rança, que consolo ao homem era
Chorar... que hoje não é!

Depois, do monge a voz triste e soturna
Não sei que tinha em si!
Calava o coração, vibrando as cordas
Da harpa de David.
Cadente a modular pungidos carmes
Do côro, aos pés do altar,
A alma ía a poz ella aos céus erguida
Em perfumes de incenso esvaecida
Os archanjos saudar.

Do crente os labios tremulos, convulsos,

Osculavam o chão,
Vertiam sobre o tumulo do Christo
A dôr do coração.
A lagrima descia á face do homem
Não timida da luz.
Nem tinha a sociedade uma ironia
Que dar ao infeliz porque, gemendo,
Se prostra aos pés da cruz.

Se a taça do martyrio era amargosa
Ao filho da desgraça, em desamparo,
Podiam tristes labios rir da morte
Crendo n'outro viver.
Disseram hoje ao homem, que uma vida,
Nas trevas do soffrer, não tinha um facho:
Disseram-lhe que a esp'rança era uma crença
Exhausta no morrer.

No chão do teu altar não vão, oh Christo,
Hoje as lagrimas da intima amargura
Pedir uma existencia além da campa
Suave ao padecente!

O homem desgraçado hoje é blasfemo;
Concentra-se em rancor, nega o suave
Recurso do chorar, e o extremo solta
Arranco, impenitente!

N'aquella pedra polida
Onde se ergue aquelle altar
Curvei-me, fronte pendida,

De mãos postas a rezar.
Deste pulpito deserto,
De negros crepes coberto;
Ouvi fallar de Jesus:
Era um monge que soffria
Como em horto d'agonia
Expondo o transe da cruz.

Desta egreja a amplidão
Abrigava os filhos seus;
Vinham ouvir da paixão
Mil tormentos n'um só Deus.
Na fronte vinha-lhe escripta
Viva dôr d'alma contricta
Penitente ante o SENHOR!
Nas faces todas brilhava,
Pranto e dó, que supplicava
Compaixão ao Redemptor.

Já vinte annos são passados,
Este, é o Templo d'então...
Não vejo homens prostrados,
Nem murmura a oração!
Mudo o côro... o orgão mudo
Mudo o pulpito, em tudo
A mudez do que morreu!...
Mas além vê-se o sudario
Onde o martyr do calvario
Mostra o sangue que verteu.

Vejo sorrir a impiedade
Em seus ministros... que dôr!
Tripudia a mocidade

No sepulcro do Senhor....
Impia no mundo, no Templo
Querem ser do povo o exemplo,
Querem dizer-lhe — *sorri!*
Sorri da cruz que se arvora
Sorri d'aquelle que chora...
....
Impio! tu... chora por ti!

*

Meu Deos! a omnipotencia do teu braço
Podéra converter no pó do abysmo
As impias gerações. O barro fragil
Que ahi passa na terra, erguendo a fronte,
Tu preferes, Senhor, pulverizal-o
Sob o pêso da infamia, que elle ostenta!...

Aqui, no Portugal, christão d'outr'ora,
Da vingança do céo é amplo o quadro.
Os cynicos descreem, riem, calcam
Do templo na soidão já murchas flores,
Que a mão do patriotismo desfolhara
No tumulo de heróes! — flores honrosas,
Não d'essas que engrinaldam torpes frontes,
Regadas pelas lagrimas do povo,
Colhidas pela mão do crime impune.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

> O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindemiavit me, ut locutus est Dominus in die iræ furoris sui.
>
> *Lam. J.*

Não ergas, ó Sião, fronte orgulhosa
Entre os astros do céo!
Viuva abandonada, esconde a face
No penitente véo!

Emporio das nações, verga-te humilde
Na tua escravidão!
Não tens um só amigo entre os teus filhos,
Despresada Sião!

Choraste, noite e dia, amargo pranto
Ninguem te consolou...
Que es tu, Jerusalem? face cuspida
Por quem já t'a beijou!

Não podeste conter teus impios filhos
Nas entranhas de fel;
Perigrinos, lá vão pedir algemas
Ao estrangeiro cruel!

Errantes, pedem patria ao universo,
Na sua proscripção;
O mundo os repelliu, porque malditos
Na terra os judeus são!

Que ês tu, Jeruzalem ? — que é dos teus hymnos
Sagrados ao Senhor ?
Porque gemem assim teus sacerdotes
Desesp'rados na dôr ?

Que é do Templo, Sião, onde iam virgens
Prostrar-se em oração ?
— O templo é arrasado, e as virgens ... essas...
Hoje virgens não são !

Lá vejo o povo teu vil captiveiro
D'inimigos soffrer ! ...
Calcado na villesa do dominio
Tem só livre o gemer !

Que és tu, Jeruzalem ? — foste opulenta
Escrava ... nada tens !
Vergaram-te no chão teus inimigos,
Cuspiram-te desdens.

Na balança de Deus foram teus crimes
Pesados, sem perdão !....
Jerusalem ! na face eis-te um ferrete
D'eterna maldição !

II.

A filha ingrata, escolhida,
Entre todas, do Senhor,
Era formosa e opulenta,
Era um divino primor !
Deus lh'os dera, e desses tantos
Que ella teve astros d'encantos,

Já não resta escassa luz !
De seu peito a ingrata lança
Todo o amor do que descança
A face morta na cruz !

E, depois, abandonada,
As torpezas confessou;
Não lhe valeram remorsos
Que tão pungidos chorou !
Tinha as faces descarnadas
De rojal-as, maceradas,
Gotejando um sangue vão !
Já não podem ser remidos
Seus perpetuos gemidos
Sobre a cruz da redempção !

Desvalida e vagabunda,
Orfan, na terra, a chorar,
Deparou despreso, insultos,
Se pediu onde pousar !
Os que d'antes lhe exalçavam
Seu donaire, a motejavam
Do sarcasmo aviltador;
— Que o seu crime abominando
Era um peccado nefando,
Era um perjurio ao Senhor !

Descalça vai sobre sarças
Ninguem lhe cobre a nudez;
Cahe no triste desalento,
Recorda o crime que fez ...
Ninguem diz á desgraçada:
« Ergue a face, oh malfadada !

« Olha o céo — espera o perdão ! »
Todos vão no seu caminho,
Rindo-lhe o seu desalinho,
Rindo-lhe a sua afflicção !

III.

O dorido tinir dessas algemas,
Que roja a criminosa em chão d'espinhos,
Ouvide-o; oh Senhor! — Ouvide a triste
A deserta Sião ! Deixai que o estygma
Da face possam lagrimas de sangue
Lavar-lh'o para sempre ! Oh Christo ! ouvide-a:

*

« Sou culpada, Senhor ! — mas eu não posso
Curvar-me ao teu altar !
Os impios derrubaram-lhe as columnas ...
Não tenho onde chorar.

Eu estou pobre, Senhor ! — mendigo em lagrimas
Um bocado de pão !
Oh ! vêde a que miseria eu hei descido ...
Que immensa punição !

Meus ossos trespassados são de fogo,
No brazido da dôr;
Que infindo mar d'angustias e tormentos
Vós me déstes, Senhor !

A serpente do crime ha-se enroscado
Toda em volta de mim !

É muito, oh Redemptor, e já não posso
Soffrer martyrio assim! »

UM BRINDE.

IMPROVISO

Ao meu amigo João Vicente Martins fundador da creche « S. Vicente de Paulo » na cidade do Porto.

(POR OCCASIÃO D'UM JANTAR, DADO POR ESTE SENHOR AOS SEUS AMIGOS.)

Não é adulação; não são palavras,
Que a lisonja estudou!
Não venho aqui vender barato incenso.
De heroes, que o poeta faz, mentindo ao mundo,
Eu poeta não sou.

Este canto, que ouvis, tambem é vosso,
Comigo o sentireis.
Em vosso coração lá brilha a idéa,
No meu reflecte a luz d'aquella fronte,
Que invejariam reis.

*

Homem, que vieste, qual anjo,
Erguer na patria um padrão,
Desmentiste o infausto emblema
Desta egoista geração.

Déste um exemplo á impureza,
Desta velha natureza,
Corrompida, e sensivel;
Fizeste vêr que ha, no homem,
Paixões nobres, que consomem
O vil instincto do mal.

Lêste as paginas eternas
D'um livro tão pouco visto!...
Viste a luz da tua idéa
No Evangelho de Christo.
Sentiste a alma abrazada,
Quando viste a mão sagrada
De Jesus sobre a innocencia;
Viste a turba das creanças,
Em redor, colhendo esp'ranças
Para uma nova existencia.

Talvez te vissem no rosto
Uma lagrima brilhar;
Talvez ouvisses do Eterno
Uma voz, que manda « amar! »
Ouviste-a, sim! Era o brado
Deste preceito sagrado,
Eterna voz do Senhor!
Era a supplica do justo,
Que, tão pobre, e tão augusto,
Para os pobres pede amor.

E, como Paulo, partiste
A semear o teu grão
N'um terreno, aonde as carças
Fructos d'amor já não dão.
Mas, audaz missionario

Dos preceitos do calvario,
Tinhas a força dos céus!
Quando entre nos vieste,
Ergueste um brado, e disseste:
« O meu triumpho é de Deus! »

« Tenho as forças sobre-humanas
« D'uma nobre inspiração;
« Não me vem rubor ás faces,
« Se pedir ás portas pão.
« N'aquellas palhas a fome
« Uma creança consome ....
« Dai-me o pão, que lhe deveis;
« Dai-me, ricos, as migalhas,
« E eu lh'as levo áquellas palhas
« Onde as penas são crueis. »

E, depois, homem da honra,
Calaste a tua missão,
E, abrindo o teu celeiro,
Déste ao pobre do teu pão.
Abraçaste as creancinhas,
Como Christo, por quem vinhas
Dizer aos homens: « piedade!
« Piedade á indigencia,
« Que não poupa a innocencia,
« Nem respeita a orfandade! »

Fôste ouvido, e accendeste
Nos corações nova luz!
Accendeste o lampadario
Apagado junto á cruz.
Vae, nos berços, que creaste,

Vêr o pranto, que estancaste,
Vêr o riso da alegria!
Vai ahi buscar a gloria,
Que mal póde dar-te a historia,
Nem os hymnos da poesia.

*

Amigos! quando a alma assim se exalta,
E sobe em pranto á face o enthusiasmo
Pressentimos os ceus!
Eu sinto a saudação, voto supremo,
Elevar-me até Deus!

Saudemos este bello astro, que gira
Nas trevas deste mundo encanecido
Em torpes emoções.
Saudemo'l-o n'um throno, cujas bazes
São nossos corações!

QUE A MORTE E' O COMEÇO DA VIDA.

A IRIA.

Não chores, não! Os tumulos sinistros
Que vês n'este calado asylo funebre,
N'este alcaçar da morte, são, oh virgem,
D'este teu pranto a inspiração dorida!
Amas! e o teu amor é sancto e puro
Das virtudes angelicas, rarissimas
N'estes affectos, tão mentidos hoje,
N'estas sazão tão farta de lisonjas!

Amas como eu sei que póde amar-se,
Quando se colhe uma flôr das flôres
Do mystico jardim do Evangelho,
Para, em premio de amor, e fé n'um homem,
Dar-lh'a como um symbolo d'esperanças.
IRIA! esse amor é sancto e honroso!
Não escondas as faces coloridas
Da purpura formosa da modestia,
Se te dizem: «tu amas!» não, não córes!

Vergonha, sei que a ha; mas não a temas,
Em quanto o coração te não accuse
De teres despresado os seus preceitos.

Mas não chores, Iria! Os gratos vinculos
Que fazem teu viver rico d'esp'ranças,
Não ha-de a lousa tumular partil-os.
Tu vês pendida a flôr que, ha pouco, ainda
Viçosa do seu luxo de perfumes
Tantas galas de vida alardeava?

Cuidaste lêr na flôr o teu destino;
Julgaste que a belleza peregrina
D'esse teu rosto angelico, celeste,
Era qual da corolla d'alvo lirio
A purpura, que um sol hoje abrilhanta,
E que outro sól manhan descóra e mata...

Escuta, Iria, o bardo, que proclama
Em versos d'um sentir, que infundem crença,
QUE A ALMA É IMMORTAL! (*) A EMMA o disse,

(*) Allude a uma poesia, do snr. Guilhermino Augusto, publicada simultaneamente na CRUZ.

E Emma é talvez anjo dos que descem
Ao lastimoso exilio d'este mundo,
Não a morrer, como a flôr dos prados,
Mas a chorar as lagrimas, que choram
As almas de eleição, e sacrificio.

A sancta aspiração que te levanta,
Em extasis d'amor, a alma ao Eterno,
Será mentira das que inventam homens?
Será chymera das que a alma anceia?
Não póde ser, Iria! Infausta sorte
Desgraçado condão seria o nosso!
Era maldito este arrastar cadeias
Do berço á sepultura, e lá depôl-as
Como um fardo, pesado de amarguras,
Exigido por Deus! ... Deus não seria,
Nem os homens, que vivem sempre martyres,
Um justo nome, que lhe dar, teriam!

A morte é van palavra, que intimida
O espirito mesquinho, onde a virtude,
A par só do terror existir póde.

Temer um mundo novo além da vida,
E' sentir ligações, que aqui nos prendem;
Mas são talvez as ligações do crime,
Que nos fazem tremer — que esse outro mundo
Distinga o crime das virtudes d'este!

E tu, Iria, tremes? Que é do espinho,
Que o seio te rasgou, lá cravejado
Pela mão do remorso? Não o sentes,
Ainda o não sentiste; e eu prophetizo

Que a tua morte será dôce e branda,
Como é branda a passagem d'entre espinhos
Ao suave estrado de macias flôres.

Oh ! que bello não é vêr no passado
Nossos vestigios n'um caminho recto
De virtudes sublimes, inda quando
Tambem lá estejam os signaes do pranto,
Dorído preço da virtude austera!

Oh ! que bello não é vêr no presente
Os sazonados fructos abundantes
Da vida na sazão tempestuosa!
Que premio vaes colhendo, Iria ! Sabes
Que desastres, que pêrdas, que infortunios
Póde soffrer o coração d'um anjo?
Bem podéras soffrêl-os, se descesses
Das grandezas do céo, onde te exaltas,
Ás baixezas da terra, onde, hoje, choras.

*

Olha, Iria, no céo milhões de corpos,
Milhões de lumes, infinitos mundos!
Quem lhes sabe a missão? quem foi que disse:
« E' este o seu destino ! »? Em vão, soberba,
A sciencia humana lhes prescruta e sonda
As profundezas do mysterio escuro,
Que envolve tudo, quanto cerca o homem.

« Quem lhes sabe a missão? ....» Pergunta occiosa
Da impotente razão, do orgulho esteril!
Ninguem, nem tu, Iria, que tão perto
Vives dos anjos!

Mas, talvez, um astro
D'esses, que scintillam em teus olhos,
De pranto embaciados ... olha, Iria ...
Talvez a estrella que da terra adoras,
Como se adora um segredo, um sonho
Dos mil que o mundo ignaro e vil moteja,
Talvez adores n'essa estrella, oh anjo,
O teu perpetuo asylo, o teu refugio,
Depois da morte — o maior bem da vida!

AO POBRE.

Pax super humilem, et pauperem spiritu requiescit.
Kempis.

Tu, pobre, que teu pão pediste á porta,
Não do rico, talvez, mas do christão,
Recolhe-te contente ao teu asylo,
Verás que sabor tem esse teu pão!

Tens lagrimas no rosto! .. isso que importa?
Felizes os que choram sua dôr ...
Jesus Christo pediu! ... que sancto exemplo!
E tu pedes em nome do Senhor!

Tu sabes que esta vida é tão pequena,
Como um sonho fugaz ao que é feliz?
Que tens, no mundo, egual destino ao rico,
Qualquer pomposa campa não t'o diz?

Mendigo! inclina a face nesse estrado
Que tens para dormir, e dorme em paz! ...

Não podes ... tens os membros congelados. ..
Levanta a alma a Deus, tu dormirás !

Quem não póde dormir em leito d'ouro,
Quem repouso não tem na oração,
E' esse a quem, com fome, inutilmente
Um bocado pediste do seu pão !

Em volta do seu leito, a horas mortas,
Levantam-se os fantasmas do terror !
E tu, nas tuas palhas, se despertas,
Dirás : « Bemdito seja o Creador !

« Bemdito seja o Pae dos infelizes,
« Que tão rico me fez do amor de Deus !
« Bemdita seja a mão da Providencia,
« Que um dia tem de erguer o pobre aos ceus!

« Eu passo neste mundo sempre triste,
« Mas devêra sentir doce alegria !
« Se estendo a mão mendiga, ou cedo, ou tarde,
« Encontro sempre o pão de cada dia !

« Que mais quero, Senhor ! que mais vos peço
« Na simples oração dada por Vós ! ?
« A salvação, meu Deus, o patrimonio
« Dos justos, promettido a todos nós.

« A nós, homens privados desses gôsos,
« Que eu não sei o que são, mas sei que os ha :
« Desses gôsos, que sente o abastado,
« Quando ao pobre mendigo esmola dá !

« Não mais me chorarei ... E quando a morte
« Ás palhas da miseria, emfim, descer,
« Deixae-me erguer as mãos, deixae que eu diga :
» Perdão, meu Deus ! se eu não sube soffrer ! »

AO RICO.

> A mão do pobre é cofre de Christo.
> *Heitor Pinto.*

Ergueu-se do seu leito de repouso
O rico, sonhador d'aureas empresas;
Seu quarto de tapetes recamado
Rescende o grato aroma das riquezas.

Revê-se nas alfaias ostentosas,
Que da vida lhe doiram a mentira;
Contempla-se feliz no centro dellas
Um instante ... talvez ... depois ... suspira!.

Suspira! ... e, se consulta a consciencia,
Não sabe d'onde vem tanta tristesa!
« Não sou — diz elle — amado eu entre os homens?
« Não compra quanto é goso esta riquesa?! »

E o pensamento amargo esvaeceu-se
No coração do rico em anciedade ...
Folgou um dia inteiro entre lisonjas,
Achou a distracção na sociedade.

Alta noite voltou, ebrio de incensos
Ao folgado repouso do seu leito ...
Longo tempo velou! ... não sei que pezo
De estranha mágoa lhe comprime o peito! ...

« Não venho eu de gozar—murmura o rico—
« As delicias, que a terra póde dar-me!?
« Se mais ha que sentir d'emoções dôces,
« Não posso eu ámanhã lá saciar-me!? »

Despertou de manhã, scismou venturas
De novas impressões; mas, quando scisma,
Perturba-lhe uma nuvem lindos quadros,
Que via por detraz d'um aureo prisma.

Lá estava aquelle triste pensamento,
A sede insaciavel de ventura;
E, ás vezes, um lhe vinha apoz o outro,
Até chegar o extremo — a sepultura!

Então seu coração lhe palpitava,
E amargo desprazer o consumia...
Mas, longe a triste idéa! ...O ouro é tudo!
E á sua invocação nasce a alegria!

E o mundo franqueava-lhe seus gosos,
Baratos de comprar, mas não bastavam
Á sede abrazadora desse rico
Em cujo coração mais requeimavam.

II.

Passava o rico junto ao pobre asylo
D'uma pobre mulher que acalentava
Um livido filhinho, em quanto outro,
Chorando, á pobre mãe pão supplicava.

No rosto desta mãe desciam gotas
De pranto, que é talvez refugio extremo,
Mas tambem o melhor, pois que esse pranto
Converte em alegria o Ser Supremo.

E o rico foi tocado ao vêr tal scena
D'amargura no quadro da pobresa!..

Um pensamento rapido lhe mostra
Extremos de miseria e de riquesa !

No regaço da pobre a mão do rico
Depõe, para o seu pão, ouro que avulta...
Eis um novo prazer de emoção nova
Lhe vibra o coração, e o rico exulta !

Longo tempo lhe vai suspensa a alma
N'aquelle estranho lance de piedade...
Recorda-se de ouvir, quando creança,
Uma doce palavra — caridade?

A si proprio interroga em que ha sumido
O ouro abandonado ao desperdicio !
Tão barata virtude aquella fôra,
E tão caro comprára tanto vicio ! !

Sereno, adormeceu; e, despertando,
A imagem da mulher se lhe afigura,
No meio de seus filhos, que sorriem,
Vendo a face da mãe sorrir ventura.

Vê-os fartos de pão, vê-os vestidos,
Com fervor infantil ajoelhados
Ao pé de sua mãe, que pede ao Eterno
Para o seu bemfeitor annos folgados.

E' novo o seu prazer ! Raia a alegria
N'aquelle coração gasto de gôso,
Mas perfido gosar, que o fel derrama
Nas sensações do candido repouso.

E' novo o seu viver ! Onde a penuria,
Envolta em seus andrajos, geme occulta,

Vereis a mão do rico — a mão d'um anjo
Seguir as expansões d'alma que exulta.

E' nova a sua esperança ! Intimo senso
Lhe diz — que não é balda a caridade ;
Estuda o Evangelho, e lá depara
Promessas a cumprir na Eternidade.

E' nova a sua fé ! Crê na virtude,
Mas não do amor proprio a altiva filha,
Que essa, toda terrena, é vã mentira,
Por cujo preço o amor proprio brilha.
....

III.

E o rico foi feliz ! Passou-lhe a vida
No remanso da paz, e da ventura ;
Por fim teve orações, subindo a Christo,
E lagrimas d'amor na sepultura.

A MORTE DO IMPIO.

Que infeliz é a morte dos peccadores !
PSALM. 33.

I.

Entrae neste aposento, onde agonisa
Um de vossos amigos :
Dae-lhe consolações, dae-lhe conforto
Agora... pois, manhã... que importa ao morto
A pompa dos jazigos ? !

Entrae neste aposento, onde já vistes
O mimoso da sorte.
Acercae-vos do leito; onde elle geme!..
Tão forte no viver, vêde-o que treme
Do fantasma da morte!

Apertae essa mão, que a morte aperta
Com terrivel vigor!
Animae-o no trance desta hora,
Apagae-lhe esse fogo, que o devora
Na ancia do estertor!

A cruz! mostrae-lhe a cruz!....
....
Não existia,
Nem signal de christão!
Viveu sem Deos o impio, e na agonia,
Se o remorso lhe grita, balbucia
Sinistra imprecação!

A larva do passado a mão do crime
Ao leito lhe encaminha:
Forceja em repelli-la, e desfallece.....
Quer fugir-lhe... não pode, e a larva cresce,
E ao leito se avisinha....

Oh! dae-lhe um sacerdote! ainda é tempo
De salva-lo, talvez! ....
Arrancae-lhe uma lagrima dorida,
Tirae-lhe uma oração da alma perdida...
Pedi-lh'a inda uma vez!

*

II.

Um padre entra na camara do impio,
E o impio os olhos crava apavorados
No vulto magestoso desse homem,
Que junto ao leito está:
Mensageiro da morte o considera,
E não homem de Deus! impio sarcasmo
Os labios não proferem, mas da alma
Ninguem lh'o arrancará!

O padre, em cuja face irradiava
Esp'rançosa alegria, entristeceu-se,
Vendo o crime torvar aquella alma,
Revolta contra a luz!
Mas, forte da missão que o ceu lhe ha dado,
E inflammado na fé, pede aos amigos
Daquelle agonisante, o auxiliem
Trazendo-lhe uma cruz.

Amigos... neste lance abandonaram-o!...
Confortos... nem um só vindo d'amigos!...
Amigos! era um só na hora extrema....
— O ministro de Deus!
Trazei-lhe o vosso balsamo, oh impios!
Ajudae-lhe a quebrar essas cadeias,
Que o algemam na terra, onde insultára,
Tantas vezes, os ceus!

A cruz da Redempção entre dous cyrios,
E um padre... eis quanto ahi ao impio resta,
No quarto, onde a final se fecha um drama
De perversas paixões!

Que importa o padre e a cruz ? o moribundo
Tem dentro das entranhas um incendio ;
Que as lagrimas lhe queima , e desesp'rado
Não quer consolações !

Oh ! que acerbos fantasmas lhe esvoaçam
Nas sombras do clarão , que a luz derrama
Entre os torvos panaes do leito , imagem
Da eça funeral !
Oh ! que imagens de virgens , que se arrastam
Cuspidas nessa fronte, onde existiram
As corôas da virtude , e hoje a deshonra
Poz ferrete infernal !

III.

Suor de morte lhe gelara as faces ,
Cavos gemidos lhe arrancava a dôr !
Joelhava o padre , soluçando a prece :
« Misericordia , compaixão , Senhor !

« Não podem homens , sem o vosso auxilio ,
« Salvar um impio , que descreu de Vós !
« Cravae-lhe n'alma o pungir do crime ,
« Fazei calar de Satanaz a voz !

« E' tempo ainda ! inspirae-me , oh anjos !
« Palavras sanctas d'incendida fé !
« Que eu vá de rastos a cumprir um voto ,
« Mas salve este homem , se perdido é ! »

IV

Lá no leito d'espinhos reluctava
A vida contra a morte , e arquejava

Saturado de fel um coração....
Ao impio o seu passado é tão formoso!
E o porvir... *para sempre*... duvidoso...
Que medonhos constrastes d'afflicção!

Saudades do seu berço d'innocencia,
Saudades das paixões, em cuja ardencia
A imagem do seu Deus tornára em pó!...
Saudades dos seus crimes e maldades,
Saudades do que foi... tudo saudades...
E esp'ranças, meu Deus!... nem uma só!

« Padre — exclama o impio — eu tenho ouro,
« Sou rico, dou-te bens, e o meu thesouro...
« E ampara-me o viver um anno mais!
« Não devo inda morrer! Se não me acodes,
« E's um fraco mortal, que nada pódes,
« Se invocas o teu Christo entre os mortaes! »

O padre estremeceu! Nas mãos lhe treme
A cruz do Salvador... e o impio freme
Soturnas vozes de blasfemia atroz!
O padre ajoelhado a Deus recorre...
Mas nos olhos do impio a luz já morre, ...
E a lingua do blasfemo não tem voz!...

E o padre murmurou: « Foram contados
« Teus dias, infeliz! vão ser julgados
« Teus crimes na presença do Senhor!
« Alma christã, aparta-te do mundo,
« Teu abysmo de crimes foi profundo,
« É mais a compaixão do Redemptor! (*)

(*) *Proficiscere anima christiana de hoc mundo.*

« Compaixão, oh Senhor, que este precito
« Tem lagrimas, talvez, geme contrito,
« Mas queima-lh'as a dôr no coração!
« É creatura vossa ... foi do nada
« Por vossa mão santissima tirada ...
« Reconhecei-a Vós por compaixão! » (*)

....

V.

O padre erguera a face veneranda
Sobre as extremas contorsões do impio,
Que infundiam terror!
Um instante depois, o padre orava
Por alma do infeliz ... pois só Deus julga
Quem é o peccador! ...

QUARTA FEIRA DE CINZA.

Memento homo ut pulvis es et in pulverem reverteris.

Homem! pára, e os olhos fita,
Antes que teus passos contes,

(*) *Miserere, Domine, gemituum miserere, lacrymarum ejus.*

Agnosce, Domine, creaturam tuam non à diis alienis creatam, sed à te solo Deo vivo, et vero.

São textos da oração que a egreja applica aos agonisantes, indifferentemente a sanctos e impios, porque, nas apparencias da morte boa ou má, é caridade e dever do christão sujeitarmos os nossos juizos ao Juizo de Deus.

Nos extremos horisontes
Deste caminho que vaes :
Vê que, ao longe, a luz se apaga,
Como em ceu de tôrva plaga,
Porque a morte lá divaga
Entre sombras sepulchraes !

São seguros os teus passos
Nas flôres do teu caminho ...
Mas ... além ... pungente espinho
Rasgará sangue em teus pés ....
Nos umbraes do cemiterio
Tem a morte o seu imperio
Sobre um reino de mysterio,
Onde tu vassallo és ...

Quanto mais cego caminhas
Nesta estrada tortuosa,
Mais a morte pressurosa
Te disputa a escaça luz :
Tu não vês d'um pae amado,
D'um irmão idolatrado
Um sepulchro coroado
Pelo symbolo da Cruz ! ?

Vês, e passas, e deslembras
Esse funebre moimento,
Que te enlucta um só momento
O prazer das vís paixões ....
Nem no morto vês o exemplo,
Nem tocado te contemplo,
Quando lugubres no templo
Pelo morto ha orações !

Hontem inda te apraziam
Os folguedos desvairados
D'esses tempos detestados
De maldita idolatria !
Inda hontem palpitante
De emoção embriagante,
Com tregeitos de baccante
Leda vida te corria ! ..

Hoje um canto tristuroso
Vem turvar-te as alegrias ! ...
Cede o hymno das orgias
Ás lamentações de Job.
Lá das regiões da morte,
Soa um brado : « homem, que és forte,
« Fôste cinza, é tua sorte
«. Ser um dia cinza e pò ! »

AO IMMACULADO CORAÇÃO DE MARIA.

Senhora ! o vosso altar já foi sacrario
De riquezas do Céo, que o Céo vos dava
Em prol de Portugal.
Em cada portuguez tinheis um filho,
De todos ereis Mãe, refugio a todos,
Nas angustias do mal.

Em vosso Coração immaculado
As lagrimas da dôr tinham asylo,
Oh Rainha dos Céos !
As lagrimas com vosso patrocinio,
Erguiam-se da terra, qual perfume
Ao throno do meu Deus !

Em trances d'afflicção, nos grandes riscos,
No afôgo das pelejas duvidosas,
Vosso nome se ouvia:
As armas orgulhosas, destemidas,
Afrouxavam nas mãos dos inimigos,
Ao nome de MARIA!

Lá nas iras do mar, quando o sepulchro
Ao convulso baixel a tempestade
Nos recifes abria,
Azulavam-se os céos, fugia a nuvem,
Voava a viração, vinha a bonança,
Ao nome de MARIA!

Quando em leito de pallida doença
Febril enfermo, abandonado e triste,
Sem esp'ranças jazia,
De novo o coração lhe palpitava,
Erguia-se robusto, as mãos erguendo
Ao nome de MARIA!

Donzella, que a chorar passára noites
De saudades por quem tamanho affecto
Lhe não agradecia,
Lá vinha a ser feliz com quem amára,
Pois déra o seu futuro em segurança
Ao nome de MARIA!

E a carinhosa mãe, que o filho amado
De seus amigos braços para a guerra
Chorando, despedia,
Joelhava-se, depois, ante o oratorio,
E a vida de seu filho confiava
Ao nome de MARIA!

E seu filho, mais tarde, em vivas ancias,
Á porta do seu lar, com mão tremente,
Receoso, batia ....
Nos braços maternaes contava, ufano,
Triumphos, que tivera sobre a morte,
Ao nome de MARIA!

O nome de MARIA hoje invocamos,
Nós, filhos desses homens d'outras eras,
Que morreram na fé.
SENHORA! protegei nossos trabalhos!
Sem protecção do Céo o esforço humano
Baldado esforço é!

No coração dos vossos portuguezes
Despertai o temor, tão vivo um dia,
No porvir immortal.
Do vosso resplendor a luz das crenças,
Descei sobre este solo, escuro e pobre,
Salvareis Portugal!

S. JOÃO BAPTISTA.

Donde vinha o rumor que alvoroçava
As turbas d'Israel,
E, surdo, murmurava
Nas aras dos pagãos, e amedrontava
O tetrarcha orgulhoso em seu docel?!

Soava um hymno accorde d'alegrias
No reino de Judá:
Fallava-se d'um rei naquelles dias

**Prescriptos para a vinda do Messias,
Egual a Jehová.**

Virgilio, o rei cantor do paganismo,
Vencendo a corrupção,
Vencendo o servilismo,
N'um extasis d'amor, e mysticismo,
Profeta, descantava a Redempção.

Nos céos orientaes todos fitavam
A mais brilhante luz:
As nações do poente alli buscavam
Um astro, cujos raios fulguravam
Na fronte de Jesus.

O gélido torpor da idolatria
Matára os corações:
Nos fogos d'uma orgia;
O homem, sem destino, consumia
A vida, enredo vil de vis paixões.

Apenas de Abrahão restava um culto
No reino d'Israel;
Mas culto, sem temor...bem mais um insulto,
No manto dos hypocritas, occulto,
Como ultrage cruel!

Os homens, sem poder, e sem ventura
Lembravam-se de Deus;
Ao verem que tortura
Lhes relava na terra a vida escura,
Anceavam paz e luz dentro dos céus.

O mundo, em seus delirlos, corrompido
Ao seu abysmo vai ...
Não sôa já um ecco enfraquecido
Do rigido fragor outr'ora ouvido
No alto do Synai.

Nas vastas dimensões da altiva Roma,
Se um só justo passou,
Ao céo a mente assoma,
Prostrado, como Loth, ao vêr Sodoma,
Que o fogo devorou.

*

Houve um justo. Era Baptista,
Era o anjo precursor,
Que suspende a luz celeste
Sobre as trevas do terror.

Outro anjo o revellára
A seu pai, homem sem fé,
Que não crê, na esteril 'sposa,
Um poder, que seu não é.

Quer nos labios a descrença,
Infeliz, balbuciar;
Mas a algema do castigo
Não lh'a deixa articular!

Mudo escuta o brado alegre
Que a fecunda esposa deu,
Ao sentir, que, nas entranhas,
Seu filhinho estremeceu.

E' que dentro em seu alvergue
Entrára a Virgem MARIA
A cantar um sancto hymno,
Delirante d'alegria.

*

Quem é esse mancebo, envolto em pelles,
Errante nas agruras do deserto,
Não tendo a quem pedir sustento incerto
Para a fome matar?
Quem é esse infeliz, que pede ás fragas
Um leito onde repouse os membros lassos,
Nos instantes, que dá ao somno, escassos,
Em que deixa d'orar?

BAPTÍSTA, o precursor de JESUS CHRISTO,
Aquelle, pelo anjo annunciado,
Apenas de seu berço emancipado,
Quer o excesso da dôr!
Sósinho, nas entranhas do deserto,
Espera ouvir do anjo a voz amiga
Que, mostrando-lhe a estrada, aponte e diga:
« Vai! manda-te o Senhor!

E foi! As multidões, quando escutaram
Essa voz inspirada, estremeceram
E confusas, e timidas disseram:
« É chegado o Messias!
« É este o promettido! Eia! adoremos
« O homem-redemptor, o pai mais terno,
« O Santo, o Justo, o Bom, Filho do Eterno,
« Segundo as profecias! »

— Não sou — lhes diz João — Eu represento
— A voz que, no deserto, em vão clâma;
— Mas do seio de Deus eu vejo a flamma,
Que abrasa os corações ...
— Tremei vós, orgulhosos no fastigio
— Das grandezas da terra! ... Ouvis o abalo
— Do grande d'Israel ?! Vinde adora-lo ...
— Erguei-vos, gerações! —

E clamava « penitencia! »
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina,
Na manhan da redemção.

« Penitencia! » era o seu brado
Quando o fausto das orgias
Simulava a febre ardente
Do que morre em agonias.

« Penitencia! » era o seu brado
No portal do fariseu,
Alma tôrpe em sacro manto,
Que tentou mentir ao céo.

« Penitencia! » era o seu brado
Nos covis da indigencia,
Onde a fome era a blasfemia,
E a desgraça a impenitencia.

E na purpura do crime
O abastado trepidou;
E no andrajo da virtude
O indigente exultou.

Joelho em terra! escravos da serpente
Que MARIA esmagou!
Joelho em terra! Vae passando o CHRISTO
Que dos astros baixou!

Adora-vos, SENHOR, immensa turba
Com a face no chão!
Hosanna! rei dos reis! pobre entre os homens
Da mais pobre nação!

Prostrado o «precursor» ouvi-lhe a prece
Pelo povo infiel!
Ouvide-o, que seu pranto encerra as dôres
Do reino d'Israel.

E vós lhe daes a mão, fazeis erguel-o
Do seu humilde pó ....
Ouviste no deserto os seus gemidos
Como outr'ora os de Jób.

Nas margens do Jordão, das puras aguas
A sacra fronte ungis:
JOÃO hesita, e treme, e vós, oh Christo,
O baptismo pedís!

Precursor de JESUS! que amor inspira
Vossa augusta missão!
« Eis o manso cordeiro ... — vós dissestes —
« Votado á Redempção!

« É víctima do amor e do resgate
« O cordeiro de Deus!
« Seu sangue vae descer da cruz do opprobrio
« Como prêço dos céos! »

E clamava « penitencia ! »
Pelas margens do Jordão,
Como estrella matutina
Na manhã da Redempção.

« Penitencia ! » era o seu brado
Nas cabanas e doceis:
Sua voz fallava altiva
Fossem pobres, fossem reis.

Entrou no paço d'Herodes,
Nos festins da corrupção;
E maldisse o rei que espósa
A mulher de seu irmão.

Sente os pulsos algemados
E, no carcere, sem luz,
O perdão do rei adultero
Supplica ao seu Jesus.

Uma voz chama o seu nome,
Uma mão lhe solta as suas;
E' serena a sua face,
Quando vê espadas nuas.

Curva a fronte; e a mão do alfange
Faz rolar, em aurea taça,
A cabeça, premio e mimo
Dos caprichos da devassa.

Nos transportes d'um banquete,
Doudejando de prazer,

Herodias delirante,
A cabeça alli quer vêr.

Um adresse desencrava
Do dourado carmezi,
Atravessa-lh'o na lingua,
E, vingada, folga e ri! ....
....
....

*

....
Herodes! que é do teu famoso exercito,
Que, ha pouco, a batalhar, marchava ufano,
Qual heroe, que venceu?
Vai! ... levanta as bandeiras espargidas
Do sangue desses bravos, retalhados
Pela espada do ceo!

Na concha da balança pesa o sangue
Dos vinte mil, que alastram as campinas
Do reino de Judá!
Na outra pesa o sangue do BAPTISTA,
Verás equilibrado o sangue; e o ETERNO
Entre ambos julgará! .. (*)

(*) O historiador judeu Flavio Josepho attribue á morte de S. João Baptista o destroço maravilhoso do exercito d'Herodes. Não ha auctoridade mais insuspeita. Veja-se a sua *Historia da guerra dos judeus, e antiguidades judaicas.*

AVE, MARIA!

Dum esset rex in accubitu suo,
nardus mea dedit odorem suum.
CANT. 1, 11.

Desses mundos de luz, mansão do Eterno,
O anjo do Senhor desce a Maria;
Que um filho nutrirá no virgem seio,
O anjo lhe annuncia.

E a casta pomba de innocencia, humilde,
« Eu sou — lhe diz — a escrava do Senhor!
« Se é vontade de Deus, que eu seja feita
« A mãe do Redemptor! »

E o espirito divino espósa a Virgem
Eleita pelo Pae Celestial;
E o Verbo desce envolto em nuvens d'anjos
Ao seio virginal.

Oh templo do meu Deos! altar sagrado
Onde o manso cordeiro vem do ceu
Cumprir o sacrificio pelos homens,
Que Lucifer perdeu!

Quem póde a Vós erguer os olhos d'alma
Que não sinta curvar-se o joelho ao chão?
Quem póde, que não deixe orar os labios
Fervorosa oração?

Orar a Vós, oh Anjo do resgate,
Santa Imagem d'amor e Redempção!
A vós « cheia de graça « nosso abrigo
Nos trances d'afflicção!

*

A Vós, que desde o cahos desenhada
Na mente do meu Deos vivieis já! ....
Se « o Senhor é comvosco » o anjo disse,
O homem que dirá!?

« Bemdita entre as mulheres » sêde o amparo
Dos cegos pelas nevoas da paixão;
Vertei-lhe a luz do céu no entendimento...
Fallai-lhe ao coração!

« Bemdito seja o fructo » dos remidos
Que allivio a tantos é na sua dôr!
Por elle o pranto em gosos se transforma
No maior peccador!

Oh mãe de Jesus Christo! a Vós ajoelho,
A Vós me entrego, vosso escravo sou;
Nas trevas vos pedi a luz das crenças,
E um astro fulgurou!

Deixai descer seus raios luminosos
Nesta senda feliz da minha fé...
Ai da vida sem luz! — depois a morte
Que terrivel não é!....

IMPRESSÃO D'UMA MORTE REPENTINA.

Quid est homo?

Ps.

Não contes, anjo, não contes
Com o dia de ámanhã!

Não viste a vida esvahir-se,
Entre os tumulos sumir-se,
Como a esp'rança incerta e van ! ?

Que importa luctar co'as maguas ?
Que importa ser infeliz ?
Este sonho, esta existencia
Torna-se em impia demencia,
Quando o que soffre a maldiz !

Mas o rico, o venturoso,
Que é da vantagem que tem ?
Nenhuma, anjo, nenhuma ;
Antes que a morte o consuma,
Consumil-o a morte vem.

Pergunta áquelle cadaver
Onde deixa um monumento ?
Hoje pompas orgulhosas,
Hoje ostentações vaidosas,
E ámanhã o esquecimento.

Tu bem vês que a vida é sonho,
Esses faustos são mentira...
A pobreza, em vida honrada
No sepulcro é laureada,
Pela morte a Deus aspira.

O PREÇO D'UMA LAGRIMA.

(*Versão livre de* VIOLEAU.)

Do pulpito em redor, á tarde, as turbas
Os tormentos do Golgotha escutavam;
Um padre d'alvas cans, e a cruz em punho,
Contava os trances do trespasse acerbo.
Fallou de Judas, das crueis affrontas
Do pretorio, da tunica rasgada,
Da cana aviltadora, e das blasfemias
D'um povo ingrato, e fero, e sem piedade,
E dos caros discipulos traidores.

Da mais triste das mães fallava elle,
E com ella chorava. Amargo pranto
Do coração aos olhos attrahia;
Qual tributo d'amor á cruz do Eterno,
Sua voz d'inspirado!
Á sombra escura
D'um pilar, um mancebo éra encostado.
A angustia maternal sondada a fundo
Pelo padre de Christo, ás vezes, n'alma
Do mancebo soava em sons pungentes;
E lagrimas furtivas lhe arrancava;
E seu corpo tremia, quando o padre
Exclamava «MARIA! ó Mãe das Dôres!»

Quem visse a face pallida, assombrada,
Deste homem, só, a mergulhar-se em sombras,
Julgára vêr o anjo do remorso,
Em nome d'um Deus martyr, supplicando
Para os homens perdão!

Era bem triste,
Bem digno de dò este mancebo!
Seus dias infantis, por mão da esp'rança,
Em berço d'ouro emballados foram.
No regaço da mãe elle aprendêra
Orações para Deus, c'o as mãos erguidas.

Depois, adolescente, abandonára
Seus carinhosos pais, e, dado ao mundo,
Seguira a estrella d'um amor profano,
E, a poz ella, n'um profundo abysmo
De torpezas insanas resvallára.

No lodo quiz achar essas venturas
Impossiveis na terra! E a fé, e a crença,
Qual peso insuportavel, rejeitou-as.
Sem leme, fragil lenho, arrebatado
Pelas ondas do crime, hia d'encontro
A cada escolho deste mar da vida.
Seu ouro, dom do céo aos que se doem
Das lagrimas do pobre, em mãos deste impio
Era o preço da honra, em almoeda,
Era o escarneo feroz da indigencia.
Bello, a seducção era-lhe facil;
Rico, o seu triumpho era infallivel;
Talentoso, venceu quando a belleza
E o ouro pódem menos que a palavra!

Sua mãe, calada sempre em seus tormentos,
Queixára-se uma vez... depois... morrera!
Entrára em casa o filho... e o quarto della....
Dezerto... não... lá estava a mãe no esquife!
Alguns dias chorou... fugiu dos homens,

Mas, prestes, suffocando o seu remorso,
Lembrou-se de Pariz — terra d'encantos,
Onde a flôr da saudade em breve murcha.
Já prestes a partir, sósinho e triste,
Vergando sob o peso do enojo,
Lento veneno que devora o espirito,
Errava pelas ruas dessa terra
Abandonada... e talvez p'ra sempre...!

Distrahido, chegou do templo á porta,
Onde fôra christão, e onde viera
O cadaver da mãe buscar refugio
Ás duras penas da chorosa vida.
Aberta estava a egreja; e elle vira
As multidões entrar... acompanhou-as,
De crepe viu forrado o templo augusto
E de negro coberto o Crucifixo,
E, despojado o altar, prostrado o povo.
Escuta vagamente a voz, que conta
Do Salvador as amarguras intimas.
Sua mente, apavorada como a noite,
Se quizesse resar, não poderia!
E quando o padre exclama — « Ó Mãe das Dôres! »
Apenas comprehendeu que era medonha
A vida que vivia, assim ralada
Por mão, que o coração lhe aperta irosa,
E sente a precisão de verter lagrimas.

Descera o padre da tribuna austera.
As luzes nos brandões já são extinctas;
A lampada symbolica derrama
Um pallido clarão no tabernaculo,
Onde a imagem do Christo não fulgura.

Um confuso rumor esvae-se ao longe
De passos, e palavras, que se extinguem.
Fecha-se a porta, e o mancebo immovel,
Sobre os joelhos recostada a face,
Perdido em sonhos de visões terriveis,
Não vê que é só. E o silencio e a noite
Acordam-no em fim... Ergue-se... corre...
Chama cem vezes... quer sahir... debalde...
Seu ecco apenas lhe responde aos gritos.
Sob um vago terror lhe arqueja o seio..
Um homem tão altivo, ei-lo tremendo,
Como debil mulher, das sombras torvas
Que volteam, durante as longas horas
Daquella noite immensa. A passos largos
Da lampada, colerico, se chega:
Recorda seus desdães cheios d'orgulho,
E em tudo que é fé cospe despresos!
Elle! despresador de Jesus Christo,
Despresador do reino onde ha o espirito,
Ao terror cederá d'infantis larvas?!
Contos de velhas! E sorriu... um instante....

Uma egreja natal, embora envolta
Nos crepes negros da semana santa,
Mysterios em si tem, que o affecto accordam.
Ninguem lá curva o joelho, que não sinta
Restos de paz, de fé, e de innocencia.
Assim, junto do altar, o impio joven
Ás vezes via a luz de viva imagem,
Que brilhava nas trevas de seus crimes.
E dizia: — « Eis-aqui o baptisterio!
« Esta agua, qual perfume, ungíu outr'ora
« Meus orgãos infantis. Aqui... as preces,

« Que vão ao céu, me foram ensinadas ...
« Aqui dado me foi o pão dos anjos
« Por mão do padre... o pão mysterioso !
« E eu era puro então ! Materno beijo,
« Neste meu coração, tinha um murmurio
« D'ineffavel prazer ! Entre creanças
« Eu brincava e sorria! ... e o rir d'infancia
« Nos labios da innocencia..ah ! quanto é doce!
« Á sombra das cortinas do meu quarto
« Um anjo protector, guarda invisivel,
« (Dizia minha mãe) me esp'rava o somno,
« E os sonhos em meu berço acalentava.
« Eu era o orgulho de meus pais felizes !
« Mocidade fatal ! desejo ardente !
« Depois que eu me curvèi a teus conselhos,
« Que me déste no mundo ? Em recompensa,
« De tanto que perdí... tu que me déste ? !
« Porque fujo do templo ? Eu bem podéra
« Sentir em minha mão a mão da virgem ...
« E a qui, perante Deus, dos labios della
« Palavras escutar d'eterno goso.

« Bem podéra meus filhos ter nos braços,
« Com'elles repartir os beijos ternos,
« Os carinhosos dons de minha esposa !
« Eu proprio anniquilei minha ventura !
« Nada posso por mim ! ... Sobre esta pedra
« Minha mãe murmurou a prece extrema ...
« E eu, ingrato filho, longe della ...
« Ao longe me perdi ! ... impio ! ...matei-a ! »

Cançada de soffrer esta alma ardente,
Buscou no somno a paz deste arduo inferno!

Quiz mentir ao remorso... e já nas palpebras
O somno a bemfazeja mão descia...
E já do templo a abobada sombria
Chamara a si as larvas inquietas,
Quando na torre em lugubre toada
Doze vezes bateu o bronze augusto.
O mancebo tremeu! Na face livida
Um halito gelado lhe perpassa.
Estende um braço... uma mortalha encontra,
E sente a mão por outra comprimida.
Tenta fugir...em vão...que assim lhe fallam :
«Não lutes, que é loucura! Antes m'escuta :
« Estes rapidos instantes... são-me caros ...
« Mil annos de tormentos dei por elles.
« Quando eu vivi, meu filho despresava
« As minhas ternas supplicas! ... E hoje,
« Morta, a meu amor talvez se humilhe!
« No bello paraizo, doce premio
« De minha fé, de meus padecimentos,
« Eu sem ti, que farei, meu caro filho?
« Soffrer...que importa...se salvar-te posso?!
« Sabe-o, pois, em fim, chama-te o tumulo
« Dentro d'um anno, e nesta mesma hora!
« Cultiva os dias que te cede o Altissimo!
« Céo ou inferno! escolhe! »
A mão gelada
Deixou cahir a mão que prêsa tinha :
E a voz materna, murmurando, ao longe,
Um som soturno, e lento assim dizia :
« Dentro d'um anno! ... Á meia noite! ... »
Um anno!
Que surpresa! que dôr! que extrema angustia!..
Sae da Egreja o mancebo, quando é dia,

Comsigo leva a citação tremenda,
Feita por Deus, embora o lugar mude:
« Dentro d'um anno!..Á meia noite! » Em tudo
Gravado vê tão pavoroso aresto!
Sombrio desespero, horrivel febre,
Se apossam delle, incredulo n'outr'ora.
Suspira, e amaldiçôa, e ruge ás vezes,
E a quanto o cerca exhora auxilio inutil.
Exclama ás vezes no silencio d'alma:
« Farei eu penitencia? e a fronte altiva
« Pelo pó rojarei? Serei eu visto
« Manhan buscar no padre, que detesto,
« Palavras de perdão? E os meus amigos
« Não se ririam?!... Sim! Ah! custa muito
« Ser corajoso em receber o ultrage
« Do pungente sarcasmo, que tortura! »
Depois ao recordar-se a antiga vida,
Tocado pelo estimulo dos gosos,
Exclamava: « Pois sim!.que venha a morte!
« A mim... o turbilhão de mil prazeres!
« A mim... gratos festins libidinosos!
« A mim...o ardente amor, que embriaga o espirito!...
« No fundo o copo tem a melhor gota!
« Esgotemos a taça antes que a morte
« Me cerre os labios com perpetuo sello! »

E buscou em Pariz o esquecimento
Do seu praso infallivel! A tristeza
Mais profunda, talvez, lá o tortura.
De Balthasar a lugubre legenda
Nos devassos festins depara o triste!
A suprema sentença estava escripta!
O tempo se devora a cada instante...
Seis mezes já lá vão...resta metade!...

Tem ouro . tem belleza , e graça , e forças,
E não pódem salva-lo ! E sua alma
Poderão melhora-la essas venturas ? !
Talvez ! Pois bem ! o impio vai salvar-se...
Agora!... ámanhan! ... Não ! que ha sacrificios
Tremendos a fazer ! ... Ha a vergonha
De deixar um caminho , aonde outr'ora
Funestas relações se contrahiram ! ...
Manhan...talvez ! ...Jesus é tão piedoso ! ...
Quem não sabe que a lagrima vertida
Com fé e com amor...uma só basta
A desarmar-lhe o braço justiceiro !
....

Chegado o tempo , fiel a seus designios ,
Quiz Alfredo tornar ao lar paterno ,
A chorar, solitario , as suas culpas.
Mas , antes de partir , o seu segredo
Ao seu amigo intimo confia ,
Corando de vergonha ao revelal-o.
Ah ! foi isso bastante ! O falso amigo
Desvia-o , lembrando-lhe que um sonho ,
Um fantasma , talvez, o ludibria!
Sorri-se de que a Mãe lhe haja fallado :
Da boa fé lhe zomba , e , *franco amigo* ,
Supplica-lhe não creia eguaes inepcias!
« Seria um sonho ? ! » se interroga elle.
« Embora fosse...na semana extrema ,
« Uma lagrima contrita...hei-de chora-la ! »

Qual , em mar tormentoso , a afflicta victima ,
Ao vêr seu companheiro de naufragio
Abraçado na taboa redemptora ,

Tambem nella se aferra, e, sem salvar-se,
Não deixa a salvação ao seu amigo;
Tal o homem corrupto, ao vêr o impulso
Da honra e do remorso em fim triumphando
Naquelle que arrastára ao seu abysmo,
Quer comsigo arrasta-lo ao crime e á perda!

Alfredo, escravo, e preso entre as algemas
Dos lubricos festins, bebe o veneno
A longos tragos por lasciva taça.
Ahi mãos de mulher, cingindo as suas,
Não as deixam juntar, ao céu erguidas,
Na hora do remorso! O mez extremo
É quasi findo!... Embora!... que as orgias,
Dos copos atravez, se o vinho espuma,
Não deixam vêr do tempo o vôo rapido!
Um outro mez succede...outro começa,
E Alfredo, allucinado nos deleites,
Entre os devassos que chamára « amigos »
Ao vêr de perto a ultima semana,
A si proprio se disse: « Eu sou um louco
« Que importa deixar já meus dôces gosos?
« Mais ainda um prazer! um só! bem bastam
« Oito dias á dôr! Mais um sorriso...
« Que uma lagrima só custa bem pouco! ».

E os amigos diziam: — « Nossos hymnos
« Não são do canto-chão as choradeiras!
« Chegada a hora extrema... a noite outava...
« Que turbilhões de luz e de barulho!
« Beberás, sonhador! E a fatal noite
« Has-de passa-la tão folgada e leda,
« Que no dia seguinte nem te lembres

« De contar-nos tolices de virtude,
« Nem projectos de parvo convertido ! »

Três dias já lá vão. Eis um convite
D'amigos n'um castello invoca Alfredo.
E ousará partir? O desgraçado
Suffocará no seio o seu remorso?
Não, que ouviu sinistra voz: « MANHAN ! »
Tremeu, fugiu, trahindo a vigilancia
De seus crueis *amigos* ! Alta noite
Entrou no quarto aonde a mãe outr'ora,
As faces lhe beijava em seus delirics.

Era no mez d'Abril: fresca verdura
De formosos festões lhe engrinaldava
A janella do quarto. A philomela
Louvava o Creador em seus descantes.
E as brancas franjas de seu rico leito
Dourava-lh'as do sol furtivo raio.

« Ah ! — murmura Alfrêdo — as minhas penas
« Aqui ecco não tem, que me responda !
« É possivel que a morte hoje me chame,
« Quando nesta mansão é tudo encantos?
« A morte ! a morte já ! E a natureza
« Tão pura e tão serena hoje se ostenta !
« Porque tão lindo o sol hoje parece
« Ligar a terra e o céo em terno enlace?
« Este hymno precursor da primavera
« Que harmonias não tem? que esp'rança afaga !
« Quando é tão bella a vida entre estas flores
« Quem é que pensa em Deus? quem tem coragem
« De vêr a morte, e de saber morrer ! »

Assim, longe do céo, scismava Alfredo
Nos encantos da terra! Assim repelle
A penitencia, no descrêr da morte:
E, com tudo, duvida...e treme, e pensa
Se tão magico sol, manhan, seus raios
Sobre elle verterá!... Quem sabe! E as forças
Tão cheias de saude e mocidade
Nunca elle as sentiu!... Morrer!... tão cedo!

« Esta noite! Esta noite! » D'entre o crepe
Que o retracto da mãe cobria, Alfredo
Estas vozes ouviu!

Descera a noite.

Lançado n'um sophá, junto da pendula,
Que rapida lhe marca a noite extrema,
O desgraçado espera o seu trespasse.
Os olhos crava no ponteiro, e conta
Os minutos que fogem! Lucta horrivel!
Quer chorar, e não póde...uma só lagrima,
Ai! lagrima d'amor, não tem que o salve!

«Ao menos—elle diz—que eu, n'outro mundo,
« Possa agora prevêr a luz da esp'rança!
« O tempo que me resta é um relampago!
« Esta é a hora da prece e do remorso!
« Eu ergo as mãos...SENHOR!...mas perturbado
« Me sinto, e minha álma não tem vôos...
« Augmenta o meu terror. Eu ouço a pendula
« Contando-me os instantes derradeiros....
« E não posso chorar!... A dôr me foge!...
« Oh meu berço tranquillo! ó lar materno!
« Dai-me suspiros de contricto! dai-me
« A fé na penitencia!... Vãos esforços!

« Eu só vejo o relogio , que se apressa !
« Onde achar uma lagrima, Senhor !
« Quando o meu coração se preoccupa
« No ponteiro fatal que tanto corre ! ..
« Um minuto... um só... meu Deus !.. ei-lo passado
« Umahora , Senhor ! ... Um quarto, ao menos! .. »
....

Era já tarde ! um grito Alfredo solta !
Que negros muros
São esses , povoados de fantasmas
Envoltos em lençoes por entre as trevas ?
Que sinistros clarões por entre as sombras ?
Alfredo os olhos abre , e crê estar vendo
Sua egreja natal... e , exclama: «Oh Christo !
« Seria um sonho apenas ! Eu me prostro ...
« Meu Deus ! meu protector ! Vós me valestes!
« Este sonho me déstes ! Foi o preço
« Da lagrima d'amor , e de remorso !
« Só foge a contrição ao que a despresa...
« Eu quero ser christão !.. Quero adorar-vos'»
Alfredo foi fiel ao seu remorso ;
As algemas quebrou do captiveiro ;
Cheio de fé e ardor , seguiu a estrada
Da honra e do dever ; e achou a esp'rança
Ligada ao casto amor da terna esposa.
Venturosos viveu continuos annos...
E no instante final do passamento ,
Erguendo as mãos ao ceu , assim dizia :
« Meu Deus ! muito chorei ! ... e morro em paz ! »

GRITO DE VINGANÇA.

(*Versão livre de Devoille.*)

Vingança, oh Deus, senhor das tempestades
Vingança sobre a terra, que rainha
Vós quizestes fazer, e ella, ingrata,
Rebelde á virgem fé, e á honra antiga
Se entrega aos deuses falsos! Oh! vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
« Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
« E a gloria d'um Deus é ser piedoso! »

Vingança contra os homens egoistas,
D'um povo cego cegos conductores,
Que ensoparam as mãos no regio sangue,
E, orgulhosos de si, a cruz calcaram,
E riram-se de vós! Senhor! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
« Castigae-os, Senhor, nós, menos que elles,
« Provocamos na terra as vossas iras! »

Vingança contra os homens do talento
Que a lira consagraram, libertinos,
Ao dourado bezerro, e proclamaram
Como Deus o prazer, e como esp'rança
O nada do sepulcro! Oh Deus! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
« Piedade, Senhor! que é fraco o homem,
« E a gloria d'um Deus é ser piedoso! »

Vingança contra os sabios orgulhosos,
Que disseram « a lei não é precisa
A nós homens no mundo emancipados;
A nós, homens da luz e do progresso,
E' bastante a razão! « Senhor! Vingança!

——

E gritos lá do inferno vozearam:
« Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
« Provocamos na terra as vossas iras! »

Vingança contra os velhos insensatos
Que derramam veneno em seus discursos
No tenro coração da mocidade,
E dizem com prazer « os nossos filhos
Sem Deus existirão! « Senhor! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
« Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
« E a gloria d'um Deus é ser piedoso! »

Vingança contra as mães, que, repellindo
A augusta inspiração de Evangelho,
Deixaram desfolhar as livres filhas
Do crime em impio altar as virgens flores
Da honra e do pudor! Oh Deus! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
« Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
« Provocamos na terra as vossas iras! »

Contra os vicios da impia mocidade,
Contra os velhos, sem fé, e contra as virgens,
Sem crença e sem pudor, e contra o pobre

Que blasfema, e o rico que corrompe...
Vingança, oh Deus! Anathema! Vingança!

E a terra e o inferno, ao mesmo tempo, gritam:
« Piedade, meu Deus! Senhor! vingança! »

Assim cantava um anjo d'entre as nuvens
Sobre um carro de fogo, e, ao ver na terra,
A cruz da Redempção, curva o joelho,
E sumiu-se nos astros.

ORAÇÃO Á MÃE DE DEOS.

As obras da graça são como um jardim de delicias, e de bençãos; e a misericordia durará eternamente.

ECCLES — CHXL, v. 17.

Rosa, na terra plantada,
Entre espinhos e abrolhos,
Volve a mim d'essa morada,
Onde fôste arrebatada,
Os teus compassivos olhos!

Vê, Senhora, que eu hei posto
Só em ti a minha esp'rança:
Se de mim foge o teu rosto,
Eu não fujo ao meu desgosto,
Que bem rapido me alcança.

Invoquei-te na tristeza
Do meu tão penoso exilio ;
Dentro em mim senti accesa
Uma luz , cuja viveza
Era a fé no teu auxilio.

Desde então , mal sinto as dôres
De quem fui escravo já...
Busco os dons animadores ,
Mando ao céo os meus clamores ,
E o céo graças me dá.

Mãe dos orfãos desvalidos
A ti devo quanto alcanço ;
Mudos foram meus gemidos...
São meus dias succedidos
Nas doçuras do descanço.

Mas se o teu divino amparo
Me abandona um só instante ,
É então que em mim reparo ,
E as fraquezas só deparo
Do peccado triumphante.

Um momento nesta vida
Não me deixe o teu amor !
Faz do fraco um homem forte ,
E por mim pede na morte
Na presença do Senhor !

OS SETE PSALMOS PENITENCIAES.

I. (*)

Domine ne in furore tuo.
(Ps. 6.)

Senhor! não accuseis os meus delictos
Em o vosso furor!
Inflammado nas iras da justiça,
Não olheis para mim, que sou um fraco
Bem digno de dôr!

Meu coração tremeu, senti meus ossos
Vergarem d'afflicção!
Enluctaram minh'alma os véus da morte,
Do estrado da miseria, oh Deus! pedi-Vos
Amor, e compaixão!

Volvei, Senhor, volvei olhos divinos...
Volvei-os para mim!
Quebrai estes grilhões, que me angustiam!...
Se desço impenitente á sepultura...
É perdição sem fim!

Ralado entre as mãos do meu remorso
Cancei-me de chorar!
De lagrimas lavei meu leito acerbo,
Meu leito, não...o estrado em que me prostro
Sem repouso encontrar!

(*) David, vexado por Saul até lhe ameaçar a morte, nada teme confiado no soccorro de Deus.

Ludibrio d'inimigos meus, e Vossos,
Meu Deus, eu fui aqui!
Apagaram-me a luz do entendimento.,
Fizeram-me infeliz.. cercado d'impios
No crime envelheci!

Apartai-vos de mim, homens do crime!
Malditos do SENHOR!
Confundi-vos, corai, turvai-vos, impios!
Que eu, nos trances da dôr, chorei, e o Eterno
Ouviu o meu clamor!

II. (*)

Beati quorum remissœ sunt iniquitates.
(Ps. 31.)

Felizes são aquelles, cujos crimes,
Cobertos pelo véu da contrição,
Desarmaram o braço vingativo
Das iras do Senhor, com seu perdão!

Venturoso aquelle, que não teme
A sentença fatal do extremo dia,
E, contente de si, marcha seguro
Com a mente no céo, á campa fria!

Tive crimes...calei-os...meu silencio
Gemidos me arrancou do coração;

(*) David enfermo, e pedindo perdão a Deus, dá-lhe graças pela remissão de seus peccados; e, instruido por Deus, se converte a melhor vida.

Meus ossos se mirraram ; noite e dia,
Pensei ouvir do céo a maldição !

O alento, que tinha, entre agonias
Pouco e pouco, Senhor , então perdi ;
Mas sempre a mesma dôr , e o peso immenso
Da vossa mão, Senhor, em mim senti.

Confessei meu peccado, e ousei pedir-vos,
Com lagrimas contrictas, compaixão...
Meu Deus! Vós perdoastes! como é grande
A Vossa magestade no perdão !

Quando o justo se prostra em vossas aras,
E vos ergue oração cheia d'amor,
Que importam do diluvio as ondas torvas,
Que não pódem turvar-lhe o seu fervor ? !

Vós sois o meu refugio nas torturas
Com que o espectro da culpa me angustia !
Protegei-me dos impios, que me cercam,
Vós, que sois o meu Deus, minha alegria !

Senhor ! Vós me dizeis : « Eu quero dar-te
« Um novo entendimento , e nova luz ;
« Não mais desviarei meus olhos ternos
« Da estrada , que da terra ao céo conduz.

« Não queiras imitar a fera livre
« Que freio não consente , e da rasão
« É cega ao resplandor, e, cega, estala
« As bridas d'impotente sujeição. »

Ai de ti, peccador ! que immensas mágoas
Teu peito hão-de um dia lacerar,
Se esp'ranças no Senhor, não tens alguma,
Que possa o teu morrer suavisar !

Oh justos ! transportai-vos d'alegria,
E em jubilos infindos do Senhor !
Cantai a sua gloria, oh vós, que tendes
Um recto coração, rico d'amor !

III.

Domine, ne in furore tuo...
(Ps. 37.)

Trespassado foi meu peito
Das vossas setas, Senhor !
Não me accuse a vossa ira
Suspendei vosso furor.
Eu trepido ante meu crime,
Quando vossa mão me opprime
E entorpece os membros meus ;
Curvo a fronte criminosa,
Sob a mão peccaminosa,
Que me priva olhar os céos.

Eu perdi a luz do goso
Quando o manto da agonia
Me toldou com negra dobra
Em minha face a alegria.
Eu sou réo ! deixei vencer-me
De illusões...senti perder-me

Nesse mar da corrupção...
Fel amargo circulou-me
Nas entranhas, e ulcerou-me
O turvado coração.

Submerso em meus pesares
Vi-me só, triste, peregrino...
Eu provei quantas miserias
Traz comsigo o desatino;
Sem esp'ranças, já perdido,
Meu gemer era um rugido
Na final humilhação;
Minhas forças alquebradas
Succumbiram, devoradas
Pelo fogo da afflicção.

Oh meu Deus! os meus desejos
E motivos de amargura,
Bem os vêdes neste pranto,
Que me sai da alma escura.
Perco a luz do entendimento,
Paralisa o sentimento
Sinto o coração arfar...
Os parentes, os amigos
Todos são meus inimigos
Nem um só pr'a me amparar.

Houve alguns, que inseparaveis
N'outras eras, eu julguei
Esses mesmos...conspiráram
Contra mim porque pequei...
Buscam uns tirar-me a vida,
Com violenta mão, tangida

Pela fraude, e por traição;
Outros...erros nem sonhados
Vão buscar nos meus passados
Dias d'amarga afflicção.

Minha voz não solta o peito
Contra injurias tão atrozes;
Sou qual homem que não ouve
Ou se entende, não tem vozes!
Soffro, mas minha innocencia
Vêde-a vós, Deus de Clemencia
Para dar-me protecção;
Crimes...tenho — eu proprio o digo —
Mas não delles...o castigo
Ha-de vir da vossa mão.

Para a dôr sou preparado
Não a esqueço um só instante...
Vejo-a sempre, e meu remorso
Sinto-o acerbo, e penetrante.
Os que a raiva me professam
Vivam, sim, embora cresçam
Eu não temo o seu furor!
Quando máo, foram-me amigos,
Conspiraram-se inimigos
Quando a vós bradei, Senhor!

Senhor! elles que importam? sou ditoso
Com o vosso amparo, e protecção!
Não tardeis o soccorro a quem vos pede,
Senhor! misericordia, e salvação

IV. (*)

> Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam
> (Ps. 50.)

Sois tão grande, meu Deus, em piedade,
Que eu ouso para mim pedir clemencia!
Compaixão para mim! para os meus crimes,
E as maculas da minha iniquidade
Apagai-m'as, Senhor!

Lavai-me as nodoas de pungentos erros!
O impuro coração, sede do crime,
Meu pranto amargurado o purifique.
Reconheço, Senhor, minhas maldades,
Eu pequei contra vós!

Diante de meus olhos vaga sempre
O torvo espectro do peccado horrendo,
Que, na vossa presença, perpetrára,
E que um dia será, em vossos juizos,
O meu accusador!

Das entranhas nasci da iniquidade,
Na culpa me gerou quem me deu vida;
Mas vós, Senhor, que sois luz de verdade,
Um raio de sciencia em minha alma
Mandastes penetrar.

(*) Este psalmo é opinião que fôra composto por David, quando, reprehendido pelo profeta Nathan do crime de adulterio e homicidio, se sentiu vivamente contricto, e procurou alcançar o perdão do Senhor.

Minh'alma borrifai co'as aguas doces
Da vida e do perdão, e, mais que a neve,
Meu turvo coração será na alvura;
Palavras d'alegria, se m'as derdes,
Meu corpo exultará.

Esquecei do passado os meus delictos,
Não olheis o que eu fui: um novo alento,
Um novo coração com santo zelo
Propenso para o bem, para a virtude,
Meu Deus, em mim creai!

De mim não aparteis a vossa face,
Nem d'alma a inspiração d'um santo alento.
O jubilo saudavel de adorar-vos,
Senhor! restitui-m'o, e os dons proficuos
Da graça confiai-m'os

Farei que os impios saibam adorar-vos,
Convertidos a vós... Mas perdoai-me
As insanas paixões do meu passado...
Que eu possa exclamar vossa justiça
Egual á compaixão!

Abri, Senhor, meus labios! santos hymnos
Meus labios cantarão em honra vossa!
Victimas não quereis, nem holocaustos,
Mas coração contricto, humilde, e recto
Senhor! eu vos darei!

A benção derramai sobre as ruinas
Da luctuosa Sião, que a face esconde

No véu das amarguras do seu crime!
Em seu altar, depois, puras offertas,
Meu Deus! acceitareis!

V. (*)

Domine, exaudi orationem meam.
(Ps. 101.)

Attendei ás minhas preces,
Chegue a vós o meu clamor;
Não se esconda a vossa face,
Quando eu choro a minha dôr.

Os meus dias foram fumo,
Os meus ossos se myrraram,
Como a flôr em secco estio,
Como as hervas, que murcharám.

Despresei vossos preceitos,
Abracei-me á afflicção;
Do gemidos meus a ardencia
Ressiquiu-me o coração!

Eu vaguei, ave da noite
Nos desertos, triste, e só;

(*) Os padres consideram este psalmo, deprecatorio e profectico, como uma oração de Christo pelo estabelecimento da sua Egreja. S. Paulo (Epist. aos heb.) applica ao mesmo Christo os versos 26, 27, e 28, em prova da sua divindade. Na maioria das opiniões, este psalmo é de Daniel, Jeremias, ou outro qualquer profeta, durante o captiveiro.

Não achei um doce abrigo,
A ninguem inspirei dó!

Perseguiram-me, inimigos,
Os que d'antes me louvaram;
E d'opprobrios insultantes
Contra mim se conjuraram.

O meu pão amargurado
Com meu pranto humedecia,
E as lagrimas da angustia
Misturava ao que bebia.

Vós me havieis exaltado
Ao fastigio da grandeza;
E, forçado por meus crimes,
Me lançaste na pobreza.

Os meus dias foram sombra
N'um instante esvaecida;
Como arbusto aos pés calcado,
Eu julguei a minha vida.

Mas, Senhor! o vosso nome
Vai á extrema geração!
Hei-de vêr-vos ainda um dia
Condoido de Sião.

É já tempo de piedade,
Soccorrei-a, oh Senhor!
Venham reis de toda a terra
Lá cantar vosso louvor!

« Á voz do Eterno, Sião ergue-se altiva ;
« As glorias do Senhor nellá fulguram !
« Os humildes no céo a Deus procuram,
« E Deus escuta o som do seu chorar !

« Este canto de gloria
« Vá ao fim das gerações,
« Venha o povo então cantar
« Ao Senhor santas canções.

« Das alturas do céo divinos olhos
« Desceram para a terra, onde gemiam,
« Captivos em grilhões, os que se viam
« Salpicados do sangue de seus paes.

« Juntem-se os reis e os povos
« Sirvam juntos o Senhor;
« Cantem-lhe hymnos festivaes,
« Em perfumes de louvor !

« No trance da amargura o povo exclama :
« Senhor ! não nos chameis antes do dia
« Em que seja quebrada a algema impía
« Da nossa lamentosa servidão !

« Vós, Senhor, creaste a terra,
« E creaste os altos céus,
« Resgatai tambem Sião,
« E os tristes filhos seus !

« A mão do tempo passará horrivel
« Sobre o imigo cruel da patria cara ;

« A mão que o céu, e a terra, e o már creára,
« Não ha-de, em seu auxilio perecer!

« E os filhos destes servos
« Que são vossos, oh Senhor!
« Hão-de um dia ainda ter
« Um repouso durador.

VI. (*)

De profundis clamavi ad te Domine.
(Ps. 129)

Deste abysmo profundo, em que me vejo,
Recorro a vós, Senhor!
Meus gemidos ouvi, prestai ouvidos
A' voz do meu clamor!

Meu Deus! se a nossos crimes attendesses,
Quem é que existiria?
Na vossa compaixão, e lei da graça
E' que o homem confia.

O povo israelita em Deus espera
Durante a noite e o dia;
A luz da redempção, que em Deus existe,
A todos allumia.

(*) O povo d'Israel, dorido de seus males, confessa os seus crimes, e supplica a misericordia do Senhor.

Hoje chora Israel passados erros,
E um dia sorrirá;
Que as nodoas de seus crimes o Altissimo
Um dia lavará.

VII. (**)

Domine exaudi orationem meam: auribus percipe observationem meam in veritate tua.
(Ps. 142.)

Deus piedoso, minha prece escuta!
Deus de verdade, meu clamor attende!
Deus de justiça, esta oração me ouvi...
E julgai-me depois!
Não gosa um justo só vossa presença
Sem vossa compaixão! Nós somos homens ...
Sujeitos ao peccado... ha só um justo
Só vós o justo sois!

Eu, homem perseguido pela culpa,
Inclino para o pó a fronte humilde
E vejo em minha vida a escuridade,
Das trevas sepulcraes!
Turbado o coração, e a alma afflicta,
Lembrei-me desses dias venturosos,
Em que o vosso favor santificava
Meus dias festivaes!

(**) David, quando seu filho Absalão o perseguia.

Mãos tremulas ergui, e esta alma esteril
Puz na vossa presença! .... Oh Deus! depressa
Soccorrei-me depressa... eu desfalleço,
Se o rosto me escondeis!
Bem cedo baixarei á sepultura,
Se a luz da compaixão me não dá vida;
Mostrai-me o meu caminho de virtude,
E não me condemneis!

Protegei-me, Senhor, dos inimigos;
Ensinai-me os preceitos, que são vossos;
Mandai o vosso espirito guiar-me
Pela estrada do bem!
Não mais agudo espinho ha-de cravar-me,
Será vossa justiça a minha vida,
Vereis meus inimigos confundidos,
Não temerei alguem!

FIM.

VENDE-SE:

No PORTO — Na Redacção do *Porto e Carta*, rua de Santa Catharina n.º 13 a 15, e rua 23 de Julho n.º 3 a 5.

EM VILLA REAL — Em casa do snr. Antonio José Portella.

EM BRAGA — Em casa do snr. Luiz do Amaral Ferreira, na rua do Souto.

PREÇO 600 reis.